

Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Dissertação

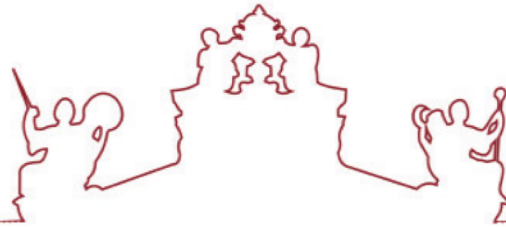
**Da espontaneidade do jardim coloquial - caracterização do
jardim da Senhora do Penedo, um paraíso escondido na
cidade de Vila Nova de Gaia**

João Luis Gama Junqueira

Orientador(es) | Paula Maria Simões

Évora 2024





Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Dissertação

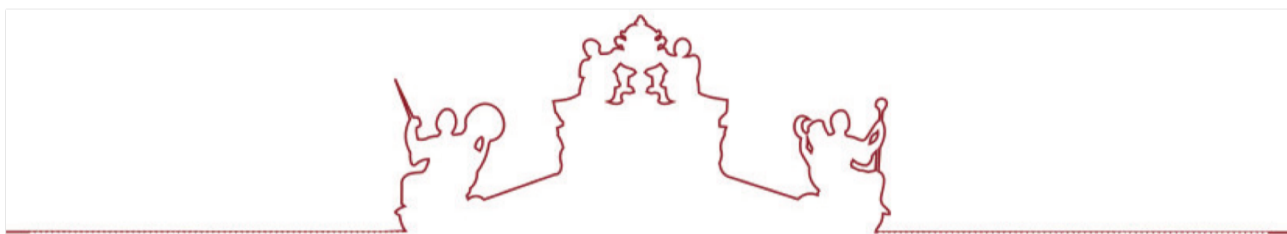
**Da espontaneidade do jardim coloquial - caracterização do
jardim da Senhora do Penedo, um paraíso escondido na
cidade de Vila Nova de Gaia**

João Luis Gama Junqueira

Orientador(es) | Paula Maria Simões

Évora 2024





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências e Tecnologia:

Presidente | Maria Freire (Universidade de Évora)

Vogais | Paula Maria Simões (Universidade de Évora) (Orientador)
Paulo Farinha Marques (Universidade do Porto) (Arguente)

Évora 2024



Aos meus pais e irmãos
ao Sr. Artur e D. Helena

AGRADECIMENTOS

À professora Paula Simões, por todo o entusiasmo, paciência e orientação.

À professora Conceição Freire, pela paciência;

Aos professores do Mestrado em Arquitetura Paisagista da Universidade de Évora, por todo o conhecimento transmitido e horizontes alargados;

À Universidade de Évora, por facultar ao longo do mestrado ferramentas imprescindíveis para a realização deste trabalho;

Aos Srs. de Valadares como carinhosamente os tratamos, Artur Pereira e Helena Pereira, pela confiança e por permitirem expor um espaço tão íntimo e especial como o seu jardim;

Aos meus pais e família, por acreditarem nos meus sonhos e me permitirem explorar os meus interesses;

Ao Rafael Marques, por todo o apoio nos momentos mais desafiantes, e por me incentivar a dar o meu melhor;

À Joana Tinoco, pelo olhar atento e crítico, disponibilidade e paciência;

Ao André e ao António, pelo companheirismo, momentos de discussão, pensamento crítico, troca de conhecimentos e ideias;

Aos meus amigos, Violeta, Júri e Sílvia, por todo o apoio, incentivo e palavras de confiança;

Ao Jardim Botânico do Porto, por sempre me receber calorosamente, e ser inspiração em momentos de reflexão.

RESUMO

Da espontaneidade do jardim coloquial - caracterização do jardim da Senhora do Penedo, um paraíso escondido na cidade de Vila Nova de Gaia

O presente trabalho tem como principal objetivo a caracterização do jardim da Senhora do Penedo. Foi realizada uma análise dos sistemas que participam no jardim e uma recolha de testemunhos. Esta última foi realizada através de registos de conversas, partilhas e passeios com os autores e proprietários Helena Pereira e Artur e entrevistas a convidados que visitaram o espaço acompanhados pelos proprietários.

O valor acrescentado por este estudo resulta da particularidade de ter tido a possibilidade de recolher os dados diretamente com quem criou e projetou o jardim.

Pode-se, com esta recolha, compreender o extravasar da obra para lá dos limites físicos do espaço, criando um registo singular dentro da arte dos jardins em Portugal.

Nesta caracterização propõe-se expor a importância de conhecer e sentir a individualidade de cada lugar, pondo em evidência o seu significado para quem o vive como seu, mas também para quem o experiencia.

Palavras-chave: Arquitetura Paisagista; Vegetação; Jardim; Construção; Espacialidade

ABSTRACT

Of the sponteinity of the colloquial garden - characterization of the garden of the Senhora do Penedo, a hidden paradise in the city of Vila nova de Gaia

The main objective of this work is to characterize the Senhora do Penedo garden. An analysis of the systems that participate in the garden and a collection of testimonies were carried out. The latter was carried out through records of conversations, sharing and tours with the authors and owners Helena Pereira and Artur and interviews with guests who visited the space accompanied by the owners.

The value added by this study results from the particularity of having the possibility of collecting data directly from those who created and designed the garden.

With this collection, it is possible to understand how the work goes beyond the physical limits of the space, creating a unique record within the art of gardens in Portugal.

This characterization proposes to expose the importance of knowing and feeling the individuality of each place, highlighting its meaning for those who live it as their own, but also for those who experience it.

Keywords: Landscape Architecture; Vegetation; Garden; Construction; Spaciality

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Localização geográfica do Jardim da Senhora do Penedo na AMP.	18
Figura 2 - Cartografia histórica de 1943 de Valadares.	20
Figura 3 - Cartografia histórica de 1976 de Valadares.	20
Figura 4 - Ortofotomapa de 2003 de Valadares.	21
Figura 5 - Ortofotomapa de 2005 de Valadares.	21
Figura 6 - Ortofotomapa de 2008 de Valadares.	21
Figura 7 - Ortofotomapa de 2012 de Valadares.	21
Figura 8 - Fotografia aérea de 2023 de Valadares.	22
Figura 9 - Mapa do PDM de Vila Nova de Gaia.	23
Figura 10 - Mapa da Estrutura Ecológica de Vila Nova de Gaia.	25
Figura 11 - Rua do Penedo, direção norte.	26
Figura 12 - Rua do Carvalhal, direção sudoeste.	26
Figura 13 - Mapa da envolvente imediata do jardim.	27
Figura 14 - Zonamento do jardim por época de intervenção.	33
Figura 15 - Zonamento do jardim com a numeração dos subespaços.	35
Figura 16 - Entrada Oeste, vista da Rua do Penedo.	36
Figura 17 - Entrada Oeste, vista para o interior do jardim.	36
Figura 18 - Lago dos Cisnes, vista para sul.	37
Figura 19 - Lago dos Cisnes, vista para norte.	37
Figura 20 - Lago dos Cisnes, vista desde o canteiro.	38
Figura 21 - Canteiro adjacente ao Lago dos Cisnes.	38
Figura 22 - Parte central da Cascata das Monsternas.	39
Figura 23 - Lado esquerdo da Cascata das Monsternas.	39
Figura 24 - Lado direito da Cascata das Monsternas.	39
Figura 25 - Escada do Relvado das Estrelícias.	40
Figura 26 - Entrada para o Relvado das Estrelícias.	40
Figura 27 - Vista para o Pavilhão de Eventos.	41
Figura 28 - Vista para o relvado do Pavilhão de Eventos.	41
Figura 29 - Escadaria da Mata.	42
Figura 30 - Capela da Mata.	42
Figura 31 - caminho principal da Mata.	42
Figura 32 - Aspecto geral do Terreiro.	43
Figura 33 - Vegetação de um dos canteiros do Terreiro.	43
Figura 34 - Pormenor do arranjo do pandanos.	43
Figura 35 - Pormenor do interior da Estufa.	44
Figura 36 - Pormenor do interior da Estufa.	44
Figura 37 - Aspeto geral da horta.	45
Figura 38 - Vista dos Lagos da Casa para norte.	46
Figura 39 - Vista lateral dos Lagos da Casa.	46
Figura 40 - Vista para a Coleção de Iris.	46
Figura 41 - Vista do Jardim das Traseiras desde a casa.	47
Figura 42 - Vista do Jardim das Traseiras desde a Estufa.	47
Figura 43 - Planta do Sistema Hídrico e Hidráulico.	49
Figura 44 - Lago do Jardim das Traseiras.	51
Figura 45 - Pormenor dos Lagos da Casa.	51
Figura 46 - Pormenor da mina.	52
Figura 47 - Vista para a cascata do Lago dos Cisnes.	52
Figura 48 - Tanque da Mata.	52
Figura 49 - Mapa do Sistema de Circulação.	53

Figura 50 - Pavimento em ladrilho vermelho.	54
Figura 51 - Pavimento de cimento com godo.	54
Figura 52 - Caminho de pé posto da Horta.	54
Figura 53 - Pavimento em blocos irregulares de granito.	55
Figura 54 - Pavimento em microcubo de granito.	55
Figura 55 - Pavimento do acesso à capela.	56
Figura 56 - Vista para as escadas do Relvado das Estrelícias.	58
Figura 57 - vista para o jardim a partir da capela da Mata.	58
Figura 58 - Vista da entrada do jardim para o Lago dos Cisnes.	58
Figura 59 - Mapa dos edifícios identificados.	61
Figura 60 - Banco de ripas de madeira.	63
Figura 61 - Banco de alvenaria de granito.	63
Figura 62 - Banco de betão azulejado.	63
Figura 63 - Dedicatórias em painel de cerâmica pintada.	64
Figura 64 - Dedicatória em painel de bronze com baixo relevo.	65
Figura 65 - Dedicatória em painel de bronze com pequena escultura.	65
Figura 66 - Mapa do Sistema Clareira-Orla-Mata.	69
Figura 67 - Gráfico da percentagem e número de taxa por Classe.	72
Figura 68 - Gráfico da percentagem e número de taxa por continente.	73
Figura 69 - Gráfico da percentagem e número de taxa por clima.	74
Figura 70 - Gráficos do número de taxa asiáticos por clima.	75
Figura 71 - Gráficos do número de taxa africanos por clima.	75
Figura 72 - Gráficos do número de taxa americanos por clima.	75
Figura 73 - Gráficos do número de taxa europeus por clima.	75
Figura 74 - Gráficos do número de taxa oceânicos por clima.	75
Figura 75 - Gráfico da percentagem de taxa por clima no exterior.	76
Figura 76 - feto-de-botão (<i>Woodwardia radicans</i> (L.) Sm.	77
Figura 77 - <i>Sphaeropteris cooperi</i> (Hook. ex. F.Muell.) R.M.Tryon.	77
Figura 78 - <i>Dennstaedtia davallioides</i> (R.Br.) Moore.	78
Figura 79 - palmeira-bungalow (<i>Archontophoenix cunninghamiana</i> (H.Wendl.) H.Wendl. & Drude).	78
Figura 80 - palmeira-nikau (<i>Rhopalostylis sapida</i> H.Wendl. & Drude.	78
Figura 81 - palmeira-mula (<i>xButiagrus nabonnandii</i> (Prosch.) Vorster).	78
Figura 82 - <i>C. japonica</i> L. 'Cup of Beauty'.	79
Figura 83 - <i>C. japonica</i> L. 'Red Leaf Bella'.	79
Figura 84 - <i>C. x williamsii</i> W.W.Sm. 'Night Rider'.	80
Figura 85 - iris do grupo germanica.	80
Figura 86 - iris do grupo pacifica.	80
Figura 87 - lírio-japonês (<i>Iris japonica</i> Thunb.).	80
Figura 88 - Localização de exemplares raros e de grande valor ornamental.	81
Figura 89 - <i>Aloe ribauensis</i> T.A.McCoy, Rulkens & O.J.Baptista.	84
Figura 90 - <i>Pandanus furcatus</i> Roxb.	84
Figura 91 - <i>Rothea myricoides</i> (Hochst.) Steane & Mabb. e <i>Hedychium coccineum</i> Buch.-Ham. ex Sm.	84
Figura 92 - Brinco-de-princesa de flor dobrada (<i>Fuchsia</i> 'Tatlo').	84
Figura 93 - Estampa antiga com representação do brinco-de-princesa 'Tatlo' (flor à direita).	85
Figura 94 - Monsteras a trepar pela tília-de-folhas-largas.	85

ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO	10
2 - METODOLOGIA	14
3 - CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR	18
Localização Geográfica	18
Caracterização Geomorfológica	19
Caracterização climática	19
Enquadramento dentro do Sistema Urbano	20
4 - CARACTERIZAÇÃO DO JARDIM	29
Cronologia	30
Caracterização das subunidades do Jardim	34
Sistema hídrico e hidráulico	49
Sistema de circulação	53
Sistema sensorial	57
Edifícios, elementos construídos e mobiliário	61
Sistema de vegetação	66
5 - RECOLHA DE TESTEMUNHOS	87
Conversa com o casal Pereira	88
Entrevista ao casal Pereira	94
Testemunho pessoal	95
Entrevistas a visitantes	98
6 - CONCLUSÃO	99
BIBLIOGRAFIA	103
WEBGRAFIA	105
ANEXOS	107

1 - INTRODUÇÃO

Ilha, refúgio, paraíso, oásis, são termos muitas vezes associados com a ideia de jardim. Estes implicam sempre um contraste forte entre o interior e o exterior: terra-mar, segurança-perigo, perfeição-imperfeição, abundância-carência. O jardim acaba por conter em si muitas das características destes termos. Seja confinado por uma barreira física ou somente metafórica, qualquer jardim implica um contraste e desconexão com o exterior. Desta forma, o jardim tenta providenciar a melhor das relações com a natureza, eliminando através do artifício humano os excessos das condições naturais – encontramos-lo ameno, abundante em água, confortável e repleto de vida afável (Tuan, 1990).

Esta característica edénica está bem presente nos jardins em clima mediterrânico (Shepard, 1991) principalmente pelo contraste entre o interior sempre verde, aprazível e rico em água, e o exterior agreste e desagradável.

Em Portugal, e dentro do enquadramento climático mediterrânico, os jardins apresentam-se como locais de grande amenidade e abundância, mas também como uma relação entre o rural e o urbano. No entanto, enquanto no resto do continente europeu se abandona a prática produtiva no jardim, esta acaba por persistir no jardim lusitano (Carapinha, 1995). Esta presença forte da parte produtiva, e sua relação e comunicação com a parte lúdica, leva à criação de dinâmicas muito próprias na vivência do jardim. A morfologia que os espaços adquirem tendo em conta a função predominante (produção ou recreio) e a separação destes espaços usando muros, sebes ou outros artifícios, resulta num descobrir gradual de todas as partes do jardim, aumentando as possibilidades de surpresa – o jardim nunca se apresenta de uma vez só (Carapinha, 1995).

São identificadas quatro tipologias de espaço dentro das Quintas de Recreio (Carapinha, 1995): mata, horto de recreio, horta e pomar. Enquanto a mata é um espaço onde domina a verticalidade, o mistério, o sossego e uma natureza controlada, o pomar, que também se afasta do solo, caracteriza-se pelo ritmo, disposição, forma e controlo. Por outro lado o horto de recreio desprende-se dos preceitos produtivos e desdobra-se em formas e composições inusitadas, criando um espaço de grande interesse visual, enquanto a horta sem grande componente vertical, e subjugada aos costumes hortícolas, somente se desprende do desenho rígido do espaço pelas formas e vigor das plantações (Carapinha, 1995). Pela importância que estas tipologias têm nas Quintas de Recreio, torna-se interessante a sua consideração como modelos para a identificação de espaços relativamente

semelhantes, ou mesmo idênticos, não só em forma e em função, mas também nas sensações que provocam.

Visto as Quintas de Recreio serem lugares onde recreação e produção coabitam, estas têm de satisfazer as necessidades de água imprescindível à produtividade que as caracteriza. Integradas num contexto climático mediterrânico, somente num acaso estariam integradas num local com abundância deste elemento. Para responder à escassez de água, as Quintas de Recreio são munidas de um sistema hidráulico complexo, que por sua vez influencia o desenho do espaço destes jardins (Carapinha, 1995).

A presença da água, pela sua frescura, luminosidade e murmurar, é frequentemente acompanhada de construções que permitem o disfrutar das suas qualidades enquanto se observa o resto do jardim, em repouso. Estes elementos não são exclusivos da proximidade de elementos de água, mas pontuam o jardim em locais estratégicos, permitindo refúgio em momentos em que os excessos climáticos assolam o fruir do jardim (Carapinha, 1995).

Unindo todas as partes, mas subjugado aos sistemas de fornecimento de água encontramos os percursos. Estes permitem transitar entre os vários subespaços e modelar relações visuais e de proximidade entre estes, servindo também de transição.

Fruto do enquadramento climático, onde dias de grande calor são frequentes, o jardim português não é construído com o intuito de ser vivido em passeio, mas sim de ser vivido e observado em repouso, resguardado o observador em amenidade. Esta forma de viver o jardim convida à reflexão e à observação profunda do espaço, desenvolvendo uma estreita ligação com este.

São, no entanto, raros os registos destas relações entre o jardim e quem o vive. De forma a atingir uma compreensão destas relações, John Dixon Hunt propõe adaptar Wolfgang Iser: este autor considera que a resposta estética parte da interação entre leitor e texto, onde o texto (ou obra literária) estimula a imaginação do leitor (Iser, 2000). Desta interação resulta a criação de um mundo não físico onde se desenrola a obra literária, com base na imaginação de quem experiencia o texto. No entanto, enquanto uma obra literária não tem uma forma física para além do livro onde se encontra escrita, um jardim contém uma forma física que provoca quem o visita, extravasando para a dimensão da imaginação (Hunt, 2004). Este extravasar do jardim para além da sua dimensão puramente física é o que permite a Hunt aplicar, com certas adaptações, a teoria da receção aos jardins.

John Dixon Hunt aproveita também para propor uma adaptação dos dois modelos da teoria da receção: *Rezeption*, o juízo de um texto, e *Wirkung*, o efeito potencial de um texto e a interação com os leitores, à realidade dos jardins, onde o primeiro se preocupa com as reações a um jardim que se procura entender, julgar ou explicar, e o segundo com o clarificar a interação entre o jardim e o visitante (Hunt, 2004).

Embora a documentação existente sobre jardins privilegie principalmente a sua iniciação, criadores e designers (Hunt, 2004), é rara aquela que aborda a recepção destas obras por parte de quem as visita. Existem, no entanto alguns casos onde se podem retirar informações valiosas sobre o impacto, opinião e relação durante a visita a um jardim. Apresenta-se o seguinte exemplo, do livro de Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas – Notas e Paisagens*:

“(...) o [jardim] de António Borges, com um vale de plantas rendilhadas, onde a gente mergulha em luz verde e atenuada, numa luz de podridão, por entre aquela família de fetos que brotam dum tapete orvalhado de musgo. Cheira a terra e humidade. E a imobilidade em que se desenvolvem estes seres admiráveis e delicados, de folhas em pluma, altos ou minúsculos, miniaturas perfeitas e não excedendo o tamanho de líquenes, faz-me baixar o tom de voz. Melhor: a luz verde e o silêncio glauco onde só penetra um raio de sol que vem de cima e escorre como um fio de aranha a reluzir iluminando um ponto do chão, obrigam-me a suspender os passos para não interromper um conciliábulo que suponho extraordinário. Demoro-me mais no de José do Canto, dum verde cerrado e magnético. Árvores que infundem respeito, com furnas e cavernas nos troncos, árvores cenográficas, cheias de força e amplidão ou transparentes e frágeis como vidro – pedaço dos trópicos transportado por mágica para Ponta Delgada, e que eu, se tivesse tempo, me deixaria a explorar, a modo de floresta virgem. Conservo dos jardins desta cidade a impressão dum calor abafado, mornaço, duma sombra fechada, dum silêncio religioso e de um passarinho a cantar... Esta solidão com árvores abandonadas (eu ando sempre na ponta dos pés dentro dos grandes jardins, porque comunica logo comigo uma alma estranha ali encantada e presente) fixou-se-me para o resto da vida. As casas são sempre as mesmas casas, os homens os mesmos homens de toda a parte. Os jardins não.” (Brandão, 2018, pp. 227-229).

Esta descrição dos Jardins António Borges e José do Canto, em Ponta Delgada, por parte de Raul Brandão vai além da parte física e das sensações sentidas pelo autor ao longo do seu percurso. São vários os momentos em que a sua imaginação cria enredos, um extravasar do espaço para o mundo do imaginário. Nesta relação entre o jardim e o visitante, a forma física do espaço perde território para meditações e impressões, muitas vezes emocionais (Hunt, 2004).

A relação mais emocional entre o jardim e o autor é incentivada por vários elementos do jardim que no caso de Raul Brandão são principalmente vegetais, mas que podem ser de natureza arquitetónica, estatuária ou inscrições (Hunt, 2004).

Pode-se assim propor que o jardim, como espaço complexo, se encontra representado no mundo material, mas também no mundo do imaginário de quem o visita. Esta dualidade provoca aqueles que visitam jardins quando, ao fazerem uso da imaginação memória e disponibilidade a novas experiências tornam o jardim maior e mais interessante (Hunt, 2004).

O jardim da Senhora do Penedo encontra-se repleto de significados, símbolos e histórias, testemunhos que extravasam da relação íntima entre o casal Pereira e o jardim, porque são parte da vida dos mesmos. Estes desprendem-se da realidade física com que diretamente interagem com os visitantes, provocando-os a descobrir muitos dos significados e símbolos do espaço.

Esta intercessão entre o espaço e quem o vive e visita foi registada, de forma a se construir um registo inicial da receção deste jardim, onde se incluem duas relações diferentes com o espaço: a relação entre o casal Pereira e o jardim, e a relação entre os visitantes e o jardim. Estas duas relações diferem no tempo de interação – de uma vida no caso do casal Pereira, mais pontual no caso dos visitantes – e nas expectativas – construção de espaço, coleção (de exemplares botânicos, dedicatórias, espaços) por parte do casal Pereira, observação no caso dos visitantes. Esta dualidade torna-se importante, evidenciando as duas faces da vivência deste espaço, característica em comum com outros jardins e construções.

2 - METODOLOGIA

De forma a enquadrar a caracterização deste espaço, foram consultados documentos referentes à génese e características do jardim português com o objetivo de compreender as suas particularidades e estrutura, e documentos referentes ao estudo de jardins históricos para compreender os processos de caracterização aplicados.

Para a definição e caracterização do conceito do Jardim Português foi consultada a dissertação de doutoramento em Arquitetura Paisagista da Arquiteta Paisagista Aurora Carapinha (1995), que tem como conceito central a identificação e caracterização do jardim português, a quinta de recreio. Segundo este trabalho, a quinta de recreio, embora varie na componente estética consoante a sua localização geográfica, é caracterizada pela permanência da vertente produtiva, e completa-se em três subespaços – mata, horto de recreio, e horta e pomar.

De forma a compreender as metodologias usadas na caracterização de jardins foram consultados a dissertação da Arquiteta Paisagista Rute Sousa Matos, onde são compilados diversos planos e trabalhos de recuperação de jardins históricos em Portugal e proposta uma metodologia a seguir neste tipo de situações, e o documento de candidatura dos Royal Botanical Gardens de Kew (2003), no Reino Unido a Património Mundial da UNESCO. Estes trabalhos foram consultados de forma a construir uma metodologia informada e adaptada ao caso específico do Jardim da Senhora do Penedo.

A Arquiteta Paisagista Rute Sousa Matos apresenta, na sua dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico (1999), uma compilação de metodologias propostas para o estudo e/ou recuperação de jardins históricos com base em relatórios finais de licenciatura em Arquitetura Paisagista, dissertações finais de mestrado em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico, e projetos de recuperação.

Pode-se encontrar como elemento comum a todos os trabalhos considerados na dissertação de Rute Sousa Matos uma análise histórica, fisiográfica e uma caracterização dos diversos sistemas (hídrico e hidrológico, vegetação, percursos) e dos subespaços que constituem cada caso. É com base nestas análises que são desenhados os planos de recuperação.

A metodologia de recuperação proposta por Rute Sousa Matos passa pelos seguintes passos (Matos, 1999):

- Diagnose e Plano de Intenções
- Programa de Ações de Salvaguarda
- Análise
- Avaliação do Jardim
- Definição de Critérios e Ações
- Projeto de Recuperação
- Planos de Manutenção e Gestão

Dentro de todos os passos apresentados, a análise apresenta-se como pedra angular na metodologia de recuperação, permitindo aprofundar o conhecimento sobre o espaço, conhecer as suas particularidades, carências, e informar os passos seguintes (Matos, 1999). Esta fase pode ser dividida em quatro: análise histórica, análise do estado atual, análise paisagística e análise arqueológica. Focando na análise paisagística, esta deve incluir o enquadramento fisiográfico e ecológico e componentes estéticos e poéticos (Matos, 1999).

Embora esta tese não se debruce sobre a recuperação do jardim, a análise da metodologia de recuperação proposta por Rute Sousa Matos permite informar e criar um ponto de partida no desenvolvimento de uma metodologia para a caracterização do Jardim da Senhora do Penedo.

Da mesma forma em que é dado a entender que a caracterização do espaço é um ponto fundamental na recuperação de jardins históricos, também a candidatura dos Royal Botanical Gardens de Kew a património mundial da UNESCO veio consolidar essa perceção. O documento que apoia esta candidatura inicia-se com uma apresentação da localização geográfica e identificação dos limites do jardim, seguido de uma justificação da candidatura. No capítulo seguinte procedem a uma descrição, onde consta uma descrição histórica, um enquadramento da periferia e análise geológica, um inventário de elementos paisagísticos, onde são separadas as diferentes fases de desenvolvimento histórico e descritos os subespaços, localizando-os numa planta, de património construído, das coleções juntamente com uma avaliação do seu estado de conservação e descrição. De seguida é abordada a gestão, fatores que afetam o espaço, a monitorização do estado de conservação do jardim e, finalmente, a documentação que acompanha todo o processo de candidatura (Chris Blandford Associates, 2003).

A metodologia definida para a caracterização do jardim da Senhora do Penedo decorre da adaptação da metodologia utilizada nas fontes referidas no ponto anterior, tentando adaptar-se às particularidades do jardim estudado.

Por outro lado, considerou-se pertinente elaborar uma linha temporal da construção do jardim onde foram registadas informações, apontamentos, datas marcantes com reflexo nos elementos introduzidos ou estrutura do jardim, bem como aspetos relevantes que ocorreram na envolvente, apresentando a sua evolução até à atualidade.

Procede-se com a localização deste jardim em termos geográficos e descreve-se a paisagem de Valadares, onde se inscreve.

De seguida apresentam-se as particularidades geológicas e climáticas que influenciam o jardim.

É feita ainda uma análise do enquadramento do jardim no meio urbano, primeiro com uma análise da evolução histórica da malha urbana de Valadares, seguido de um enquadramento do jardim nas políticas urbanas atuais de Vila Nova de Gaia – classificação no Plano Diretor Municipal e participação na Estrutura Ecológica – e finalmente por uma análise da inserção atual no meio urbano de Valadares.

A caracterização morfológica do jardim passa por uma identificação e descrição de todas as unidades/subespaços e sistemas que o constituem: hídrico e hidráulico, circulação e vistas, elementos construídos – onde estão contemplados elementos como estatuária, placas comemorativas e mobiliário – e vegetação. O levantamento das partes foi realizado através de visitas ao local e observação direta.

O levantamento da vegetação foi feito através de observação direta dos exemplares no jardim, auxiliado pela recolha de material e classificação do mesmo. Para a identificação das espécies nativas foi usada a plataforma online *Flora-on* e consulta da *Flora Iberica – Plantas Vasculares de la Península Ibérica & Islas Baleares* e para as espécies exóticas foram utilizadas as plataformas online da *RHS*, *Palmpedia*, *Fuchsiafinder*, *Biblioteca Botânica do Parque Terra Nostra*, *eFloras* e *PlantNET-NSW Flora Online* bem como a comparação direta com exemplares presentes no Jardim Botânico do Porto.

Após a criação de uma base de dados com as espécies cultivadas no jardim, estas foram analisadas tendo em conta a sua origem, classe e clima preferencial. Também foram identificadas coleções temáticas, espécies e cultivares emblemáticos e esporádicos em cultivo, e identificados exemplares de valor afetivo e de valor produtivo dentro do elenco vegetal do jardim.

Por último, é feita uma caracterização vivencial que se baseia na recolha do testemunho de quem vive diariamente o jardim, elaborado com base nas anotações tomadas durante uma conversa e uma entrevista ao casal Pereira, e a que foram adicionados reações, perceções e emoções de quem o visita, através de um relato do próprio autor e entrevistas a um grupo restrito de visitantes.

FONTES CARTOGRÁFICAS

Foram consultados os recursos disponibilizados pela plataforma digital do Gaiurb, tendo sido utilizadas a Cartografia de Base, com altimetria de 2019, a cartografia histórica de 1943 da “Orla” (1:1000) e a de 1976/81 (1:2000), o ortofotomapa de 1988 (1:10000).

Recorreu-se à fotografia aérea da área de estudo obtida através do Google Earth que permitiu identificar que o jardim tem sofrido, nomeadamente alterações recentes ao uso de solo.

Consultaram-se, também as cartas associadas ao Plano Diretor Municipal e à Estrutura Ecológica Municipal.

CONVERSAS E ENTREVISTAS

Foram compiladas, ao longo das visitas ao local, conversas com o casal Pereira onde foram contadas as histórias, aventuras, desventuras, projetos, preocupações e intenções sobre o espaço e a sua construção. No caso de conversas formais, o registo foi feito com recurso a gravação, com aviso prévio ao casal, e posterior transcrição. O registo de conversas informais, tidas durante visitas, passeios e lanches, foi efetuado no momento e diretamente para base textual.

Sempre que necessário, foi utilizado o contacto telefónico direto com o Sr. Artur e com a Sr.^a D. Helena para esclarecer alguma dúvida ou solicitar alguma informação complementar que permitisse interpretar os registos efetuados.

No caso das entrevistas, estas foram feitas de forma presencial, sempre que possível, excecionalmente por ligação telefónica. Foi elaborado um pequeno conjunto de perguntas que pretendia fomentar a compilação de informação importante sobre a receção do espaço pelo entrevistado.

Os entrevistados foram selecionados e convidados a conhecer o jardim e o casal Pereira tendo em conta a sua sensibilidade, conhecimentos prévios em áreas da arquitetura paisagista, biologia ou psicologia, ou mesmo a curiosidade em conhecer o espaço.

3 - CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR

Neste capítulo explora-se a localização geográfica à escala nacional e municipal, e enquadramento biofísico e administrativo à escala municipal do jardim da Senhora do Penedo, de forma a contextualizar as variáveis em ação durante a criação e manutenção do espaço.

A compreensão destes fatores permite contextualizar as estratégias, formas e decisões tomadas ao longo do tempo na construção deste espaço.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

O jardim da Senhora do Penedo situa-se no noroeste de Portugal Continental, no distrito do Porto, no concelho de Vila Nova de Gaia, na União das Freguesias de Gulpilhares e Valadares, no lugar do Penedo.

Encontra-se integrado na malha urbana de Vila Nova de Gaia, próximo à autoestrada A44 (fig. 1). O terreno estende-se entre a Rua do Penedo, a oeste, e a Rua Professor Amadeu Santos, a norte.

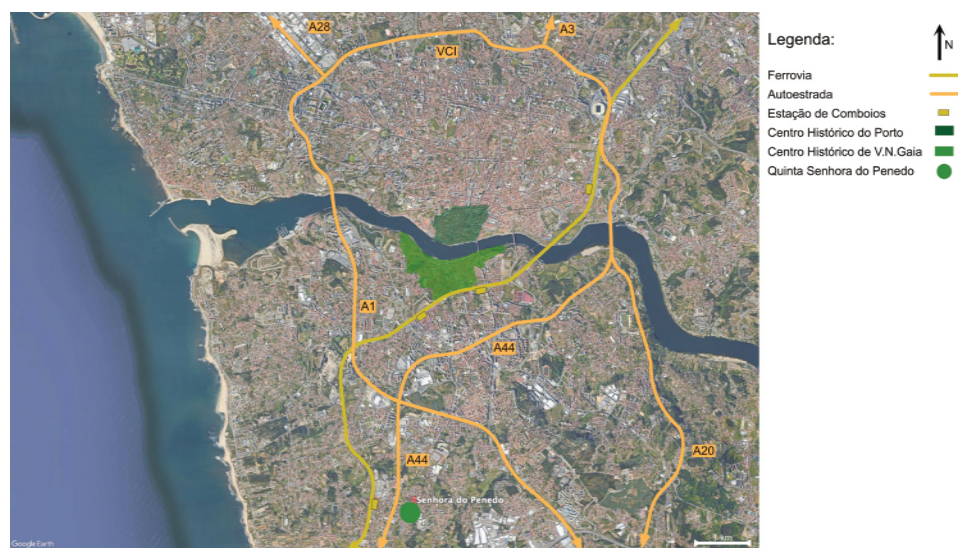


Figura 1 - Localização geográfica do jardim da Senhora do Penedo na AMP.

CARACTERIZAÇÃO GEOMORFOLÓGICA

A antiga freguesia de Valadares caracteriza-se por altitudes baixas com depósitos sedimentares na zona litoral e uma zona de planalto, de altitudes próximas dos 80 metros na zona mais interior, com afloramentos graníticos. A União das Freguesias de Gulpilhares e Valadares engloba parte das bacias hidrográficas de três pequenos cursos de água: o Ribeiro da Madalena, a norte, e onde se inclui o jardim da Senhora do Penedo, o Rio de Valverde, e a Ribeira de Canelas, a sul. O jardim desenvolve-se no início de um pequeno vale, aproveitando a zona de cabeceira (norte) e a encosta sudeste do vale, formando um semi-anfiteatro na direção nordeste-sudoeste, que se vê complementado por um grupo de prédios a noroeste. Devido à natureza granítica do local, os solos são profundos, férteis e húmidos. A presença de água é constante devido à geologia e solos da zona, sendo comuns as minas e poços, conhecidos pela sua generosidade ao longo do ano. O desnível entre a zona mais baixa, a oeste, e a zona mais alta, a sudoeste aproxima-se de 10 metros. A escorrência da água é tendencialmente de nordeste para sudoeste, criando-se um anfiteatro de orientação sudoeste.

CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA

Devido à sua proximidade do mar, a zona é extremamente amena, tanto no inverno como no verão, sendo raros os momentos de temperaturas extremas. No entanto, podemos basear-nos nos dados climáticos fornecidos para o Porto (Pedras Rubras), onde a temperatura média das mínimas varia entre 5,8 e 15,2 °C e a temperatura média máxima varia entre 13,8 e 24,7 °C. Podemos dizer que o termótipo que caracteriza esta zona é o mesomediterrânico inferior, ou, usando um sistema mais adequado à horticultura, as zonas de rusticidade “Hardiness Zones”, esta zona integra-se no patamar 10a1 onde as temperaturas mais baixas do ano se encontram entre os -1,1 e os 1,7 °C. Sendo que é raro registarem-se temperaturas inferiores a 4° C, característica do patamar 10b1(Cortes, 2011).

Em termos de pluviosidade registam-se precipitações anuais de 1139,5 mm (Pedras Rubras) o que regista o local no ombrótipo húmido inferior. No entanto, pela presença permanente de água, este local é muito mais húmido do que as zonas circundantes. É também necessário mencionar a humidade relativa do ar, que na maior parte do ano se mantém elevada, devido não só à presença de água no local, mas também à vegetação luxuriante.

Assim, a região onde se integra o jardim é caracterizada como clima mediterrânico de verões amenos (Köppen climate classification – Csb) (IPMA, 2023).

Os ventos dominantes são de noroeste, cujos efeitos são minimizados pela presença das torres de apartamentos nesta face do terreno, protegendo-o dos mesmos e contribuindo para a estabilização da temperatura e da humidade atmosférica.

ENQUADRAMENTO DENTRO DO SISTEMA URBANO

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA MALHA URBANA DE VALADARES

A malha urbana de Valadares tem-se ampliado gradualmente, invadindo espaços onde era dominante o uso agrícola. Consultando a cartografia e ortofotografia histórica disponibilizada pela Câmara de Vila Nova de Gaia, podemos reparar nas principais alterações que a paisagem desta zona litoral do concelho sofreu desde o século passado.

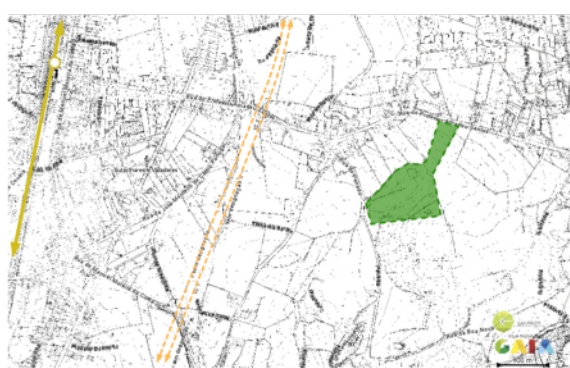


Figura 2 - Cartografia histórica de 1943 de Valadares.

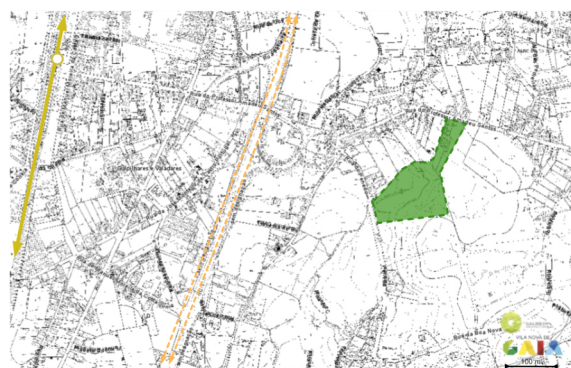


Figura 3 - Cartografia histórica de 1976 de Valadares.

Atendendo à cartografia histórica de 1943 (fig. 2) e 1976 (fig. 3), repara-se que a malha urbana se expande desde o núcleo presente já em 1943, junto da estação ferroviária, em direção ao interior da freguesia. No período que separa as duas imagens, podemos também verificar que os planos para a futura A44 já estão definidos, embora nesta data não esteja conclu-

ída. Também já se encontra presente, na cartografia de 1976, a casa da família Pereira e o início da construção do jardim, que nessa data se circunscrevia ao jardim adjacente à casa. A forte ruralidade desta região continua presente em ambos os mapas, ainda que se reconheçam alguns sinais do seu declínio.



Legenda:
 Autoestrada
 Ferrovia
 Estação de Combóios
 Limite do Jardim da Senhora do Penedo

Figura 4 - Ortofotomapa de 2003 de Valadares.



Legenda:
 Autoestrada
 Ferrovia
 Estação de Combóios
 Limite do Jardim da Senhora do Penedo

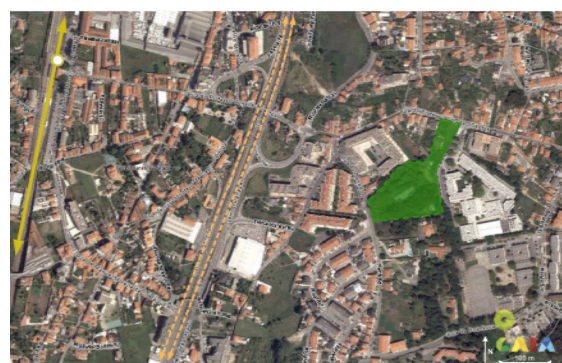
Figura 5 - Ortofotomapa de 2005 de Valadares.

As maiores diferenças podem ser encontradas por comparação do mapa da cartografia histórica de 1976 (fig. 3) e o ortofotomapa de 2003 (fig. 4). Durante os últimos anos do século XX a malha urbana expandiu-se, quase dominando a zona. Estão ainda presentes algumas zonas rurais, como campos de cultivo e baldios. A A44 já se encontra em funcionamento e com ligação direta ao centro de Valadares. A sudeste do jardim (no canto inferior direito das figuras 6 a 10), encontra-se a Escola Secundária Dr. Joaquim G. Ferreira Alves, que serve esta zona. O jardim da Senhora do Penedo também já apresenta os seus limites definidos, tendo-se expandido para além da sua área original. À data, o pavilhão de eventos do jardim também já se encontra concluído e a vegetação ainda se mostra jovem. É notória a construção de vários prédios e moradias na envolvente imediata durante este período.



Legenda:
 Autoestrada
 Ferrovia
 Estação de Combóios
 Limite do Jardim da Senhora do Penedo

Figura 6 - Ortofotomapa de 2008 de Valadares.



Legenda:
 Autoestrada
 Ferrovia
 Estação de Combóios
 Limite do Jardim da Senhora do Penedo

Figura 7 - Ortofotomapa de 2012 de Valadares.



Figura 8 - Fotografia aérea de 2023 de Valadares.

Durante o séc. XXI são poucas ou nenhuma as alterações que se verificaram na envolvente do jardim. Comparando os ortofotomapas de 2003, 2005, 2008 e 2012 (fig. 5 a 7) verifica-se o amadurecimento e consolidação da massa que o jardim constitui no tecido urbano. Também não se verificam grandes alterações quando observado na fotografia aérea de 2023 (fig. 8).

ENQUADRAMENTO NAS POLÍTICAS URBANAS DE VILA NOVA DE GAIA

Tendo em conta a volatilidade dos fenómenos urbanísticos e a tendência da expansão urbana, através da construção de edifícios residenciais nesta zona, consultou-se a cartografia disponibilizada referente ao Plano Diretor Municipal (PDM) e à Estrutura Ecológica Municipal (EEM) de Vila Nova de Gaia, reforçando com a consulta do regulamento do PDM (*Aviso no 14327/2009 de 12 de Agosto da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 2009*) e memória descritiva da EEM.

Consultando a carta de qualificação do solo do PDM (fig. 11), onde estão discriminados os diversos tipos de usos e classes onde se integra o solo, verifica-se que o jardim da Senhora do Penedo (na carta identificado a verde claro com um “Q” e sinalizado com um “1”) se encontra totalmente circundado por “Áreas Urbanizadas Consolidadas de Tipologia Mista”, “Áreas Urbanizadas em Transformação de Tipologia Mista”, “Áreas Urbanizadas Consolidadas de Tipologia de Moradias” e “Áreas para Equipamentos Gerais Existentes”.

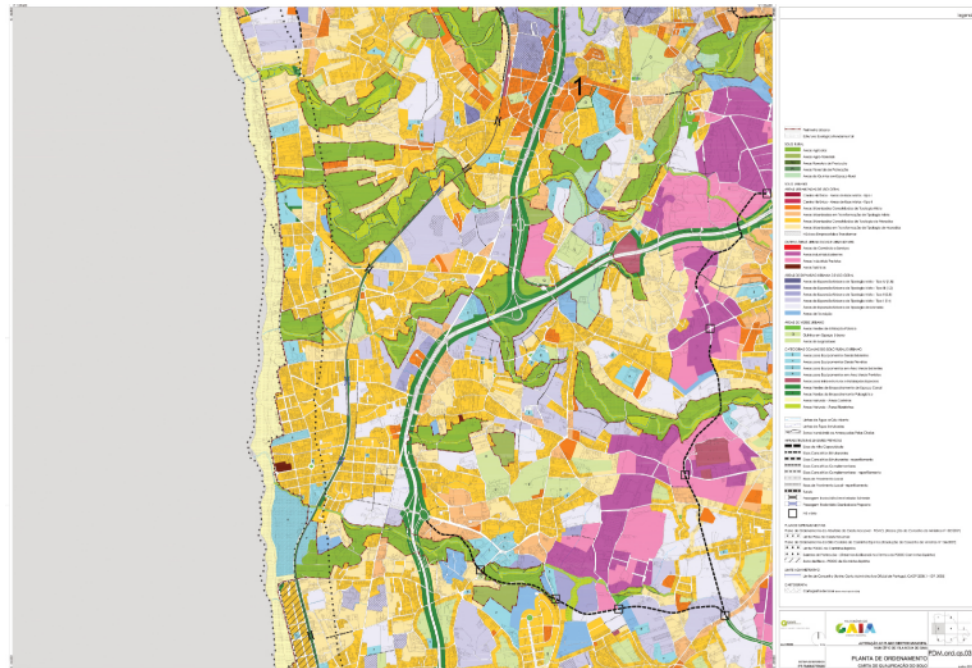


Figura 9 - Mapa do PDM de Vila Nova de Gaia.

Consultando a carta de qualificação do solo do PDM (fig. 11), onde estão discriminados os diversos tipos de usos e classes onde se integra o solo, verifica-se que o jardim da Senhora do Penedo (na carta identificado a verde claro com um “Q” e sinalizado com um “1”) se encontra totalmente circundado por “Áreas Urbanizadas Consolidadas de Tipologia Mista”, “Áreas Urbanizadas em Transformação de Tipologia Mista”, Áreas Urbanizadas Consolidadas de Tipologia de Moradias” e “Áreas para Equipamentos Gerais Existentes”.

Segundo o regulamento que acompanha o PDM, as “Áreas Urbanizadas Consolidadas de Tipologia Mista” consistem em “(...) zonas em que o espaço público e as frentes urbanas edificadas que o confrontam se apresentam maioritariamente estabilizados, pretendendo-se a manutenção e valorização das malhas e morfologia existentes.” (*Aviso no 14327/2009 de 12 de Agosto da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 2009. pag. 32481*). Assim é pretendida a promoção da multifuncionalidade e em termos de edificabilidade são permitidas obras de edificação segundo as regras estipuladas no regulamento, que a este respeito visa garantir “(...) a manutenção das características homogéneas, como as malhas, tipologias ou alinhamento existentes e uma adequada inserção na área envolvente, valorizando a qualidade arquitetónica do conjunto (...)” (*Aviso no 14327/2009 de 12 de Agosto da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 2009. pag. 32481-82*).

As “Áreas Urbanizadas em Transformação de Tipologia Mista” são aquelas em que “(...) o espaço público e as frentes urbanas edificadas (...)”

(...) não se apresentam maioritariamente estabilizadas (...)” (*Aviso no 14327/2009 de 12 de Agosto da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia*, 2009. pag. 32482) e dominam aqui obras de edificação e loteamentos avulsos e as construções são reguladas de forma a evitar que a sua linha, cêrcea e alinhamento entrem em conflito com a malha já existente, podendo haver exceções.

As “Áreas Urbanizadas Consolidadas de Tipologia de Moradia” são compreendidas como “(...) zonas destinadas a edifícios uni ou bifamiliares, isolados, geminados ou em banda (...), em que o espaço público e as frentes urbanas se apresentam maioritariamente estabilizados, pretendendo-se a manutenção das malhas e morfologia existentes.” Nestas zonas as intervenções devem seguir as mesmas linhas condutoras que guiam as intervenções em “Áreas Urbanizadas Consolidadas de Tipologia Mista” no que respeita à manutenção do traço, tipologia e alinhamento já dominantes. (*Aviso no 14327/2009 de 12 de Agosto da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia*, 2009. pag.32482)

As “Áreas para Equipamentos Gerais Existentes” são zonas onde domina o uso associado ao equipamento instalado podendo coexistir outros usos complementares. São permitidas obras de requalificação e ampliação.

O jardim da Senhora do Penedo encontra-se afeto à classe “Áreas Urbanizadas Consolidadas de Tipologia Mista” onde se integra a casa e a zona mais antiga do jardim - também mais íntima, e à classe “Quintas em Espaço Urbano” que engloba todo o patamar inferior do jardim.

Segundo o regulamento do PDM as áreas identificadas como “Quintas em Espaço Urbano” “(...) correspondem a prédios ou a jardins e quintais não afetos à utilização coletiva que, pela sua localização no tecido urbano, qualidade e tipo do coberto vegetal, ambiência ou composição florística e são consideradas relevantes para a valorização da imagem da cidade e a promoção da qualidade ambiental urbana, constituindo esta a sua função dominante.” (*Aviso no 14327/2009 de 12 de Agosto da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia*, 2009. pag.32485) são ainda consideradas a “(...) habitação, equipamentos, comércio e serviços (...) [como usos complementares. O espaço é protegido nas seguintes alíneas]:

- Qualquer transformação do uso do solo que interfira com o coberto vegetal destas áreas fica dependente da sua aceitação por parte do município, baseada na apreciação de um inventário e mapificação dos elementos relevantes a manter, das espécies vegetais existentes no perímetro em causa e da proposta pormenorizada que justifique as alterações pretendidas, a apresentar pelo interessado.
- Para além do referido nos números anteriores, nas quintas urbanas a área bruta de construção máxima nova admitida é de 25% da área do prédio afeta a esta categoria.”

Na carta que ilustra a Estrutura Ecológica Municipal de Vila Nova de Gaia (fig. 12) pode-se retirar que as áreas que tomam especial importância para esta estrutura são a orla costeira – que se integra na categoria “Valores Supramunicipais” e os “sistemas de corredores atlânticos”, associados aos cursos de água que percorrem o município em direção ao mar.



Figura 10 - Mapa da Estrutura Ecológica Municipal de Vila Nova de Gaia.

O jardim da Senhora do Penedo integra o Sistema Verde Urbano de Gaia, estando classificado como “Quinta em Espaço Urbano” e participa na Estrutura Ecológica Complementar.

A memória descritiva associada à EEM (Pinto, 2008) refere que “Relativamente ao solo urbano, integram-se na EEM de Vila Nova de Gaia todas as áreas de verde urbano, nomeadamente:

- Áreas verdes de utilização pública – parques e jardins;
- Quintas em espaço urbano;
- Áreas de logradouro.

Da análise conjunta das duas cartas (PDM e EEM) verifica-se que o jardim está completamente circundado de área urbana consolidada ou a consolidar e sem conexão direta com a EEM. No entanto por ser um dos poucos espaços verdes consolidados integrados na malha urbana de Valadares o seu papel é de extrema relevância em termos paisagísticos, pela riqueza e tamanho da vegetação que contém (observável do exterior) e de serviços de ecossistemas, permitindo o funcionamento de ciclos naturais que de outra forma dificilmente aconteceriam. A diversidade de tipologias que o jardim contém permite que este possa ser usado como local de re-

pouso para espécies (principalmente avifauna) que atravessam a malha urbana de Valadares.

Não há dúvida que tanto o PDM e a EEM atribuem relevância a este espaço, tendo o primeiro diretivas claras que desincentivam a sua destruição, regulando fortemente atividades e alterações que possam desvirtuar o jardim. A sua dimensão, diversidade de tipologias e vegetação também são tidas em conta na integração deste espaço como parte da EEM por muito que considerada complementar, onde aparenta pesar mais a localização do local em questão – sem ligação direta aos corredores que fazem a conexão entre o litoral e o interior do município – do que a sua qualidade como espaço com forte papel ecológico (podendo tê-lo ou não).

INSERÇÃO NA ENVOLVENTE À ESCALA DO LUGAR

O jardim da Senhora do Penedo encontra-se na zona mais interior da antiga freguesia de Valadares. Atualmente, esta zona caracteriza-se pela urbanização heterogénea, pontuada por campos agrícolas, baldios, povoamentos florestais e, mais raramente, pastagens. A expansão urbana dos últimos anos permitiu que se formasse um conjunto de edifícios heterogéneos, criando uma urbanização principalmente constituída por moradias, pontuada de prédios de 3 a 5 andares. Ainda são visíveis alguns elementos que remontam ao passado agrícola da antiga freguesia. São comuns os edifícios históricos (séc. XVIII e XIX) abandonados, muros de granito e portões de ferro forjado, que delimitariam grandes propriedades.



Figura 11 - Rua do Penedo, direção norte.



Figura 12 - Rua do Carvalho, direção sudoeste.

Mais a norte ainda se encontram dois exemplos destas quintas, a Quinta do Paraíso e a Quinta do Fojo, com elementos arquitetónicos e jardins da época ainda em bom estado de conservação.

A zona envolvente à Quinta da Senhora do Penedo segue muitas das características acima descritas. Existem dois prédios de 3 e 5 andares que ocupam o noroeste e oeste do quarteirão e que constituem os elementos mais altos e dominantes da zona (fig. 11). Na envolvente destes elementos encontram-se moradias unifamiliares, com ou sem jardim à frente, normalmente com muros baixos (fig. 12). A nordeste encontramos um complexo escolar de edifícios baixos rodeado de vegetação arbórea. A norte os edifícios são mais antigos e alguns deles ainda mantêm os traços das quintas que caracterizavam esta zona ainda que muitos se encontrem bastante degradados.

Na figura 13 encontram-se indicados os principais acessos, transportes públicos e serviços que servem a envolvente.

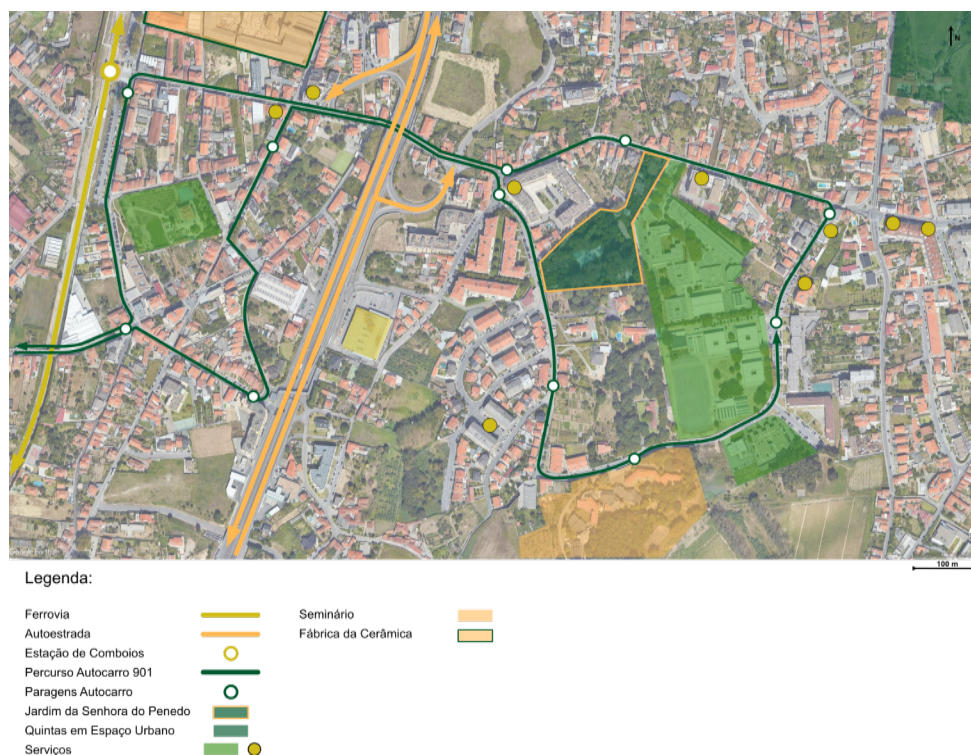


Figura 13 - Mapa da envolvente imediata do jardim.

Verifica-se que a zona onde se insere o jardim tem acessos próximos , seja pela A44, com desvios para a proximidade deste, seja pelos transportes públicos: estação ferroviária de Valadares e percurso do autocarro 901, com paragens próximas às entradas do jardim, e que permitem o seu acesso desde o centro do Porto (passando também pelo centro de Vila Nova de Gaia).

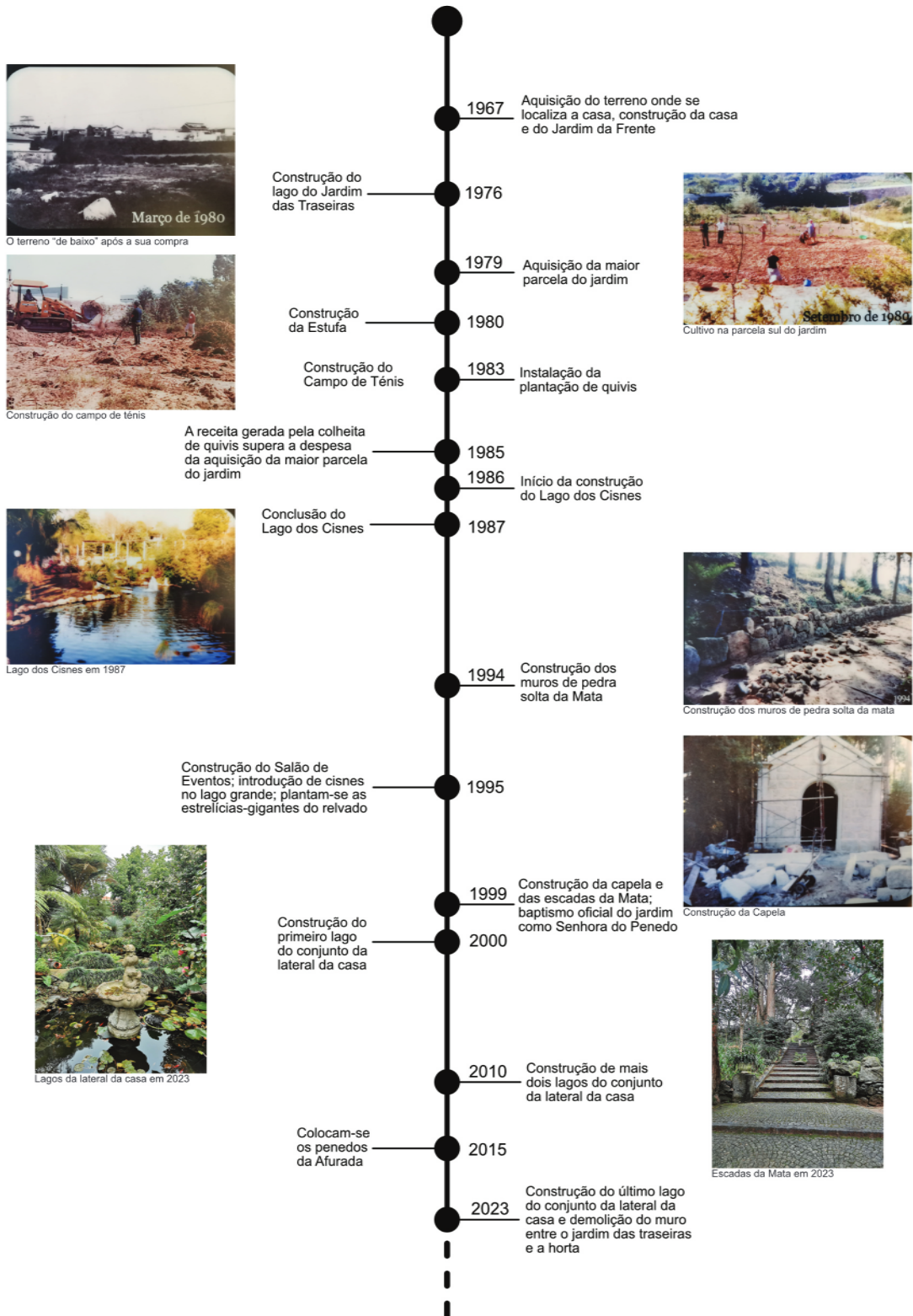
O jardim também se encontra na proximidade de serviços variados como a Escola Secundária (contígua com o jardim) e o Centro de Saúde de Valadares/Boa Nova diretamente a sul da escola (ambos marcados a verde-claro). Marcados com círculos amarelos encontramos pequeno comércio, farmácias, correios e pequenos serviços.

4 - CARACTERIZAÇÃO DO JARDIM

Neste capítulo será explorada a história da construção deste espaço, mostrando a sua evolução desde o início até à atualidade. Serão mapeadas, no tempo e espaço, as diversas intervenções e mudanças que o jardim sofreu.

Tendo então a perspetiva temporal presente, e já com um zonamento espacial definido, segue-se a descrição dos diversos sistemas que constituem o jardim: hídrico e hidráulico, circulação, sensorial, elementos construídos e vegetação.

CRONOLOGIA



Este jardim inicia-se com a aquisição, em 1967, da porção de cota mais elevada, um terreno de cerca de 3000 m², onde as primeiras intervenções foram a construção da casa e o jardim da frente. Também neste ano se inicia a construção da casa, que, para ficar resguardada do ruído automóvel da R. Professor Amadeu Santos, é edificada a 40m da mesma. É nesta altura que é plantada no Jardim da Frente a palmeira-de-saia (*Washingtonia robusta* H.Wendl) – a primeira planta de grande porte do jardim. O lago do Jardim das Traseiras é concluído em 1976, consolidando o desenho deste espaço.

É em 1979 que se atingem os limites atuais do jardim, com a aquisição de uma parcela de 1,2 ha, no valor de 1600 contos (correspondente a 7980 €), contígua com o limite sul do terreno mais antigo. Em conversa com o Sr. Artur entende-se que desde que o casal se instalou em Valadares, este cobria o terreno abandonado que partia da fronteira sul do primeiro terreno até à Rua do Penedo, mais abaixo. Conta-nos que por vezes saltava o muro da sua propriedade para investigar o terreno abandonado. Este era constituído por uma zona húmida e uma mata de carvalhos (provavelmente *Quercus orocantabrica* Rivas Mart. & al. (2002: 706) e *Q. suber* L.), abatidos antes da sua compra. Após a sua aquisição, o terreno é limpo e preparado para se cultivarem hortícolas para consumo próprio. Na zona mais inclinada foram plantados uns pés de eucaliptos (*Eucalyptus globulus* Labill.).

É no início dos anos 80 que se constrói a estufa, a sul do Jardim das Traseiras. Esta estufa, agora ocupada por diversos exemplares ornamentais, apoiava todas as operações de cultivo, principalmente na propagação de plantas lenhosas. Inicia-se, também, a construção do Capo de Ténis (agora denominado de Terreiro), a primeira zona a ser consolidada no pátio sul do jardim. Este uso já não chega à atualidade, mas o seu desenho e espacialidade ainda estão presentes. Forma-se assim a primeira clareira do jardim.

Mais tarde, em 1983, é instalada uma plantação de quivis em rama – na altura uma novidade – com o objetivo de rentabilizar os terrenos. Foram importadas três variedades, e estes eram regados ao pé. Passados dois anos são colhidas 17 a 20 toneladas de quivi. Não sendo o consumo próprio capaz de escoar toda a produção, procuraram-se formas de vender a novidade. Os quivis foram acomodados em caixas de cartão – feitas e ornamentadas pela Sr.^a D. Helena – e o Sr. Artur apresentou-as em vários estabelecimentos comerciais do Porto, como a Confeitaria Cunha e a Casa Chinesa. Apesar da fruta ter sido recebida com alguma desconfiança por parte dos vendedores, esta teve bastante saída, tendo gerado uma receita de 1700 contos (correspondente a 8480 €). Receita que supera o investimento da compra da parcela sul.

Em 1986 inicia-se a construção do Lago dos Cisnes, na zona de cota mais baixa do terreno, aproveitando uma linha de escorrência e uma zona de acumulação naturais. Este elemento, que só no ano seguinte é concluí-

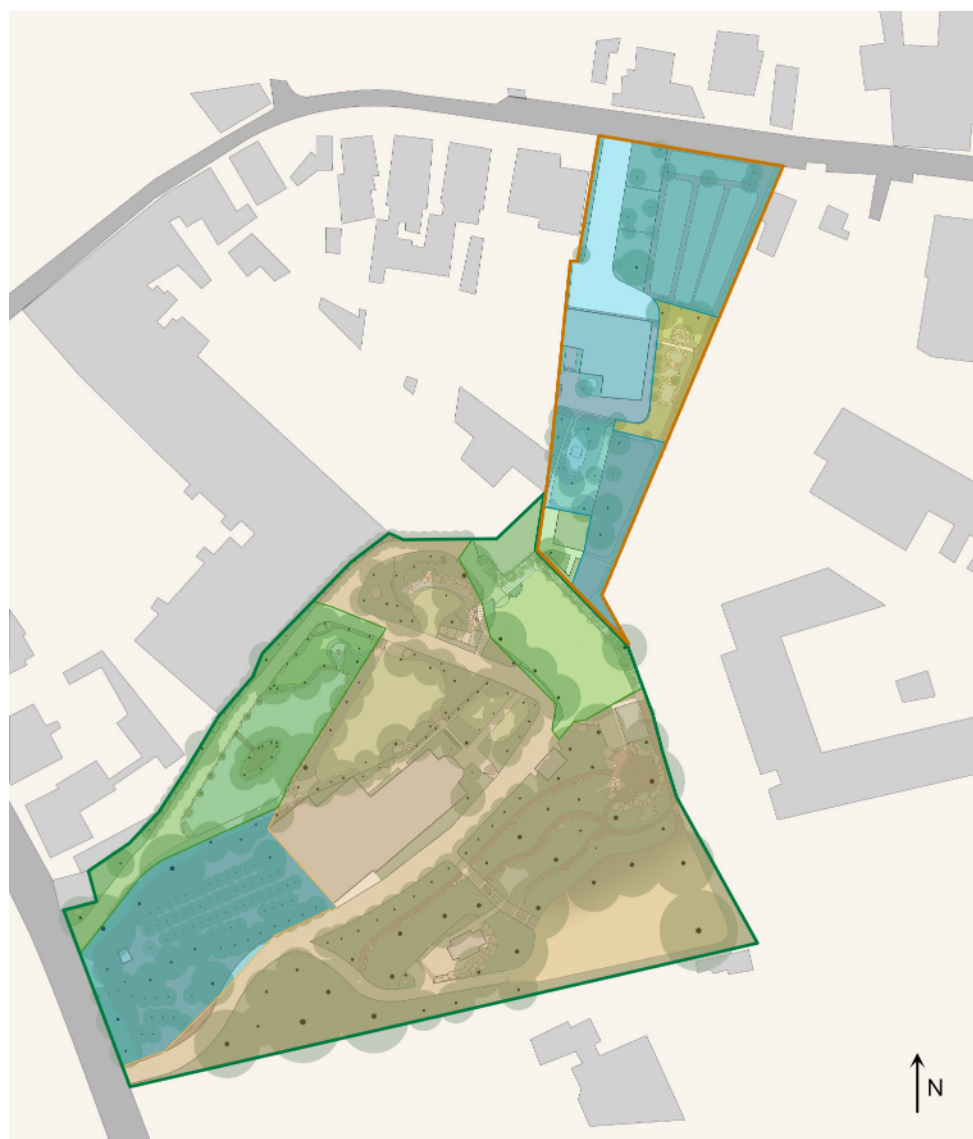
do, é construído com a ajuda de amigos e conhecidos do casal. É também desta data a mais velha palmeira-bungalow (*Archontophoenix cunninghamiana* (H.Wendl.) H.Wendl. & Drude), plantada junto ao lago. É esta planta que dá origem a todas as outras palmeiras-bungalow espalhadas pelo jardim.

Em 1994, a Mata é intervencionada, construindo-se os muros de pedra solta que acompanham os caminhos que permitem explorar a zona mais declivosa e densa do jardim. É nestes primeiros anos da década de 90 que o Sr. Artur, em revisão à economia familiar prevê que dificilmente teriam forma de suportar, economicamente, a parcela sul, propondo vendê-la. Confrontada com esta situação, e não querendo vender os terrenos, a Sr.^a D. Helena propõe que se construa um salão de eventos, de forma conseguir suportar as despesas. Assim, inicia-se, em 1995, a construção do Pavilhão de Eventos. É a partir desta data que o espaço passa de uso predominantemente agrícola para jardim, sem abandonar totalmente as valências produtivas. Neste mesmo ano, em que a Sr.^a D. Helena completa 50 anos, dá-se a introdução de um casal de cisnes brancos, prenda de aniversário do Sr. Artur para a sua esposa, e que se plantam as estrelícias-gigantes (*Strelitzia nicolai* Regel & Körn.) que ladeiam as escadas do Relvado das Estrelícias para o Pavilhão de eventos. Consolidam-se assim os espaços que circundam o pavilhão de eventos.

É em 1999 que se consolida a Mata com a construção da capela, idealizada pelo Sr. Artur no topo da encosta, e desenhada pelo filho, Sr. José Pereira, é tornada realidade, envolvendo toda a família, sendo a própria Sr.^a D. Helena a pintar os vitrais da capela. Também se instala a escadaria que sobe a Mata perpendicularmente à inclinação, esta também idealizada pelo Sr. Artur. É neste ano que se dá o batismo oficial do jardim como Senhora do Penedo.

Estando a maioria do espaço consolidado, são poucas as alterações notáveis que ocorrem durante o século XXI. Os esforços são dirigidos para a zona mais íntima do jardim, no espaço adjacente à lateral este da casa. Aqui são construídos quatro lagos, de norte para sul, sendo o primeiro concluído em 2000, os seguintes em 2010 e o último em 2023. Estes lagos são enriquecidos com uma composição singular de espécies exóticas, cumprindo com o impulso colecionista da Sr.^a D. Helena, sendo o último deste conjunto completamente dedicado a uma pequena coleção de nenúfares.

Já na atualidade (2023), e entre muitos outros projetos que estão a ser pensados pelo casal, está a ocorrer a demolição do muro que separava a Horta do Jardim das Traseiras, com a intenção de expandir o jardim para a zona de produção hortícola.



Legenda

- Limite do terreno em 1967
- Limite do terreno em 1979
- Anos 70
- Anos 80
- Anos 90
- Século XXI

Figura 14 - Zonamento do jardim por época de intervenção.

Consultando a figura 14 podemos concluir que o jardim tem o seu momento de maior expansão nos anos 70, passando de 3000 m² para 1,5 ha, não havendo alterações aos seus limites até à atualidade.

Pode-se afirmar que a parcela norte do jardim – onde se encontra a casa – é a primeira a ser consolidada em termos de jardim e usos, sofrendo uma pequena intervenção no século XXI, mas de área reduzida, e sem comprometer a integridade dos outros subespaços.

Consultando a figura 14 podemos concluir que o jardim tem o seu momento de maior expansão nos anos 70, passando de 3000 m² para 1,5 ha, não havendo alterações aos seus limites até à atualidade.

Pode-se afirmar que a parcela norte do jardim – onde se encontra a casa – é a primeira a ser consolidada em termos de jardim e usos, sofrendo uma pequena intervenção no século XXI, mas de área reduzida, e sem comprometer a integridade dos outros subespaços.

As intervenções ocupam maior área principalmente no século XX. No entanto pode-se afirmar que a década de 90 é a mais relevante na consolidação e unificação do jardim como um todo. Pela grande área abrangida, mas também pela sua localização central no espaço esta intervenção foi essencial para transformar todo o jardim numa unidade concordante.

Embora temporalmente dispersas, as intervenções no espaço foram de forma a criar uma continuidade entre subespaços, seja pelo aparelho construtivo, muito baseado no uso da pedra da zona – granito amarelo – seja pela repetição de elementos vegetais e formações vegetais semelhantes. Podemos até dizer que embora a construção do jardim seja faseada, há uma congruência que nunca é esquecida.

CARACTERIZAÇÃO DAS SUBUNIDADES DO JARDIM

Este jardim caracteriza-se pela existência de subunidades que se encontram fisicamente ou visualmente separadas por elementos vegetais ou construídos, sem, no entanto, comprometer a sua unidade. Apresenta-se dividido em dois patamares:

- O patamar sul, de cotas inferiores, que inclui os sub-espacos numerados de 1 a 8 (fig. 15). Este patamar corresponde à expansão do jardim de 1979. É nesta zona que se encontra o pavilhão de eventos.
- O patamar norte, de cota superior, e que inclui os sub-espacos numerados de 9 a 14 (fig. 15). Este patamar corresponde à primeira aquisição do casal, em 1967, e é onde se localiza a residência da família;

Estas duas zonas são separadas não só pela diferença de cota, como pelo acesso discreto e constricto que permite a circulação entre elas.

O patamar norte também se caracteriza por ser de índole íntima e familiar, seja pela sua proximidade à residência, tipologia, ou acesso restrito. Em momentos de receção de eventos pelo jardim, estes restringem-se ao patamar sul, sendo desencorajada, ainda que de forma indireta pelo aces-

so discreto, a visita ao patamar norte. A circulação de convidados de eventos e recepções feitas no interior do jardim está limitada ao patamar sul.



Legenda

- | | |
|------------------------------------|---------------------------|
| 1 - Entrada Oeste | 8 - Pomar |
| 2 - Lago dos Cisnes | 9 - Estufa |
| 3 - Cascata das Monstera | 10 - Horta |
| 4 - Relvado das Estrelícias | 11 - Lagos da Casa |
| 5 - Relvado do Pavilhão de Eventos | 12 - Coleção de iris |
| 6 - Mata | 13 - Jardim da Frente |
| 7 - Terreiro | 14 - Jardim das Traseiras |

Figura 15 - Zonamento do jardim com a numeração dos subespaços.

1- Entrada Oeste

Esta entrada é a que normalmente é utilizada na receção dos convidados íntimos e de participantes em eventos. Somos confrontados com um muro de blocos de granito amarelo com um portão de ferro pesado, de três folhas, cinza-escuro e levemente adornado com motivos helicoidais (fig. 16). No contacto do muro com este portão existem dois pilaretes, encimados por duas massas de *Fascicularia bicolor* (Ruiz & Pav.) Mez. Acima do muro vemos, à esquerda do portão, uma japoneira (*Camellia japonica* L.) e, atrás desta, uma amargoseira (*Melia azedarach* L.), à direita deste, uma sebe informal de japoneiras, que se estende até ao outro portão, no extremo do muro.

Somos convidados a entrar no jardim pelo portão, e a nossa vista é direccionada ao longo do caminho de blocos de granito que ao fundo se perde de vista (fig. 17). A amargoseira que se via de fora encontra-se inclinada sobre o caminho, ensombrando a entrada e convidando a avançar em direção à zona do lago, mais à frente. O caminho é acompanhado, dos dois lados, de canteiros, onde japoneiras em crescimento livre se misturam com costelas-de-adão (*Monstera deliciosa* Liebm.) e palmeiras-bangalow (*Archontophoenix cunninghamiana* (H.Wendl.) H.Wendl. & Drude). Mais à frente, o caminho alarga e é-nos apresentada uma peça em alvenaria para atrás da qual, se estende o Lago dos Cisnes. À direita desta peça, um enorme maciço de *Thaumatococcus bipinnatifidum* (Schott & Endl.) Sakur., Calazans & Mayo esconde a saída de água do lago, aproveitando-se também desta para se manterem viçosos. À esquerda, uma variedade antiga de brinco-de-princesa (*Fuchsia* 'Tatlo'), dobrado, de pétalas muito escuras apresenta a continuidade do caminho, daí em diante com o Lago dos Cisnes à sua direita.



Figura 16 - Entrada Oeste, vista da Rua do Penedo.



Figura 17 - Entrada Oeste, vista para o interior do jardim.

2- Lago dos Cisnes

O Lago dos Cisnes é o maior corpo de água do jardim, e recolhe as escorrências de todo o patamar nordeste. A água da mina é encaminhada até aqui, entrando pelo nordeste do lago e saindo no seu extremo sudoeste. Este lago tem um desenho biomórfico, e fica contido a noroeste pelo caminho de acesso ao jardim e a sul pelo muro que sustenta as terras do pomar. Toda a borda do lago, tal como o seu fundo, é feita de blocos de granito, num esforço de trabalho que envolveu toda a família. A fronteira entre o caminho e o lago é feita por blocos arredondados e de dimensões irregulares de granito, colocados entre colunas brancas, encimadas por taças, ocupadas por algumas plantas de coleção (bromélias, fetos e suculentas). Entre as primeiras colunas, a colonizar a margem, encontramos um viçoso exemplar de papiro (*Cyperus papyrus* L.) (fig. 18).

Entre o caminho e o muro que delimita a propriedade desenvolve-se um canteiro dominado por ciprestes-de-leyland (*Cupressus x leylandii* A.B.Jacks. & Dallim.) que servem de cortina visual para o exterior. Entre eles encontramos jovens estrelícias-gigantes e palmeiras-bangalow. *Iris japónica* Thunb. – planta cultivada já pela mãe da Sr.^a D. Helena – aspidistras (*Aspidistra elatior* Blume) cobrem o chão, enquanto costelas-de-adão trepam o muro e alguns dos troncos dos ciprestes.

A meio do percurso ao longo do lago existe uma ponte de madeira, que nos convida a avançar até uma pequena ilha. Esta ilha é marcada pelo diálogo entre o seu lado este, dominado por um exemplar de bananeira-japonesa (*Musa basjoo* Siebold & Zucc. ex linuma) e margem colonizada por um grupo de inhames (*Colocasia esculenta* L.) e o seu lado oeste, dominado por um conjunto denso de palmeiras-bangalow, terminando num belíssimo exemplar de Trombeta-de-anjo (*Brugmansia* sp.) de flores amarelas, que se



Figura 18 - Lago dos Cisnes, vista para sul.

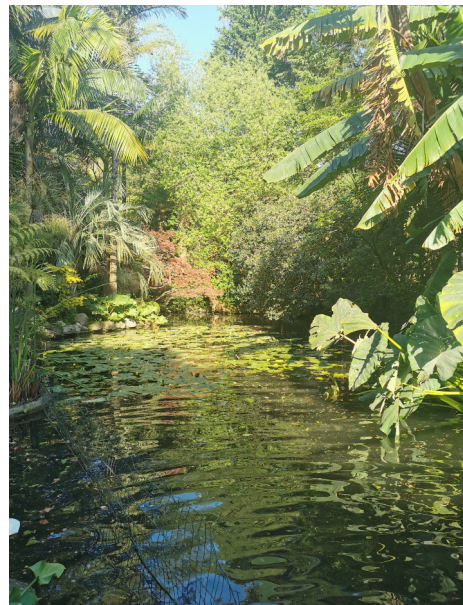


Figura 19 - Lago dos Cisnes, vista para norte.

inclina sobre o lago. Durante os meses de verão, zona do lago entre a ilha e o canteiro é coberta pelas folhas lustruosas e flores douradas do golfeão-amarelo (*Nuphar lutea* (L.) Sm.) (fig. 19).

Avançando em direção a nordeste, o limite do lago torna-se sinuoso e o caminho entra na sombra da vegetação do canteiro que delimita o lago a este. O lago também entra nesta penumbra através de braços e voltas, onde a água corre. No meio destes encontra-se uma fonte com uma pequena estátua de bronze. Esta zona caracteriza-se pelas copas altas das diferentes palmeiras e fetos arbóreos que dialogam com os ramos serpenteantes dos bordos-japoneses (*Acer palmatum* Thunb.) (fig. 20). Os canteiros estão ocupados por feto-de-botão (*Woodwardia radicans* (L.) Sm.) e o chão por um coberto denso de musgo e violetas-australianas (*Viola hederacea* Labill.) (fig. 21).

O casal de cisnes, que dá nome a esta unidade, é filho de um casal que veio de Vale de Cambra. Como referido oferecidos à Sr.^a D. Helena pelo seu marido na data do seu 50º aniversário. Foi o Sr. Artur que os foi buscar, a altas horas da madrugada, à antiga A29.



Figura 20 - Lago dos Cisnes, vista desde o canteiro.



Figura 21 - Canteiro adjacente ao Lago dos Cisnes.

3- Cascata das Monstera

Esta zona é delimitada a sudoeste pelos canteiros do Lago dos Cisnes e a nordeste pelo desnível do Terreiro. Este desnível está coberto de grandes blocos irregulares de granito, formando uma vertente de aspecto natural onde, aproveitando a água da mina, foi construída uma cascata. Este espaço desenvolve-se em anfiteatro, orientado para o lago.

Esta parede é coberta por folhas de costela-de-adão, ouvindo-se o

som da água que lhes corre por baixo (fig. 22). Olhando para a esquerda as costelas-da-adão são gradualmente substituídas por fetos-de-botão, acabando numa mancha de grama-preta (*Ophiopogon japonicus* (Thunb.) Ker Gawl).

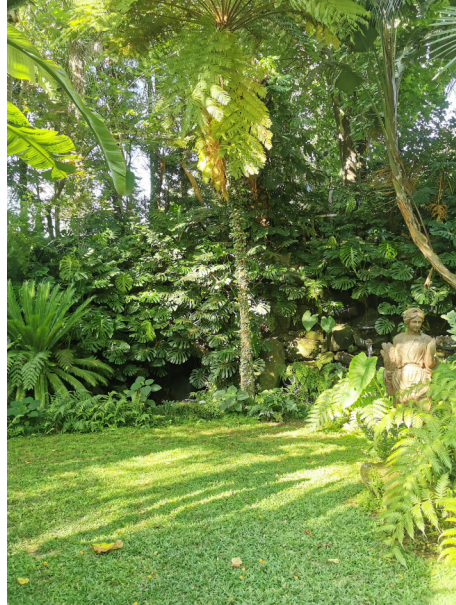


Figura 22 - Parte central da Cascata das Monstera.



Figura 23 - Lado esquerdo da Cascata das Monstera.

Destes maciços partem um exemplar isolado de palmeira-nikau (*Rhopalostylis sapida* H.Wendl. & Drude) e um bordo japonês púrpúreo (fig. 23). Muitas das plantas de porte arbóreo que aqui se encontram repetem o tema dos canteiros do Lago dos Cisnes. À direita da cascata a vegetação torna-se mais alta e o espaço mais sombrio, com exemplares de estrelícia gigante, palmeira-kentia (*Howea forsteriana* (F.Muell.) Becc.) e jerivá (*Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman), que escondem a entrada da mina e a levada que fornece a água ao lago a montante (fig. 24).



Figura 24 - Lado direito da Cascata das Monstera.

4- Relvado das Estrelícias

O Relvado das Estrelícias é delimitado pelo Lago dos Cisnes e o Relvado do Pavilhão de Eventos. É uma clareira, rodeada de vegetação, que comunica diretamente com a Cascata das Monstera, através do caminho principal, e com o pavilhão de eventos, através de uma escadaria em semicírculo ladeada por dois exemplares de estrelícia-gigante, que dão nome a esta zona (fig. 25). Na bordadura que envolve o lugar encontramos exemplares bem constituídos de metasequoia (*Metasequoia glyptostroboides* Hu & W.C.Cheng), junto ao Lago dos Cisnes, kurrajong-rosa (*Brachychiton discolor* F.Muell.) ao lado do pavilhão de eventos, e três *Hymenosporum flavum* F.Muell. (fig. 26), plantados ao longo do limite deste espaço com o caminho principal. Entre este espaço e o Relvado do Pavilhão de Eventos está uma bordadura de palmeiras-bangalow e estrelícias-gigantes de onde parte, em direção ao relvado, uma variedade púrpura de bordo japonês.



Figura 25 - Escadaria do Relvado das Estrelícias.



Figura 26 - Entrada para o Relvado das Estrelícias.

5- Relvado do Pavilhão de Eventos

Este recanto serve de cenário ao pavilhão de eventos que se apresenta completamente envolvido pela vegetação, sendo a sua entrada ladeada de duas tamareiras-anãs (*Phoenix roebelinii* O'Brien). A entrada para este relvado a partir do caminho principal é ladeada por outras palmeiras, de proporção bem superior, duas butias (*Butia odorata* (Barb.Rodr.) Noblick) de folhas cinzentas. O caminho que parte do percurso principal e termina no pavilhão de eventos é acompanhado por dois exemplares de palmeira-real-australiana (*Archontophoenix alexandrae* (F.Muell.) H.Wendl. & Drude) (fig. 27) e, na interceção com o camiho de vem do Relvado das Estrelícias, por

uma grande magnólia (*Magnolia denudata* Desr.). Vencendo o desnível que parte deste relvado para a mata encontra-se uma pequena escadaria (fig. 27) que tem, lado a lado, palmeiras-das-vassouras (*Chamaerops humilis* L.) (fig. 28) acompanhadas de magnólias de flores rosa (*Magnolia x soulangeana* Soul.-Bod.) e de flores amarelas (*M. denudata* Desr. ‘Yellow River’).



Figura 27 - Vista para o Pavilhão de Eventos.



Figura 28 - Vista para o Relvado do Pavilhão de Eventos.

6- Mata

Esta zona ocupa toda a vertente oeste do jardim, e caracteriza-se pela presença de uma massa de eucaliptos (*Eucalyptus globulus* Labill.) bastante altos, que, na sua sombra, abrigam as mais variadas plantas. É de salientar a escadaria em alvenaria com um elemento de água em forma de cascata a meio, que sobe a encosta até ao topo (fig. 29), desde o Relvado do Pavilhão, e a Capela (fig. 30), de onde se tem uma vista privilegiada para a vegetação da zona mais baixa do jardim. O caminho de acesso à capela (fig. 31) está ladeado de grandes taças plantadas de clívias (*Clivia miniata* (Lindl.) Bosse) e, no topo da encosta existem dois pequenos exemplares de faia-de-folhas-recortadas (*Fagus sylvatica* L. ‘Asplenifolia’).



Figura 29 - Escadaria da Mata



Figura 30 - Capela da Mata.

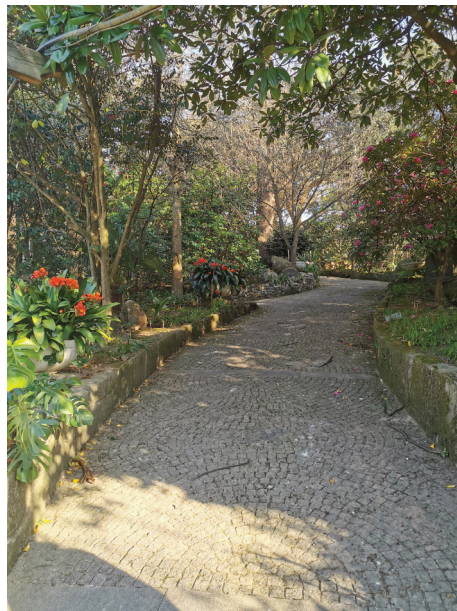


Figura 31 - Caminho principal da Mata.

7- Terreiro

O terreiro é rodeado de vasos com palmeira-bangalow e na extremidade norte tem um apoio adornado por canteiros com vegetação trabalhada e uma belíssima pérgola de glicínias (*Wisteria sinensis* (Sims) DC.) (fig. 32). Este espaço serve de apoio a eventos e maquinaria. É uma clareira com uma enorme capacidade de aguentar pisoteio e uso. Nos canteiros junto do apoio encontram-se plantas variadas em composições inéditas, onde

constam desde suculentas a fetos (fig. 33). Em frente ao apoio pode-se encontrar o *Pandanus furcatus* Roxb. (fig. 34). Através desta pérgola tem-se acesso ao jardim pessoal dos senhores de Valadares.



Figura 32 - Aspecto geral do Terreiro.



Figura 33 - Vegetação de um dos canteiros do Terreiro.



Figura 34 - Pormenor do arranjo do pandano.

8 - Estufa

A estufa é uma pequena estrutura, de ferro e plástico, que protege uma floresta densa, extremamente diversa. A densidade de exemplares presentes impede a leitura total do espaço e convida a afastar os cestos pendurados para caminhar neste recanto (fig. 35). Sinto que, se há um local neste jardim que espelha a força, o mundo, que vai dentro da Sr.^a D. Helena e a vontade dela o proteger de tudo e todos, é este.

É neste local que podemos encontrar grande parte da coleção de orquídeas, com exemplares montados de *Cattleya maxima* Lindl., cestos de melrinhos-de-cera (*Stanhopea* spp.), um exemplar bem formado de orquídea-de-noiva (*Coelogyne cristata* Lindl.), orquídea-de-cana (*Sobralia* Ruiz & Pav. 'Mirabilis'), entre outras.

Acompanhando as orquídeas também encontramos diversas avencas (*Adiantum* spp.), vários fetos de coleção e outras plantas tropicais (fig. 36), algumas delas já de cultivo antigo, como os antúrios-rabo-de-porco (*Anthurium scherzerianum* Schott).



Figura 35 - Pormenor do interior da Estufa.



Figura 36 - Pormenor do interior da Estufa.

9 - Horta

A horta desenvolve-se por trás da estufa, e fornece a casa de alimentos frescos. É cultivada de uma forma tradicional, no entanto, para além de ter espaços dedicados à propagação de exemplares do jardim, está pontuada de elementos arbustivos de enorme valor e gosto (fig. 37), que a Sr.^a D. Helena foi colecionando durante os anos. São exemplo disso a *Salvia guaranitica* A.St.-Hil. ex Benth., a *Rotheca myricoides* (Hochst.) Steane & Mabb., algumas variedades de japoneira (*Camellia tsai* Hu, *C. japónica* L.

'Grape Soda', *C. japonica* L. 'Cup of Beauty', entre muitas outras curiosidades onde se destaca o raríssimo *Aloe ribauensis* T.A.McCoy, Rulkens & O.J.Baptista (fig. 38).

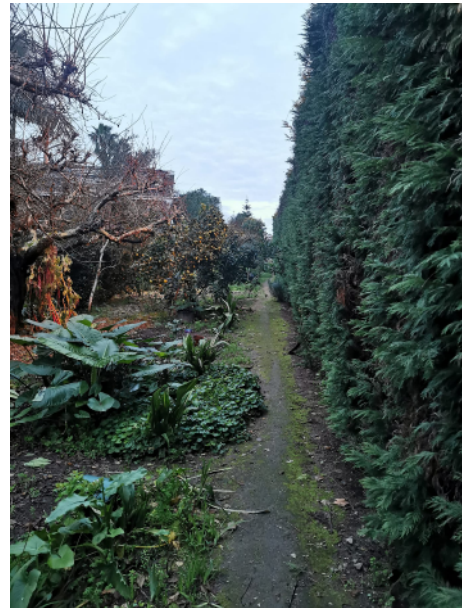


Figura 37 - Aspeto geral da horta.

10 - Lagos da Casa

Este local, orientado de nordeste para sudoeste, é composto por um maciço arbóreo, que separa os Lagos da coleção de iris, e um jogo de água, constituído por quatro lagos em patamares, conectados por pequenas quedas de água (fig. 38). Ele desenvolve-se encostado à residência do casal Pereira, e foi sujeito a um trabalho muito cuidado e pormenorizado. Desde a escolha das plantas, à disposição das mesmas, ao carinho e atenção que foram dados, este pequeno espaço transmite a capacidade criativa da Sr.^a D. Helena.

A composição é complexa, unindo harmoniosamente plantas de diferentes coleções (fig. 39), desde as aquáticas, representadas por nenúfares rústicos e tropicais (*Nymphaea* 'Orchid Star' e *N.* 'William Stone') e a *Thalia dealbata* Fraser., às suculentas, cicas, fetos arbóreos. O conjunto é pontuado por exemplares dramáticos como a *Corokia cotoneaster* Raoul de crescimento em zig-zag, brincos-de-princesa-da-Bolívia (*Fuchsia boliviana* Carrière), e o *Doryanthes palmeri* W.Hill ex Benth..



Figura 38 - Vista dos Lagos da Casa para norte.

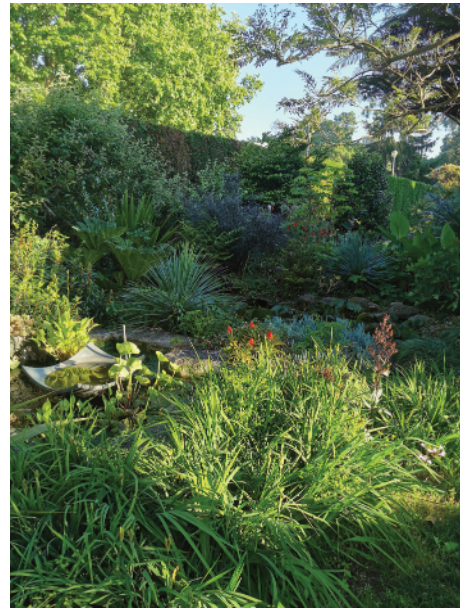


Figura 39 - Vista lateral dos Lagos da Casa.

11 - Coleção de Iris

É neste espaço de planta retangular, semelhante a uma horta, que se desenvolve “A Coleção” (fig. 40). As flores preferidas da Sr.^a D. Helena são os iris, e desde muito cedo que começou a colecionar variedades com flores diferentes. Entre trocas, doações e compras gerou-se uma coleção e um espaço impressionantes sobretudo no pico de floração. O espaço está dividido em talhões delimitados por telhas colocadas ao alto. Na periferia desta zona encontram-se japoneiras de coleção, onde se destaca a *Camellia azalea* C.F.Weii.



Figura 40 - Vista para a Coleção de Iris.

12 - Jardim da Frente

Esta zona está estruturada em canteiros que vão descendo de cota desde o portão de acesso à casa, até à entrada da mesma. Estes terminam num enorme metrosidero (*Metrosideros excelsa* Sol. ex Gaertn.) e numa palmeira-leque (*Washingtonia robusta* H.Wendl.). Estes canteiros são pontuados de vários arbustos e pequenas árvores de valor ornamental como a *Edgeworthia chrisantha* Lindl. e a *Banksia spinulosa* Sm.. É aqui que estão algumas das mais icónicas variedades de japoneiras (*Camellia spp.*) deste jardim, como a 'Red Leaf Bella', a 'Night Rider' e a 'Black Magic'.

13 - Jardim das Traseiras

Este jardim serve de enquadramento à sala de estar e sala de jantar da casa e, iniciando-se com um pátio onde se encontra uma fonte, evolui para uma situação mais sombria, onde dominam as pameiras e algumas árvores de floração como a caliandra (*Calliandra tweediei* Benth.) a paineira-barriguda (*Ceiba crispiflora* (Kunth) Ravenna) e uma trombeta-de-anjo vermelha (*Brugmansia sanguinea* (Ruiz & Pav.) D.Don) (fig. 41). No centro existe um pequeno lago com seu repuxo. O caminho de acesso à estufa percorre a lateral direita deste jardim, que é muito fresco (fig. 42).



Figura 41 - Vista do Jardim das Traseiras desde a casa.

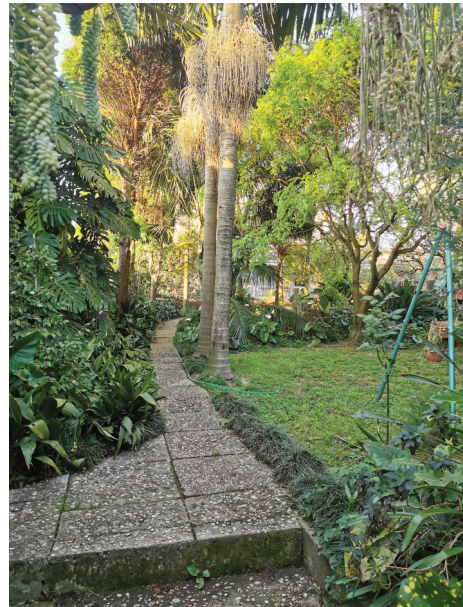


Figura 42 - Vista do Jardim das Traseiras desde a Estufa.

14 - Pomar

Esta subunidade, é a menos visitada do jardim. Desenvolve-se por trás do pavilhão de eventos. Está ocupado por citrinos e quivis e fornece a casa de fruta fresca. Algum do espaço é utilizado para armazenar matéria morta produzida pelo jardim – ramos, folhada – que no início do outono é queimada e reduzida a cinzas e depois espalhadas pelo jardim, e propagações que não tenham espaço na horta.

Podem-se ver, desde a Rua do Penedo, algumas árvores que pontuam este espaço, como a sequoia (*Sequoia sempervirens* (D.Don) Endl.) e o falso-pau-brasil (*Tara spinosa* (Molina) Britton & Rose). Existe uma sebe de camélias que protege este espaço dos ruídos da Rua do Penedo, e que é composta por diferentes variedades (*C. japonica* 'Incarnata' por exemplo).

SISTEMA HIDRICO E HIDRÁULICO



Legenda







-  Lagos e tanques
-  Poço
-  Mina
-  Furo
- Percurso da água
 -  Subterrânea
 -  Superficial

Figura 43 - Planta do Sistema Hídrico e Hidráulico.

Tendo em conta as necessidades de água que a manutenção do jardim acarreta, é fundamental fazer uma análise à forma como a morfologia sustenta a escorrência superficial e infiltração, mas também aos artifícios criados para a disponibilizar simultaneamente explorados para criar ambiências a partir do seu movimento. Assim, este subcapítulo divide-se entre sistema hídrico, onde se descrevem as características biofísicas do local que moldam a ação da água por gravidade e permeabilidade, e entre sistema hidráulico, onde serão abordadas as captações, armazenamento, jogos de água e lagos, e dispositivos e circuitos de distribuição que relacionam estes elementos.

Como se pode verificar na figura 43, os declives mais acentuados encontram-se no quadrante nordeste e sudeste do jardim, indicando a tendência da escorrência de este para oeste. Existem três áreas de declive suave, toda a parcela norte, onde se inclui a casa, a zona de cabeceira a sudeste, um pouco mais acima da Capela, e os espaços que ocupam o noroeste e oeste do patamar sul do jardim. Pela forma como o patamar norte se encontra trabalhado, este tem um importante papel na infiltração de águas pluviais no terreno e, pela direção que a mina toma é extremamente importante na manutenção e bom funcionamento da mesma. Num pequeno terreiro na zona de cabeceira, a sudoeste do jardim, no patamar sul, encontra-se uma construção inacabada, e o terreno envolvente a esta construção algo impermeabilizado, possivelmente não contribuindo muito na infiltração das águas pluviais. A zona baixa do patamar sul do jardim desenvolve-se em socalcos sendo o Lago dos Cisnes a zona de cota mais baixa. Este corpo de água recebe as escorrências do jardim sendo o excedente drenado no seu extremo oeste.

Tendo em conta a evolução do jardim, podem-se identificar dois setores no sistema hidráulico. Um para abastecer o patamar onde se insere a residência do casal, e que fornece a água a todos os elementos presentes nele, e outro, que alimenta as estruturas do patamar sul.

Em conversa o Sr. Artur transmite que uma das suas principais preocupações nestes terrenos foi a procura pela água, de forma a esta estar facilmente disponível para apoiar as diferentes operações culturais que se desenvolveriam. Esta preocupação estende-se desde o patamar norte do terreno ao patamar sul.

No patamar norte do jardim, onde se encontra a casa, existe um ponto principal de recolha de água, um poço localizado no Jardim da Frente. Deste ponto a água dirige-se para o Jardim das Traseiras – o primeiro a ser intervencionado – onde vai alimentar dois tanques. O tanque que se encontra junto da casa é de dimensões reduzidas e contém uma fonte. O tanque que ocupa o meio do Jardim das Traseiras tem uma forma que se aproxima da elipse, tendo na extremidade mais próxima da casa e nas laterais charizes e um pequeno no centro (fig. 44). O água do poço também é usada para alimentar os Lagos da Casa, um conjunto de quatro pequenos tan-

ques onde a água se desloca de norte para sul, através de pequenas cascatas que os separam (exceto do segundo tanque para o terceiro, onde há um caminho) (fig. 45). Ainda neste patamar encontramos o lago da Estufa, um pequeno tanque circular.



Figura 44 - Lago do Jardim das Traseiras.



Figura 45 - Pormenor dos Lagos da Casa.

O patamar sul do jardim é extremamente rico em água e, mesmo antes das intervenções do casal, já continha uma mina de água. No mapa encontramos marcado um dos seus abatimentos, agora transformado num aceso e ponto de recolha de água (fig. 46). Esta mina desenvolve-se na direção da casa passando por baixo da mesma. Mais tarde, e de forma a poder evitar os constrangimentos derivados das flutuações de água na mina, foi construído um furo, junto ao tanque da Mata. A água da mina é encaminhada para o Lago dos Cisnes (fig. 47) através de uma conduta subterrânea, mas também é bombeada até ao tanque da Mata (fig. 48). Este tanque foi construído numa cota mais alta para servir por gravidade a necessidade de água que as culturas necessitavam, sendo elemento de armazenamento e de distribuição neste sistema. Deste tanque a água é conduzida para os diferentes elementos de água presentes neste patamar: a cascata e a escadaria da Mata, a Cascata das Monsteras e a cascata do Lago dos Cisnes. A água usada nestes elementos é então encaminhada até o Lago dos Cisnes, que tem a sua descarga no seu limite sudoeste.

O tanque da Mata, um tanque de betão que armazena e distribui a água por todo o patamar segue um desenho tradicional, simples (fig. 48).

Os diversos jogos de água presentes contêm uma característica em comum, o seu aspeto naturalizado, sendo os tanques rodeados por pedras toscas ou levemente roladas de granito, e as quedas de água formadas por

grandes blocos de granito semelhante. Somente a escadaria se destaca deste conjunto, por usar alvenaria trabalhada em vez de blocos ou pedras de granito.



Figura 46 - Pormenor da mina.

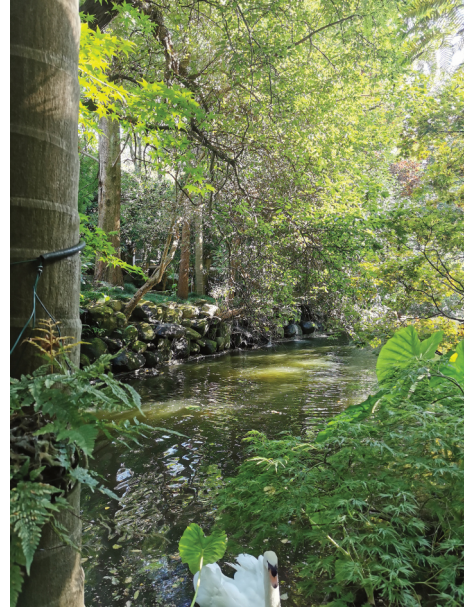


Figura 47 - Vista para a cascata do Lago dos Cisnes.



Figura 48 - Tanque da Mata.

SISTEMA DE CIRCULAÇÃO



Legenda

- Percurso principal
- - - Percurso secundário
- Acessos aos edifícios
- Entradas
- Patamar norte
- Patamar sul

Figura 49 - Planta do Sistema de Circulação.

Tal como já referido, tanto pela construção gradual do jardim, materialidade e pelo zonamento de acordo com as suas funções, o sistema de circulação é distinto nos dois patamares (fig.49). O ponto em que os circuitos do patamar norte e patamar sul se unem permitindo a comunicação entre os dois é feito através de um portão estreito, situado no canto norte do Terreiro. Para se aceder a este portão é necessário percorrer a pérgola de glicínias e subir a escada em caracol até à cobertura dos anexos adjacentes à garagem. Este acesso discreto permite criar uma distinção clara no que respeita à acessibilidade, condicionando o acesso aos convidados dos eventos ao patamar sul.

De carácter mais íntimo e familiar, construção modesta e com recurso a materiais menos nobres, mas de fácil instalação, o sistema de circulação no patamar norte serve a vida diária e a proximidade da casa, permitindo um acesso fácil a todos os subespaços do jardim.

O acesso principal à residência, a partir da rua Professor Amadeu Santos, em betão, ladeado de canteiros elevados, é suficientemente largo para permitir a circulação automóvel até à entrada principal da casa. Vindo de sul, o acesso à plataforma em ladrilho vermelho (fig. 50) que envolve a casa é feito por uma pequena escadaria.

Os restantes percursos que se encontram no patamar norte são mais discretos. Das traseiras da casa parte um caminho, em laje de cimento com godo, até uma zona pavimentada em frente à Estufa (fig. 51). É nesta zona pavimentada que se encontra o acesso ao patamar sul. Contornando a Estufa pela sua fachada sul encontra-se o acesso à Horta, onde toda a deambulação é feita em caminhos de pé posto (em terra nua) (fig. 52). Estes caminhos percorrem longitudinalmente a Horta, passando depois pelos Lagos da Casa e pela Coleção de Iris. O acesso da Horta à residência é feito entre os Lagos da Casa por um pequeno caminho de betão.

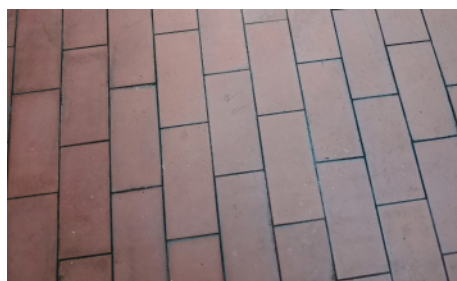


Figura 50 - Pavimento em ladrilho vermelho.



Figura 52 - Caminho de pé posto da Horta.

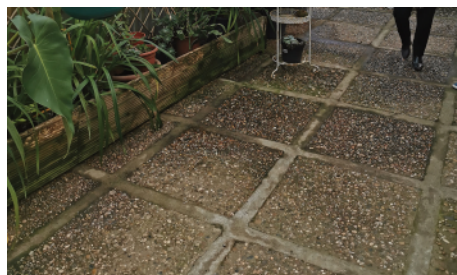


Figura 51 - Pavimento de cimento com godo.

O patamar sul caracteriza-se por percursos fortemente formalizados, com recurso à materialidade e dimensão, indicando aos visitantes as dinâmicas durante os eventos. Nesta zona é predominante o uso de granito nos caminhos principais, enquanto os secundários variam nas materialidades que apresentam.

O percurso principal consiste numa rua larga, que parte do portão oeste do terreno, passando entre o Lago dos Cisnes e a Cascata das Monsterras, os relvados e o Terreiro, e terminando no portão sudoeste, entre a Mata e o Pomar. Este caminho tem dois acessos com a mesma largura até ao Terreiro, e ao topo da mata. O aparelho construtivo deste percurso mantém a natureza do material utilizado, no entanto, desde o portão oeste até ao Terreiro o pavimento é em blocos irregulares de granito (fig. 53), enquanto que desde a bifurcação junto à Cascata das Monsterras até ao portão sudoeste o pavimento é em microcubo de granito, calcetado em leque (fig. 54). Este caminho encontra-se coberto, a partir do troço adjacente à Cascata das Monsterras até ao momento em que se bifurca, encaminhando-se para a Capela, por uma pérgula, mais ou menos coberta, dependendo dos locais, de trepadeiras variadas.



Figura 53 - Pavimento em blocos irregulares de granito.



Figura 54 - Pavimento em microcubo de granito.

Pode-se ainda incluir dentro dos percursos principais a escadaria da Mata, embora a sua tipologia seja diferente. Esta escadaria utiliza antigos lancis de passeios municipais como degrau, e os patamares são pavimentados em microcubo de granito. A transição para os canteiros destes caminhos é feita através de lancis de granito.

Os percursos secundários permitem o acesso a edifícios ou diferentes zonas a partir do percurso principal, sendo que os materiais usados nestas são variados.

Os acessos desde o caminho principal até ao Salão de Eventos são levemente mais estreitos, e são constituídos por lancis de granito serrado e microcubo de granito. Um destes acessos alcança o Relvado das Estrelícias, permitindo chegar ao salão de eventos. Este caminho inicia-se com umas escadas em arco de granito entre o Relvado das Estrelícias e o salão e outras semelhantes entre este e o percurso principal.

Ainda no Relvado do Pavilhão encontramos um acesso secundário entre o caminho principal e as entradas laterais do salão. Este caminho estreito é construído em lajes de betão com godol.

O acesso à capela da Mata desde o caminho principal é permitido através de uma pequena praça, pavimentada em microcubo de granito (fig. 55) de onde parte um pequeno acesso em blocos de granito que nos leva à escadaria da Mata.

A Mata e a zona da Cascata das Monstera são percorridas por caminhos de pé posto que permitem a deambulação e aceder a diversos pontos na extremidade destes dois sub-espacos, sendo os da mata acompanhados por um murete de blocos toscos de granito.



Figura 55 - Pavimento do acesso à capela.

SISTEMA SENSORIAL

ESPACIALIDADES

O jardim da Senhora do Penedo vive principalmente das espacialidades criadas pelo uso denso da vegetação. Esta é utilizada para construir os subespaços, ocultando o que se desenvolve além de cada um, desorientando o visitante, que só com visitas sucessivas ao jardim desenvolve uma ideia da sua totalidade. Da mesma forma, o esconder dos limites do espaço com recurso a vegetação densa e trepadeiras cria a ilusão de que estes são inexistentes ou mais distantes, tornando o jardim, na percepção do visitante, bem maior do que os seus limites reais.

A vegetação utilizada é diversa, com texturas e formas variadas, que, juntamente com as dinâmicas sazonais que a caracterizam, adjetivam o espaço e captam a atenção de quem o visita, desviando o foco da proposta desorientação.

A curta profundidade visual que caracteriza a leitura permitida a quem percorre o jardim é expandida, podendo-se identificar três momentos onde o olhar consegue ganhar amplitude e profundidade: a vista do Relvado das Estrelícias para as escadas de acesso ao pavilhão de eventos, a vista desde a capela da Mata e a vista da Entrada Oeste do jardim para o Lago dos Cisnes.

O primeiro momento referido é caracterizado, em primeiro plano, por uma escadaria em semicírculo, ladeada de dois exemplares bem constituídos de estrelícia-gigante, que criam uma moldura onde se pode ver, em segundo plano, a escadaria seguinte, de tipologia semelhante, e ladeada por um par de exemplares de palmeira-das-vassouras. Da interação dos dois planos resulta a ilusão de uma maior dimensão (fig. 56).

A vista para norte, desde a capela da Mata, que, pela sua cota elevada e por se encontrar desimpedida, permite observar as diferentes formas e texturas das copas das árvores da maior parte do patamar sul (fig. 57).

O percurso do caminho principal ao longo do Lago dos Cisnes, que pela sua morfologia produz um efeito de anfiteatro, permite a apreciação das texturas da vegetação que o envolve, participando também a ilha, como elemento dramático (fig. 58).



Figura 56 - Vista para as escadas do Relvado das Estrelícias.



Figura 57 - Vista para o jardim a partir da capela da Mata.



Figura 58 - Vista da entrada do jardim para o Lago dos Cisnes.

AMBIÊNCIAS

A luz, sonoridade, aroma e tatilidade são componentes que permitem enriquecer a percepção visual; e ao contrário desta, tornam-se evidentes com a vivência continuada do jardim. Estes, como são dependentes de fatores externos ao espaço, vão sofrendo variações sazonais, contribuindo para a volubilidade do espaço.

Tendo em conta que este jardim é sobretudo uma construção com vegetação, onde a vista é frequentemente trucada, a luz é um dos elementos mais expressivos, variando tanto pelos ritmos solares como sazonais.

A maior parte do jardim da Senhora do Penedo pode ser percorrido à sombra da exuberante vegetação, que filtra a luz solar, permitindo, só pontualmente, que pequenos raios a atravessem. Este efeito é altamente dinâmico, bastando apenas uma leve brisa para provocar uma dança de pequenos fragmentos luminosos. A natureza da luz varia sazonalmente com a inclinação da luz solar. No verão estes fragmentos são numerosos e pequenos mas extremamente luminosos enquanto que no inverno são mais tímidos, pouco luminosos e mais alongados.

A grande diferença sazonal na luminosidade ocorre quando, no final do outono, as grandes árvores – muitas vezes estruturantes no espaço – perdem as suas folhas. Enquanto que, no verão as copas imprimem um ambiente sombrio e fechado, no inverno por transparência, tornam os subespaços mais luminosos – dando a este jardim uma nova luz, num período que é frequentemente entendido como época de menor interesse neste tipo de espaços.

Integrando-se este jardim numa zona residencial, os ruídos associados ao trânsito rodoviário são audíveis, principalmente nas zonas mais próximas às extremidades nordeste e sudoeste do espaço. No entanto, à medida que nos afastamos destes extremos os ruídos do exterior dissipam-se, dando lugar ao ruído da água nas cascatas, ao cantar de pássaros e ao burburinho das copas na brisa.

Entende-se por tatilidade as sensações térmicas, de humidade e aragens percecionadas durante a estadia e neste jardim distribuem-se de forma heterogénea. As zonas mais próximas do Lago dos Cisnes são mais frescas e húmidas, fruto da vegetação utilizada e proximidade da água. A zona da Mata é ventosa e seca, por se encontrar numa encosta exposta e pelo coberto vegetal presente ser mais permeável. Pelas características da vegetação usada, os subespaços Horta, Coleção de Iris e Jardins da Frente são mais expostos, secos e quentes. Estes são contrapostos pelos Lagos da Casa e Jardim das Traseiras que, seja pela presença de água, seja pela vegetação mais exuberante e variada, são mais húmidos e frescos.

Os aromas são discretos e suaves ao longo do jardim, nunca se sobrepondo às restantes sensações. No entanto, fruto da época de floração das espécies utilizadas, estão mais presentes durante os meses mais quentes.

Nas zonas mais abertas dominam os aromas de flores, chamando a atenção aos exemplares que os originam, muitas vezes com flores discretas, que de outra forma passariam despercebidas. Nos locais mais fechados e sombrios emanam odores telúricos, havendo pontualmente invasões de odores florais, fugazes, que por um momento chamam a atenção e logo se desvanecem.

EDIFÍCIOS, ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E MOBILIÁRIO



Legenda

A - Residência do casal Pereira
B - Estufa
C - Abrigo dos cães
D - Anexos
E - Garagem
F - Casas de Banho

G - Pavilhão de Eventos
H - Capela

Figura 59 - Mapa dos edifícios identificados.

Também neste sistema encontramos a separação dos dois patamares. Esta distinção baseia-se na função dos edifícios de cada patamar. Enquanto que no patamar norte estes dão apoio direto à família e às suas atividades, no patamar sul os edifícios dão principalmente apoio a eventos e a participantes dos mesmos, havendo casos em que o foco principal do apoio é a manutenção do jardim (fig. 59).

Esta separação é perceptível, também noutros elementos construídos como muros, muretes e bancos, que para além de serem mais presentes no patamar sul, utilizam materiais concordantes com outros elementos.

As inúmeras dedicatórias presentes no jardim são uma característica exclusiva do patamar sul.

MUROS, MURETES E MOBILIÁRIO

Os muros e muretes, embora presentes nos dois patamares, são mais comuns no patamar sul. Enquanto que no patamar norte estes são construídos em alvenaria de tijolo rebocado, no patamar inferior o material usado é alvenaria de granito.

Em termos de bancos, podem-se classificar de acordo com as suas materialidades: bancos de madeira, bancos de pedra, e bancos de betão azulejado. Os primeiros são usados na zona pavimentada junto à casa e junto do salão de eventos, pintados de vermelho-tijolo (como o pavimento deste local) e de verde-escuro (fig. 60), respetivamente. Estes bancos seguem uma tipologia clássica de banco de jardim em ripas de madeira. Os bancos de pedra, sempre de granito, encontram-se dispersos por todo o patamar sul. São bancos muitas vezes compridos e sem costas (fig. 61). Por fim, existem dois bancos de betão azulejado (fig. 62), um embutido no muro de confrontação noroeste do jardim, e outro num muro de alvenaria de granito.



Figura 60 - Banco de ripas de madeira.



Figura 61 - Banco de alvenaria de granito.



Figura 62 - Banco de betão azulejado.

DEDICATÓRIAS

Encontram-se espalhadas pelo patamar sul uma série de dedicatórias que a família foi oferecendo entre si assinalando momentos importantes como por exemplo aniversários, casamentos e batizados. Estas são, na sua maior parte, um ato recíproco entre a Sr.^a D. Helena e o Sr. Artur. Outras dedicatórias existem direcionadas do casal aos filhos, netos e bisneta, tal como direcionadas dos filhos para o casal.

As dedicatórias são posicionadas em pontos onde a sua presença formaliza o espaço, sem nunca se imporem visualmente. Estas dedicatórias são sempre discretas, utilizando materiais concordantes com o restante jardim, como cerâmica, ou com cores que se diluam, como o bronze. O seu tamanho é normalmente reduzido, mantendo uma escala pessoal e intimista. Encontramos dedicatórias que agrupamos em três tipologias distintas:

- Painel de cerâmica pintada;
- Painel de bronze;
- Painel de bronze e pequena escultura.

Os painéis de cerâmica são sempre de tamanho reduzido e são encomendados ou pintados e escritos pela Sr.^a D. Helena (fig. 63).

Os painéis de bronze são encomendados, mas as mensagens que neles se encontram são escritas por quem os dedica. Alguns destes painéis incluem baixos-relevos (fig. 64) ou mesmo pequenas esculturas (fig. 65).



Figura 63 - Dedicatórias em painel de cerâmica pintado.



Figura 64 - Dedicatória em painel de bronze com baixo relevo.



Figura 65 - Dedicatória em painel de bronze com pequena escultura.

SISTEMA DA VEGETAÇÃO

O jardim da Senhora do Penedo surge de uma transformação gradual de um espaço com um caráter principalmente produtivo para um espaço que atualmente tem o recreio como a sua principal função, sem que nunca tenha perdido o seu caráter utilitário.

É com o intuito de produzir hortícolas e fruteiras para consumo próprio que o Sr. Artur adquire a parcela sul do jardim, e que até 1995 se mantém como zona de cultivo. Atualmente só as zonas do Pomar e Horta se mantêm como utilitárias, embora pontilhadas de espécies exóticas de grande valor ornamental. Estas duas zonas também são usadas como viveiro, de forma a climatizar e maturar exemplares para uso posterior no jardim.

A grande força motriz do jardim, seja na escolha das plantas, seja na sua plantação é o espírito colecionista da Sr.^a D. Helena, a que se alia o seu gosto pessoal, sensibilidade, memória e exigência, criando uma coleção eclética de enorme valor. Existem, no entanto, no conjunto casos de exemplares oferecidos que, ao serem pensados para a Sr.^a D. Helena, se enquadram perfeitamente na coleção.

O desenho das massas de vegetação, tal qual as vivenciamos hoje, é criado de forma empírica/espontânea e de forma gradual. Não existe um esforço pontual para a sua criação, mas um esforço contínuo de experimentação, avaliação de performance, planeamento, abate de exemplares e introdução de novos, na intenção de sempre melhorar o conjunto. Os resultados são conjuntos altamente dinâmicos, diversos e harmónicos, onde exemplares de coleção têm espaço para serem apreciados isoladamente, mas não subjugam o restante do conjunto, participando nele e elevando-o esteticamente. Estes conjuntos resultam da espontaneidade, intuição e experimentação por parte da Sr.^a D. Helena que, não estando presa a preconceitos, cria misturas de espécies únicas deste jardim, utilizando muitas plantas consideradas, no circuito comercial, de interior no exterior, não olhando a “canones”.

Existem situações onde a vegetação é utilizada como indicador ou elemento de pontuação como a continuidade e ligação entre o Relvado das Estrelícias e o salão de eventos, dada por um lanço de escadas ladeado de dois exemplares de grande porte de estrelícia-gigante, e o próprio relvado que apresenta o salão cuja entrada a partir do caminho principal é ladeada de duas butias. Tanto um conjunto como o outro acrescentam *gravitas* e direcionam a atenção do visitante ou convidados – no caso de eventos – para o local onde se têm de dirigir.

A irreverência e diversidade do jardim tornam-no um espaço complexo e desafiante de conhecer numa primeira visita. As próprias texturas e luminosidade mudam na sazonalidade, mantendo o visitante sempre entretido. No entanto é o espírito crítico e exigente da Sr.^a D. Helena que

permite afinar o uso da vegetação no jardim. A Sr.^a D. Helena é uma excelente observadora, e a sua sensibilidade foi complementada com o saber empírico no tempo. A performance dos exemplares já existentes no jardim é avaliada e, dependendo de diversos fatores, se esta não estiver à altura, o exemplar é eliminado/transplantado ou substituído por outro. A robustez dos conjuntos é desta forma assim gerida, a falhar o mínimo possível.

Através destes processos é criado um elenco robusto e com uma apresentação muito satisfatória ao longo do ano, com um bom desempenho na criação de espacialidades, pela redoma criada, onde excepcionalmente se abrem vistas, por entre biombos mais ou menos opacos, e na criação de momentos dramáticos, de espanto e de mistério.

A coleção botânica tem o seu início muito cedo, talvez mesmo antes da compra do primeiro terreno. Esta coleção embrionária é constituída por plantas antigas, que pertenciam à mãe da Sr.^a D. Helena, e, portanto, acompanhadas de um grande valor emocional. Estas plantas têm uma presença muito forte nos conjuntos do jardim, seja pelo seu valor emocional, botânico ou ornamental e desempenho excepcional.

O enriquecimento da coleção deve-se à atenção que a Sr.^a D. Helena presta à sua envolvente quando viaja recolhendo com frequência exemplares nas suas visitas.

Nas visitas a jardins públicos, históricos e jardins botânicos, a Sr.^a D. Helena procurava saber quem os geria ou então quem eram os jardineiros responsáveis. Abordando-os, pedia sempre se lhe podiam oferecer propágulos de entre das plantas que lhe interessavam. Incluem-se nestes jardins Monserrate, os Jardins Botânicos de Coimbra, Lisboa e Porto, os jardins de Ponta Delgada (António Borges, José do Campo), Parque Terra Nostra – onde conheceram o jardineiro chefe – entre outros, espalhados pelo país. Uma das histórias destaca-se pelo artifício de um jardineiro que, não podendo oferecer diretamente os propágulos à Sr.^a D. Helena, os recolheu num saco do lixo, avisando-a que este seria colocado junto dos contentores ao final do dia.

No contexto das deslocações do casal pelo país, a maior parte, se não todas, de automóvel, o Sr. Artur é o condutor, enquanto a Sr.^a D. Helena o acompanha no lugar da frente onde fica atenta aos indícios dos jardins visíveis desde a estrada. São inúmeras as histórias em que a Sr.^a D. Helena, vendo uma planta que lhe interessava, pedia ao seu marido que parasse o carro para pedir um propágulo aos moradores da casa onde se encontrava a planta. Nestes casos, o pedido vinha sempre acompanhado de uma troca por uma planta que essas pessoas ainda não tivessem. No caso de lhe cederem uma porção da planta, o casal apontava a morada e, numa próxima oportunidade, trazia a planta acordada na troca. Com estas trocas fizeram-se uma série de amizades, algumas muito importantes, como com Sr.^a D. Rosa, de Ovar – com uma coleção impressionante de proteáceas. É com este tipo de trocas que se foi gerando a coleção de lírios (*Iris* spp.), mas também enriquecido o jardim de plantas já experimentadas em jardim, pelo país inteiro. Também, nas ilhas de São Miguel e Madeira, foram abordados vários proprietários por possuírem exemplares nos seus jardins de interesse para a Sr.^a D. Helena. O jardim da Senhora do Penedo inclui assim várias espécies da cultura dos jardins coloquiais de todo o país.

Deve-se enfatizar, no entanto a relação entre o jardim da Senhora do Penedo e o Jardim Botânico do Porto (JBUP). São regulares as visitas do casal ao JBUP, pela sua proximidade e confiança com o curador das coleções. São resolvidas identificações, trocadas impressões, conselhos e ocasionalmente plantas, de forma a enriquecer a coleção dos dois espaços.

Este tipo de trocas é acompanhado de uma série de perguntas sobre a forma de cultivar as plantas oferecidas ou trocadas, tal como conselhos face às condições do local a plantar. Estes momentos são também aproveitados para pedir ajuda no tratamento de outras espécies ou variedades não envolvidas na troca, no caso da Sr.^a D. Helena as ter observado em excelente condição no jardim em visita.

Deste tipo de interações resulta um aumento da sua coleção tanto com exemplares raros como com o retomar de espécies ornamentais que outrora eram mais frequentes em cultivo amador, acompanhado de um enriquecimento do conhecimento sobre a forma de os cuidar e os instalar ou melhorar exemplares que estejam em condições sub-ótimas no jardim.

Por fim referem-se as visitas frequentes a hortos e viveiros, os mais próximos da residência do casal sendo visitados mais frequentemente, no entanto não são estranhas as visitas a hortos próximos quando o casal se encontra de viagem a determinada região. A lista de viveiros visitados abrange quase todo o litoral do país, desde Viana do Castelo até ao Algarve.

No entanto não é qualquer horto ou viveiro que merece visitas sucessivas. Aquando da visita, todo o estabelecimento é inspecionado, desde o estado das plantas até ao elenco oferecido. Somente aqueles que têm uma boa apresentação e qualidade, principalmente na saúde e arranjo das plantas, e recebem bem os clientes são visitados regularmente e, caso as exigências em qualidade não sejam correspondidas há mesmo relutância por parte do casal em voltar a esses espaços.

Estas visitas enriquecem a coleção com plantas que se encontram regularmente como outras que recentemente tenham sido introduzidas nos circuitos comerciais.

Tendo em conta a complexidade do elenco florístico presente neste jardim, foram explorados efeitos espaciais do conjunto, através da descrição do sistema clareira-orla-mata, e características do elenco florístico, pondo em evidência a sua constituição, coleções desenvolvidas e a indicação de espécies emblemáticas.

ESTRUTURA DA VEGETAÇÃO
SISTEMA CLAREIRA-ORLA-MATA



Legenda

- Clareira
- Orla
- Mata

Figura 66 - Mapa do sistema clareira-orla-mapa.

De forma a pôr em evidência a tipologia de espaços criados pela vegetação, a sua estrutura tridimensional foi classificada entre clareira, orla e mata. Cada uma destas tipologias pode ser associada a uma espacialidade que, dependendo dos elementos presentes, pode variar.

Entende-se assim a mata como um espaço de vegetação densa, onde todos os estratos de vegetação se encontram presentes. As copas dos elementos arbóreos tomam uma cobertura quase completa, criando um espaço sombrio, e de profundidade visual curta.

Em oposição à mata, as clareiras são espaços abertos, com pouca ou nenhuma cobertura de copas de árvores. A visão é desimpedida, sendo os obstáculos raros, e só impedida na fronteira entre esta tipologia e as outras. São situações facilmente cénicas uma vez que permitem a observação de tudo que as rodeia. Pelas suas particularidades incluem-se nesta tipologia a Cascata das Monsteras que, apesar da cobertura quase total das copas das árvores apresenta-se como um espaço desimpedido. Este subespaço é bastante luminoso fruto da entrada de luz favorecida pelo alinhamento do acesso a este local com o acesso à clareira que se desenvolve em frente.

O Lago dos Cisnes, pela sua dimensão, não se encontra coberto por estrato arbóreo, aparecendo como espaço amplo e desimpedido e, assim, cumprindo com a tipologia de clareira.

A orla entende-se como a transição entre a mata e a clareira. Têm muitas vezes função de biombo, ocultando ou revelando para além dos limites dos vários subespaços.

No jardim da Senhora do Penedo as orlas são ricas em arbustos de grande porte ou pequenas árvores, na maior parte das vezes floríferos ou de qualidade ornamental. Em certas situações existem palmeiras ou mesmo estrelícias-gigantes. O pomar do jardim foi incluído nesta categoria, pelas árvores baixas que o constituem e por criar uma barreira visual forte, sem no entanto se encontrar coberto por árvores mais altas.

Consultando a figura 66 verifica-se que a orla é a tipologia mais presente no jardim.

São perceptíveis duas manchas distintas de mata, uma a noroeste e outra a sudeste. É importante, também, referir o contacto entre a mancha de mata a noroeste com os prédios da urbanização Vyla Penedo. Este volume cria sombra e protege esta zona do jardim, criando uma sensação de continuidade da mata para lá dos limites do jardim.

É através de muitas das zonas de tipologia de orla que se definem os diferentes sub-espaços referidos anteriormente no documento, sejam estes clareiras ou matas.

PROPORÇÃO EXÓTICAS - NATIVAS VEGETAÇÃO ESTRUTURANTE

Ao longo do jardim a vegetação muda subtilmente, mas sempre mantendo o contexto, nunca quebrando a unidade do jardim. A vegetação estruturante muda de acordo com o espaço: as zonas mais húmidas são caracterizadas por elementos como as palmeiras-kentia (*Howea forsteriana* (F.Muell.) Becc.), palmeiras-bungalow e estrelícias-gigantes, que nalgumas situações são dominantes, mas noutras somente pontuam o espaço.

Apesar do espaço ser dominado por flora exótica, estão presentes exemplares de grande porte de carvalhos-alvarinho (*Quercus orocantabrica* Rivas Mart. & al. (2002: 706)), sobreiro (*Quercus suber* L.) e pilriteiro (*Crataegus monogyna* Jacq.), e pontuações de palmeira-das-vassouras, que representam de forma mais evidente a presença das nativas dentro deste jardim. No entanto é necessário referir o golfão-amarelo (*Nuphar lutea* (L.) Sm.) e a calta (*Caltha palustris* L.), duas espécies nativas aquáticas raras, que ocupam um lugar de destaque no Lago dos Cisnes.

Ao longo de todo o jardim são maioritariamente dominantes as exóticas, seja em número como em volume. São reduzidos os exemplares de flora nativa, por vezes de grande porte.

O VALOR DA COLEÇÃO DO JARDIM

Tendo em conta a linha colecionista que define a escolha do elenco vegetal neste jardim, torna-se relevante a sua caracterização em termos de taxa e variedades presentes, refletindo-se, de seguida, sobre a sua relevância em cada uma das coleção e na sua preservação. Não se considera conservação (embora esta possa indiretamente existir) uma vez que grande parte das plantas utilizadas são adquiridas fora da sua distribuição natural. No entanto, como será à frente referido, a presença de cultivares antigos permite a sua preservação, sendo importante este processo em termos culturais.

Houve, durante as diversas visitas ao espaço, um esforço de levantamento das espécies e variedades presentes neste jardim. No entanto, tratando-se de um conjunto dominado por plantas ornamentais, e não tendo sido a sua introdução acompanhada de um registo preciso, a identificação da vegetação foi um processo moroso e sem garantias da precisão das identificações. Enquanto que a determinação da espécie é acompanhada de alguma certeza, a identificação de cultivares, pelos recursos utilizados, é aproximada, contendo sempre algum nível de incerteza.

Pelo tamanho do acervo o esforço de identificação focou-se nas espécies, ou exemplares, com maior expressão no conjunto, não se encontrando a lista gerada completa.

Estando estes esforços concentrados durante os meses de verão, houve conjuntos de plantas que não puderam ser classificados, como é o caso das camélias, em que a maioria floresce desde o início do outono até ao final da primavera, lírios (*Iris* spp.) e bolbosas de primavera. Existem dentro da lista gerada algumas entradas referentes a estas coleções. Isto deve-se a memórias e registos fotográficos que permitiram identificá-las.

Foram identificados, 352 taxa distribuídos por 237 géneros e 95 famílias, sendo necessários esforços de identificação no caso da coleção de camélias (pouco representadas nesta lista, mas em grande número e variedade no jardim) e da coleção de Lírios (*Iris* spp.).

Para compreender a qualidade da coleção foi necessária a classificação dos diferentes taxa por classe, onde os termos científicos Cycadopsida, Liliopsida, Magnoliopsida, Pinopsida e Polypodiopsida se podem traduzir em cicas, monocotiledóneas, dicotiledóneas, coníferas e fetos respetivamente, para melhor compreensão e, mais importante, visualização (em termos de formas típicas) destes grupos de plantas.

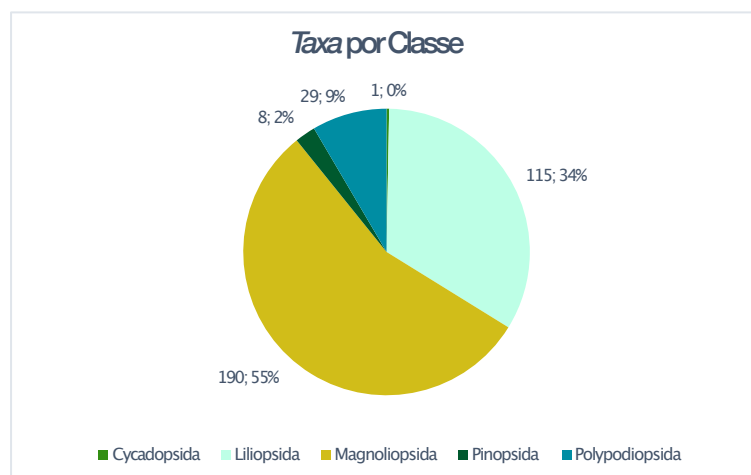


Figura 67 - Gráfico do número e percentagem de taxa por Classe.

Consultando a figura 67 pode-se verificar que as dicotiledóneas dominam a coleção, constituindo mais de metade dos taxa identificados. As monocotiledóneas representam um terço da coleção, e as restantes categorias representando quase um sexto da coleção. As coníferas e cicas são os grupos com menor representação na coleção.

É, no entanto, necessário enfatizar que os grupos de plantas com menos expressão nesta quantificação, estão representados por exemplares de coleção de grande qualidade, sendo, nalguns casos, mesmo raros em coleções fora de jardins especializados.

A coleção desenvolvida até hoje pelo casal Pereira no seu jardim contém exemplares de todos os continentes (exceto Antártica). Consultando a

figura 68 pode-se verificar que existe um domínio de plantas oriundas das américas – no caso não se procedeu à separação entre a América do Sul e do Norte, o que também explica a enorme quantidade de *taxa* incluídos – seguido por plantas asiáticas, africanas, da Oceânia e, por fim, europeias. Enquanto que a grande expressão de plantas americanas pode ser explicada pela junção da América do Norte e do Sul, a expressão, neste jardim, de plantas asiáticas pode ser causada pelo cultivo, já histórico, de muitas plantas ornamentais com esta origem nos jardins portugueses.

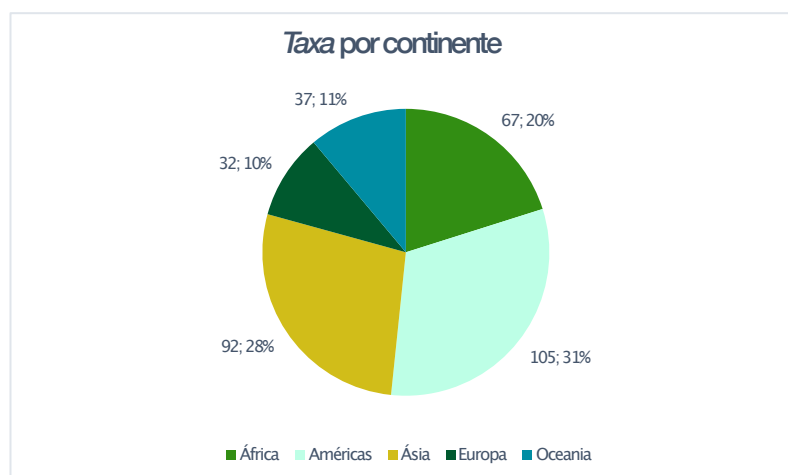


Figura 68 - Gráfico do número e percentagem de *taxa* por continente.

A vegetação do continente europeu é a menos representada neste jardim. Estão presentes fetos e plantas nativas de Portugal, mas também algumas exóticas, como os acantos (*Acanthus mollis* L.). O próprio gosto pessoal da Sr.^a D. Helena pode ter influência nesta pequena representação da flora ornamental europeia.

Para além de conter exemplares representativos de vários continentes, a coleção também engloba várias zonas climáticas que, por questões de compreensão, foram simplificadas para: tropical, subtropical, savana, mediterrânico, temperado e desértico. As categorias climáticas tropical e subtropical são entendidas como climas sem estação seca definida, com temperaturas altas, nunca descendo dos 10° C, e com temperaturas altas, excepcionalmente descendo aos 0° C, respetivamente; o clima de savana é considerado como um clima próximo ao tropical, mas com uma estação seca definida, durante os meses de inverno; o clima mediterrânico como próximo do subtropical, mas com uma estação seca definida durante os meses de verão; o clima temperado como não tendo uma estação seca definida, mas atingindo temperaturas baixas (negativas ou próximas) durante o inverno; e o clima desértico compreendido como tendo pluviosidade muito baixa, mas concentrada durante os meses de Verão.

Esta simplificação das categorias climáticas usadas tem também em conta as ponderações e operações culturais que cada *taxa* necessita, organizando as plantas do jardim pelas ações necessárias ao seu cultivo.

Em termos de rega podem-se organizar entre: rega de verão abundante (clima de savana e, nalguns casos, tropical), rega de verão esparsa (clima desértico), rega de inverno (clima mediterrânico) e rega todo o ano (tropical, subtropical e temperado). Em termos de localização – que dependerá da resistência das plantas a temperaturas baixas, mas também às condições atmosféricas – organizam-se entre exterior (algumas plantas de clima tropical, algumas de savana, subtropical, mediterrânico e temperado) e interior (clima tropical, savana e desértico).

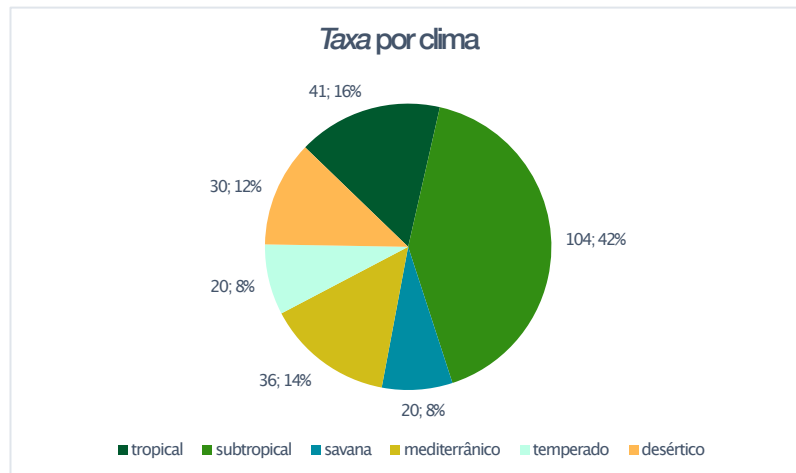


Figura 69 - Gráfico do número e percentagem de taxa por clima.

São dominantes, neste jardim, plantas de clima temperado e de clima subtropical (fig. 69), criando uma mistura interessante de texturas, hábitos e performances.

Os restantes climas – savana, desértico, mediterrânico e tropical – são menos representados, pontuando os conjuntos sempre que capazes de mostrar bom desempenho em jardim. Dentro destes, as plantas que menos participam nos conjuntos são as de clima desértico, não só pelo tamanho reduzido dos exemplares, mas também pela sua sensibilidade ao clima do noroeste português. Da mesma forma, as plantas características de clima tropical são menos usadas, principalmente pela sua reação aos meses mais frios do ano, quando o seu desempenho é sub-ótimo. Estas, quando sensíveis a temperaturas baixas, são cultivadas na estufa, mas as que dão provas da sua resistência são usadas no exterior.

De forma a pôr em evidência a riqueza da coleção em termos de formas e estratégias de adaptação a climas semelhantes em continentes diferentes, cruzaram-se as informações recolhidas para cada táxon face ao seu continente de origem e o clima correspondente. Geraram-se, assim os seguintes gráficos abaixo.

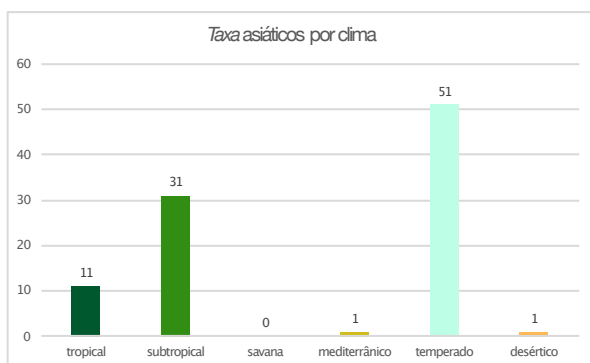


Figura 70 - Gráfico do número de taxa asiáticas por clima.

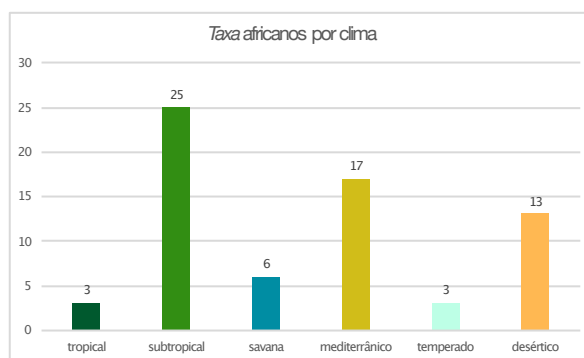


Figura 71 - Gráfico do número de taxa africanos por clima.

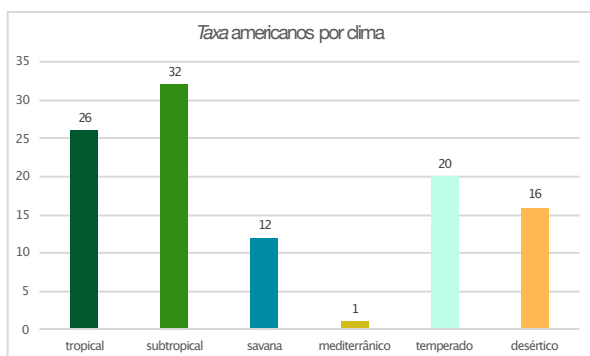


Figura 72 - Gráfico do número de taxa americanos por clima.

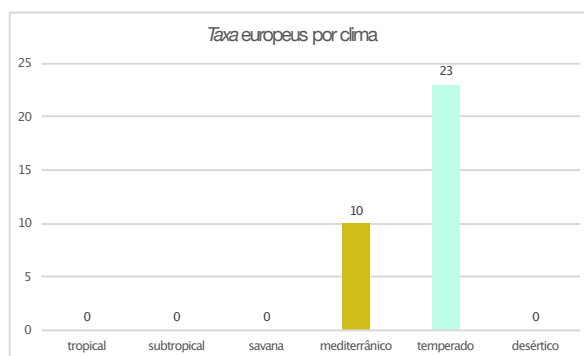


Figura 73 - Gráfico do número de taxa europeus por clima.

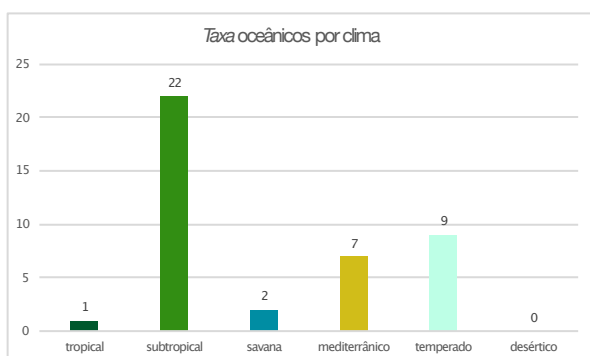


Figura 74 - Gráfico do número de taxa oceânicos por clima.

Consultando as figuras 70 a 74 verifica-se que a coleção contém exemplares característicos de todos os tipos climáticos representativos de todos os continentes. No entanto, a representação de cada clima não é uniforme: enquanto que o continente asiático e o europeu se encontram mais representados por espécies de clima temperado (fig. 70 e 73), os restantes continentes, africano, americano e oceânico são representados principalmente por espécies de clima subtropical (fig. 71, 72 e 74). Enfatiza-se a grande representação de espécies de origem tropical do continente americano, somente um pouco menor que a representação de espécies subtropicais do mesmo continente (fig. 72).

Observando o gráfico referente ao continente europeu não se registaram taxa de clima tropical, subtropical, de savana ou desértico (fig. 73). O continente europeu não contém nenhum equivalente ao clima tropical e de savana, e embora tenha presentes regiões onde o clima se aproxima de subtropical e desértico, estas têm uma expressão geográfica diminuta, e ainda menor expressão nos circuitos comerciais acessíveis a privados.

Também se pode verificar que as plantas de clima desértico americanas são mais presentes do que as plantas do mesmo clima dos restantes continentes, principalmente representadas por plantas da família dos catos (Cactaceae), quase exclusivas do continente americano.

Embora o jardim se encontre numa região de clima mediterrânico, não é o mediterrânico europeu que se encontra mais representado, mas sim o africano, com espécies bulbosas e suculentas. Segue-se o continente europeu, representado por espécies nativas.

O clima tropical é mais representado por espécies americanas, seguindo-se as espécies asiáticas.

Dentro da lista de taxa recolhidos, 9% são cultivados na estufa do jardim, onde dominam espécies de clima tropical e subtropical. Dos restantes 91%, cultivados no exterior, seguem as proporções expostas na figura 75:

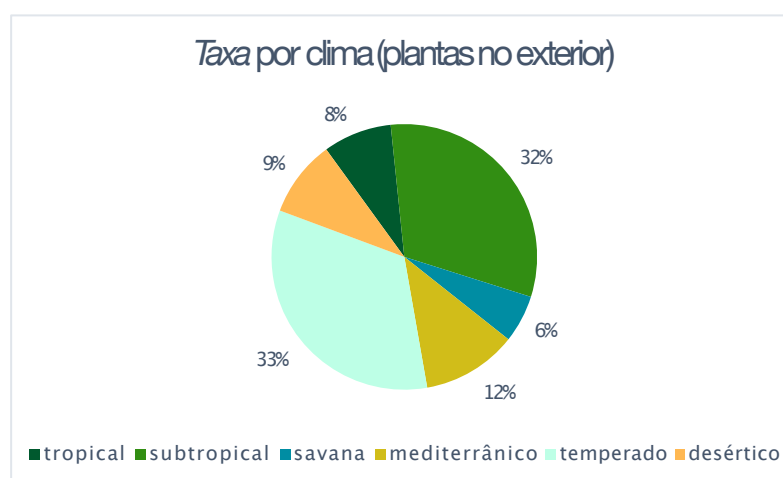


Figura 75 - Gráfico do número e percentagem de taxa por clima no exterior.

Comparando a figura acima com o gráfico e comparando com a figura (taxa por clima da coleção total) verifica-se que existem poucas diferenças na percentagem de taxa por clima. O elenco usado no exterior do jardim mantém proporções semelhantes, com dominância de plantas de clima temperado (aumentando de 31 para 33%) e subtropical (inalterado) (fig. 75). No entanto assiste-se a um aumento ligeiro da percentagem de plantas de clima mediterrâneo (de 10 para 12%) e uma diminuição da percentagem de plantas de clima tropical (de 12 para 8%). Estas alterações de percentagem devem-se à necessidade de proteção de algumas plantas de clima tropical, enquanto que as de clima mediterrânico, mais adaptadas às condições exteriores não estão representadas no elenco presente na estufa.

Podem-se identificar, dentro do vasto elenco presente, algumas coleções temáticas. Estas podem ser isoladas tendo em conta o número de exemplares correspondente a cada grupo (Classe – no caso da coleção de fetos), família (Arecaceae – no caso da coleção de palmeiras) ou género (*Camellia* e *Iris*). Existem assim quatro coleções mais evidentes no jardim.

Com apenas 39 espécies, a coleção de fetos que encontramos abrange todos os continentes (exceto Antártica), e inclui espécies nativas como o feto-real (*Osmunda regalis* L.) e o feto-de-botão (*Woodwardia radicans* (L.) Sm. (fig. 76), usado em grande escala, e espécies exóticas de grande qualidade ornamental, como os fetos arbóreos (*Alsophila australis* R.Br. e *Sphaeropteris* spp.) (fig. 77), fetos ornamentais clássicos (*Rumohra adianthiformis* (G.Forst.) Ching, *Nephrolepis cordifolia* (L.) C.Presl, *Adiantum raddianum* C.Presl) e fetos de coleção (*Asplenium australasicum* Hook., *Dennstaedtia davallioides* (R.Br.) Moore (fig. 78), *Lophosoria quadripinnata* (J.F.Gmel.) C.Chr. in Skottsbo., *Didymochlaena truncatula* (Sw.) J.Sm., *Coniogramme emeiensis* Ching & K.H.Shing 'Golden Zebra'). Alguns géneros de fetos de cultivo histórico, como as avencas (*Adiantum* spp.) e *Nephrolepis* spp. encontram-se representados com diversas espécies, mostrando a sua diversidade. Este grupo, embora em pequeno número em comparação com outros, é bem representado pela diversidade das espécies presentes, mas também na qualidade dos exemplares no jardim.



Figura 76 - Feto-de-botão (*Woodwardia radicans* (L.) Sm..



Figura 77 - *Sphaeropteris cooperi* (Hook. Ex. F.Muell.) R.M.Tryon.



Figura 78 - *Dennstaedtia davallioides* (R.Br.) Moore.



Figura 79 - Palmeira-bungalow (*Archontophoenix cuninghamiana* (H.Wendl.) H.Wendl & Drude) ao centro.



Figura 80 - Palmeira-nikau (*Rhopalostylis sapida* H.Wendl. & Drude).



Figura 81 - Palmeira-mula (*xButiagrus naborandii* (Prosch.) Vorster).

A coleção de palmeiras – plantas da família *Arecaceae* – contém apenas 16 *taxa*, mas tem uma forte presença no jardim. Esta é constituída por palmeiras que, embora comuns nos territórios insulares, são pontuais nos jardins do continente, como as palmeiras-bungalow (*Archontophoenix cunninghamiana* (H.Wendl.) H.Wendl. & Drude) (fig. 79) e a palmeira-nikau (*Rhopalostylis sapida* H.Wendl. & Drude) (fig. 80), a única palmeira nativa do continente europeu, a palmeira-das-vassouras (*Chamaerops humilis* L.), palmeiras comuns no circuito comercial como o jerivá (*Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman) e a butia (*Butia odorata* (Barb.Rodr.) Noblick), mas também um híbrido entre jerivá e butia (*xButiagrus nabonnandii* (Prosch.) Vorster) – chamado de palmeira-mula (tradução direta do inglês) (fig. 81).

A coleção de camélias é constituída por várias espécies, mas também variedades de japoneira (*Camellia japonica* L.) e de sasanqua (*Camellia sasanqua* Thunb.). Tradicionais nos jardins do noroeste português, também aqui se encontram muito bem representadas, com espécies de clima subtropical como a *Camellia azalea* C.F.Weier e temperado, como a *Camellia tsai* Hu sem esquecer a presença da planta-do-chá (*Camellia sinensis* (L.) Kuntze). Participam nesta coleção também híbridos entre as três camélias mais comuns em cultivo (*C. japonica* L.; *C. sasanqua* Thunb.; *C. reticulata* Lindl.) enriquecendo a coleção em forma e cor. Destacam-se entre as variedades a *C. japonica* L. ‘Cup of Beauty’ (fig. 82) e a sua mutação cor-de-rosa ‘Madam de Cannart d’Hamale’, a variedade de folhas escuras *C. japonica* L. ‘Red Leaf Bella’ (fig. 83), variedades de origem portuguesa como a *C. japonica* L. ‘Dona Herzília de Freitas Magalhães’, mas também variedades clássicas como a *C. japonica* L. ‘Alba Plena’. Esta coleção é frequentemente enriquecida, com espécies, híbridos e variedades novas (fig. 84).



Figura 82 - *C. japonica* ‘Cup of Beauty’.



Figura 83 - *C. japonica* ‘Red Leaf Bella’.



Figura 84 - *C. x williamsii* 'Night Rider'.



Figura 85 - Iris do grupo germanica.



Figura 86 - Iris do grupo pacífica.



Figura 87 - Lírio-japonês (*Iris japonica* Thunb.).

Por último, a coleção de lírios, a única coleção que se encontra concentrada num único local do jardim, é constituída principalmente por variedades de lírio-de-jardim (*Iris x germanica*) (fig. 85) que o casal foi adquirindo em viagens ou trocas de plantas obtendo uma paleta de cores desde o azul e o quase negro aos tons pasteis. Também se incluem exemplares de lírio-do-pacífico (fig. 86) (Pacíficas – os lírios da costa oeste dos EUA) de flores extremamente ornamentais e espécies, como o lírio-japonês (*Iris japonica* Thunb.) (fig. 87). Pela forma como esta coleção foi sendo desenvolvida, torna-se quase impossível a identificação das diversas variedades presentes. Existe, no entanto, um registo fotográfico, por parte do filho mais velho do casal, no entanto, este não contém uma correlação entre a fotografia e a localização de cada variedade.



Legenda

- | | |
|--|---|
| A - <i>Aloe ribauensis</i> T.A.McCoy, Rulkens & O.J.Baptista | G - <i>Hymenosporum flavum</i> F.Muell. |
| B - <i>Cinnamomum verum</i> J.Presl | H - <i>Nymphaea</i> 'Orchid Star' e 'William Stone' |
| C - <i>Colletia paradoxa</i> (Spreng.) Escal. | I - <i>Pandanus furcatus</i> Roxb. |
| D - <i>Corokia cotoneaster</i> Raoul | J - <i>Rothea myricoides</i> (Hochst.) Steane & Mabb. |
| E - <i>Dahlia imperialis</i> Roezli ex Ortgies | K - <i>Salvia guaranitica</i> A.St.-Hil. ex Benth. |
| F - <i>Doryanthes palmeri</i> W.Hill ex Benth | L - <i>Thalia dealbata</i> Fraser |

Figura 88 - Localização de exemplares raros e de grande valor ornamental.

Para além das coleções o jardim encontra-se pontuado por exemplares raros em cultivo no continente e de grande valor ornamental. Estas plantas encontram-se muitas vezes em pontos estratégicos – visuais, pontos focais, etc – dos espaços do jardim, de forma a serem colocados em evidência (fig. 88).

Incluem-se aqui os seguintes exemplos:

- A. Aloe-do-monte-Ribaue (*Aloe ribauensis* T.A.McCoy, Rulkens & O.J.Baptista) – uma surpresa dentro da coleção, talvez a espécie mais peculiar deste jardim, pela sua peculiaridade, raridade em coleções botânicas e dificuldade de identificação. A sua característica mais distintiva é a inflorescência que, na porção onde estão expostas as flores, é semi-pêndula (fig. 89);
- B. A canela (*Cinnamomum verum* J.Presl), apesar de ter sido uma planta pontualmente usada em jardins do século XVIII, não é normalmente encontrada em circuito comercial. Para além do seu valor como especiaria, este exemplar faz uma ponte, juntamente com as camélias, com os jardins de século XVIII da cidade do Porto, onde ainda se encontram presentes alguns exemplares desta espécie;
- C. A quina-de-porto-alegre (*Colletia paradoxa* (Spreng.) Escal.) é um arbusto espinhoso do este da América do Sul. Reconhece-se pelos acúleos que ornamentam o caule, sempre presentes aos pares e orientando-se 90° em cada nó. Com grande valor ornamental, pelo seu aspeto escultural, não deixa de ser uma planta algo perigosa. É frequente encontrá-la em jardins botânicos, mas esporádica ou mesmo inexistente no circuito comercial;
- D. A espécie *Corokia cotoneaster* Raoul insere-se nesta lista não pela raridade da planta em hortos e viveiros, sendo comum encontrá-la disponível, mas pela qualidade do exemplar presente no jardim, já com um porte considerável e mantendo a sua estrutura natural. Tal como o caso da quina-de-porto-alegre, é o crescimento em zigzag, formando padrões quase hexagonais e intrincados (crescimento divaricado), que provoca e atrai o olhar a esta planta, exemplo de uma adaptação à herbivoria por aves;
- E. A dália-gigante (*Dahlia imperialis* Roetzl ex Ortgies) – uma dália de grande porte (entre 2 a 4m) de floração outonal a invernada, comum em cultivo no continente americano, mas rara em cultivo na Europa, aparecendo somente em jardins botânicos;
- F. Os *Doryanthes palmeri* W.Hill ex Benth., semelhantes a agaves, formando rosetas de folhas lanceoladas e de margem inteira, onde, do centro de cada uma, partem inflorescências longas tendencialmente horizontais de flores vermelho-sangue. Esta planta australiana encontra-se presente nalguns jardins botânicos e jardins do país, sendo mais comuns nos casos insulares;

- G. Os frangipani-australianos (nome adaptado do nome australiano (*Hymenosporum flavum* F.Muell.) – estas árvores australianas, próximas dos pitósporos, enchem-se de flores creme extremamente perfumadas que com o passar dos dias se tornam amarelas. É uma planta pouco frequente no circuito comercial, conhecendo-se exemplares em espaço público na Madeira (Praça do Carmo, Funchal);
- H. Nenúfar tropical cor-de-rosa e azul (*Nymphaea* ‘Orchid Star’ e *N.* ‘William Stone’) – são exceções à regra do que se encontra regularmente no circuito comercial, onde são mais comuns as variedades rústicas de nenúfar (subgénero *Nymphaea*). Estas duas variedades de nenúfar tropical de floração diurna (subgénero *Brachycearas*) têm a sua origem em hibridações entre espécies africanas, resultando em plantas extremamente vigorosas, de floração abundante e duradoura, apresentando flores em forma de estrela suportadas acima da superfície da água, cor-de-rosa no caso da variedade ‘Orchid Star’ e azuis no caso da ‘William Stone’;
- I. O pandano (*Pandanus furcatus* Roxb.) – cujo nome em inglês se refere à inserção das folhas no caule, produzindo uma espiral dupla, encontra-se na extremidade oeste do Terreiro. Esta planta, tal como o frangipani não é comum nos circuitos comerciais, embora possa aparecer esporadicamente em viveiros especializados (fig. 90);
- J. A flor-borboleta (*Rothea myricoides* (Hochst.) Steane & Mabb.) – previamente considerado um clerodendro (*Clerodendron spp.*), de flores azul-vivo em forma de borboleta, igualmente incomum nos circuitos comerciais nacionais (fig. 91);
- K. A salva-azul (*Salvia guaranitica* A.St.-Hil. ex Benth.) – que produz arbustos até dois metros que se cobrem de flores azul-vivo desde o final do verão até ao início do inverno. Outra planta de coleção, igualmente incomum em circuito comercial;
- L. A *Thalia dealbata* Fraser, uma espécie aquática de grande porte e elegância, semelhante às marantas (muito usadas como plantas de interior) mas chegando aos 2m. Os pseudocauls são cobertos de uma cera esbranquiçada, partindo deste as folhas em forma de remo e de margem definida, do topo de cada pseudocaul emerge uma inflorescência glauca de flores roxas em rácimos que se tornam cada vez mais pendentes à medida que a floração avança.



Figura 89 - Aloe-do-Monte-Ribaue (*Aloe ribauensis* T.A.McCoy, Rulkens & O.J.Baptista).



Figura 90 - Pandano (*Pandanus furcatus* Roxb.).



Figura 91 - Flor-borboleta (*Rothea myricoides* (Hosch.) Steane & Mabb.) e *Hedychium coccineum* Buch.-Ham. ex Sm.



Figura 92 - Brinco-de-princese de flor dobrada (*Fuchsia* 'Tatlo').

Ainda se pode encontrar uma grande variedade de fruteiras e hortícolas, embora, em conversa com o Sr. Artur, sejamos confrontados com a riqueza hortícola que o jardim já conteve. Estão hoje ainda presentes vários citrinos (*Citrus* spp.), noqueiras (*Juglans regia*) castanheiros (híbridos de *Castanea* spp.), variedades de quivi (*Actinidea deliciosa*), mas também algumas fruteiras associadas a climas tropicais, como os araçás (*Psidium cattleyanum*), as goiabas (*Psidium guava*), as feijoas (*Feijoa sellowiana*) e anonas (*Annona cherimola*). Em conversa com o Sr. Artur são-nos indicadas as origens de algumas destas plantas. As laranjeiras – que o Sr. Artur refere serem “sem caroço” – foram adquiridas em Coimbra, os quivis “vieram de França”, e os castanheiros “todos de fruto” foram comprados ao horto Moreira da Silva.

Existem outros exemplos que enriquecem a coleção com taxa de grande valor ornamental e colecionista, no entanto os exemplos apresentados permitem transmitir a qualidade do elenco compilado pelo casal.

Para além do elenco formado pelo espírito colecionista e gosto estético, incluem-se, também, plantas com valor afetivo. Dentro desta lista incluem-se plantas que pertenceram à mãe da Sr.^a D. Helena, como o brinco-de-princesa de flor dobrada escura (com variegado nas pétalas de roxo e fúcsia) (fig. 92) – semelhante em forma e cor à variedade belga de 1870 denominada ‘Tatlo’ (fig. 93) – as monsteras (fig. 94), que são um elemento omnipresente em todo o jardim, partiram de um único exemplar, o lírio-japonês (*Iris japonica* Thunb.) planta pouco comum, com flores delicadas, azuladas.



Figura 93 - Estampa com representação do brinco-de-princesa ‘Tatlo’ (flor à direita).



Figura 94 - Monsteras a trepar pela tília-de-folhas-grandes.

Em suma, o elenco compilado pelo casal Pereira é de enorme valor e diversidade e, pela forma como foi desenvolvida, a coleção contém inúmeros duplicados, com origem noutros jardins, sejam eles botânicos, históricos, públicos ou privados, dando-lhe, para além do valor colecionista e ornamental, um valor acrescentado de garantia em cultivo de muitas espécies e no caso destas se perderem no jardim de origem, poderem ser substituídas com material mantido no jardim da Senhora do Penedo.

5 - RECOLHA DE TESTEMUNHOS

Neste capítulo será abordada a experiência do jardim por parte de quem o vive e visita, assim criando um registo da sua receção – a forma como o jardim é recebido e percecionado. A recolha desta informação pode-se separar em três momentos:

- Sr. Artur e Sr.^a D. Helena – proprietários e residentes no espaço – foi registada uma conversa através de gravação, e posteriormente transcrita. Decidiu-se aplicar uma abordagem que desse mais liberdade ao casal para se exprimir sobre o espaço, condicionando ao mínimo a manipulação do discurso. Posteriormente foram feitas algumas perguntas, de forma a enriquecer este registo e contribuir para a documentação de cada espécie;
- João Junqueira, autor deste documento, e visitante – apresenta-se um pequeno texto sobre a forma como foi apresentado ao casal, o impacto da primeira visita ao jardim e evolução da perceção ao longo dos vários momentos de visitação;
- Entrevistas a convidados: foi elaborado um conjunto de perguntas, de forma a recolher a informação sobre a receção de um conjunto variado de convidados. Devido ao tempo disponível, estes convidados enquadram-se na esfera pessoal do autor e a sua seleção é feita tendo em conta a sua sensibilidade e interesse.

Desta forma poder-se-á recolher informação valiosa para construir uma imagem do impacto que o jardim tem, seja em quem o vive e trabalha, seja em quem o experiencia.

CONVERSA COM O CASAL PEREIRA

A (Artur Pereira) – Portanto enquanto eu tinha uma vida mais sedentária, porque estava ligado a outro tipo de coisas, estava ligado às contabilidades, às economias, isso tudo... portanto eu nasço na cidade e muito cedo este interesse pela natureza era por mim procurado. Só que eu não tinha acesso. Evidentemente que eu não tinha recursos, não recebia para isso e a natureza por si só encarregou-se de eu atravessar a ponte e com quinze anos conhecer a minha mulher. E aí nasceu logo, enfim, nasceu logo uma paixão que estava quebrada pelas distâncias. Eu não tinha transportes, vir para Gaia não era fácil e, portanto, isto ficou temporariamente um bocado intermédio. Entretanto passaram-se dois anos ou três, e eu tinha uma irmã que tinha uma deficiência que precisava de praia e foi aconselhado vir para aqui para estas praias próximas, Francelos, Valadares, isso tudo, e aí, portanto, encontramos-nos novamente, e a partir de aí, os laços cada vez se conjugaram mais. Evidentemente que a minha mulher trazia de base, já de muito cedo, muito nova, (estou agora, se calhar a falar de coisas que são tuas...)

H (Helena Pereira) – Bem, nasci numa quinta, em que os meus pais tinham bastante pessoal, em que tínhamos de tudo. E nós eramos quatro irmãos e eu fui a única que me apaixonei pela natureza. Pronto. E a partir daí nunca mais parei (ri). Depois deu-se a oportunidade de termos este espaço, casámos...

A – Ela de muito nova, isto são resquícios que eu fui colhendo e que fui ouvindo, ela de muito nova queria vir para o campo ver, lidar com as pessoas do campo, e então estava a ver a meter batatas, meter cebolas, meter pepinos, e a lidar com a natureza. Férias, não tinha. Ficava na escola, cada vez mais, enfim, a aprender as coisas da própria conjuntura da família. Entretanto, isso permitiu-lhe ganhar um background para poder lidar com, mais tarde, com coisas desta natureza que se lhe deparassem.

H – Ò João, isto já nasce, não vale a pena! Pintura, amava pintura, trabalhos manuais, tudo o que fosse arte eu adorava. Sempre. Quando nos metemos aqui eu disse: pronto, cá estou eu, e agora vai ser isto. Perguntame onde é que eu fui arranjar as plantas? Por todo o lado onde eu andei, eu não me interessava de vestidos, eu não me interessava de modas, eu não me interessava de teatros, cinemas, era plantas. Corri tudo onde havia plantas. O horto lá em baixo, vários! Tudo o que eu achava bonito, pumba!

A – Bom, mas tenho que contar o início, para que é que isto nasceu. Portanto, o que é que acontece? Eu venho para Valadares viver, trabalhava no Porto, a minha mulher ficou em casa, tivemos dois filhos, e então viémos viver para próximo dos pais da minha mulher, que era em Valadares, e

ficamos uns tempos em casas alugadas. Mas houve uma altura em começaram a vender uns terrenos pela rua principal abaixo e nós compramos, com todas as dificuldades, porque não herdamos nada, compramos um terreno que tinha cem metros de fundo por treze de largo. Esse terreno ficou vários anos sem o objetivo para o que nós o quisemos, mas alí já estava a base do arranque, porque ela sempre a lidar com plantas, sempre a lidar com plantas. E depois, também, dedicada às artes, porque, nomeadamente com a pintura, e até com a cerâmica, chegamos a ter uma mufla para pintar em cerâmica e cozia-se na mufla. Entretanto, enquanto não se fazia a casa, eu vinha para o terreno que tinha comprado e lá andava com o bichinho à procura da filosofia... E esse terreno confinava com este jardim que estamos agora aqui a falar. Este jardim tem à volta de quinze mil metros quadrados, e o terreno que eu tinha comprado, que está no seguimento deste, mas são artigos diferentes. Eu então vinha, seduzia-me o espaço e, como via este espaço completamente abandonado, que era uma mata cerrada, mas que tinha muita água, que aqui passam vários pontos de água... Eu entusiasmei-me e, sem medir as circunstâncias, que não tinha capacidade de medir, na aventura que estava a pensar meter-me, isto é, sabia com quem contar, sabia que conseguia o objetivo, só que não estava a perceber a dimensão. E ela coitada, comecei a entusiasmar-me para comprar este terreno que estava abandonado. Mas nunca com esta dimensão.

H – Mas não havia uma planta! Era só eucaliptos.

A – Nem eucaliptos, tinha os sobreiros. Só tinha sobreiros, os eucaliptos estavam pequenos. Isto era um terreno de carvalhos e sobreiros. A própria escritura diz: terreno de carvalhos e sobreiros. Que temos aí muitos carvalhos para cima da encosta. Então, entusiasmado, eu olhava para isto e seduzia-me, mas não tinha verba para comprar isto tudo, e abordei a proprietária, se me vendia um bocadinho, uma área pequena de terreno, para juntar à casa onde eu estava para eu disfrutar um pouco do desporto com o meu filho, que tinha acabado de ter. Ouve ali, enfim, uma série de entraves, porque entretanto apareceu um comprador que comprou isto tudo e a senhora não me pôde ceder o bocadinho que me estava destinado, fiquei mais três anos a olhar para isto, ao fim de três anos isto continuava, só ouvia serras a cortar árvores, que eram carvalhos que era preciso duas pessoas para os abraçar, ou três, e aquilo fazia-me feridas. Então, a minha mulher viu-me entusiasmado para comprar isto, e estávamos sempre a dizer: olha que isto, tu não estás a ver a carga que vais encontrar, porque tu não estás experimentado, olha que isto vai ser muito trabalho, tu tens a tua área de trabalho e isto não vai ser assim fácil, mas enfim, estava criada cá dentro a ideia que eu ia por aqui dentro tudo aquilo que precisava para comer, alimentar a família e viver da própria natureza. Que era o que eu sempre me queria aproximar. Lidar com a natureza, respeitá-la e tirar dela aquilo que eu sabia que era a essência... E isso ultrapassava, portanto, todas

as barreiras. Eu queria, e eu queria, e eu queria, e o milagre aconteceu. O milagre aconteceu, porque eu não tinha valores e quando abordei o proprietário que tinha comprado isto três anos antes, e quando ele me diz que ia vender tudo, eu fiquei aterrado porque como é que eu não tinha dinheiro para comprar uma coisa destas. O que é certo é que isto veio-me parar às mãos, veio-me parar às mãos, os quinze mil metros todos, e portanto isto era uma mata toda cerrada, não tinha uma pedra, a água corria junto, nuns carreirozitos, havia aqui duas servidões de água com caseiros que passavam para o lado de lá da estrada, depois tínhamos que respeitar essas servidões que temos aqui uma mina que tinha que lá ir cada um com a sua chave, entrar na mina, está tudo ultrapassado, mas houve ali períodos em que mexer na água de um, ou de outro, era perigo de morte! Então eu cheguei à beira da minha mulher e disse: está aqui, isto agora é nosso. E agora temos de arrancar. Ela pronto, como tinha ficado em casa, que isto era o amor e a cabana, antigamente... E como ela ficou em casa para criar os filhos, ela estava perfeitamente dentro de tudo. Eu não fui para fazermos este jardim. As coisas nascem sem nós quase dar por elas, a natureza empurra-nos, lentamente, porque é um trabalho muito lento, mas que se tem de estar a aperceber deste trabalho. Porque primeiro encontramos o esforço denudado que tivemos de aplicar, ela, em casa começou por pôr aquilo para o que foi destinado: para comer. Desde batatas, cebolas, pepinos, alhos, nós conseguimos ter tudo aqui em casa. Em 1995 nós eramos autossuficientes, só nos faltava arroz, azeite e sal. Tínhamos aqui tudo dentro. Cheguei a ter trinta variedades de fruta! Porque era o meu objetivo. Era comer da natureza. Isso ficou que eu não como carne há cinquenta anos por causa disso. Aqui o fundamental era respeitar aquilo que eu entendia que era a minha essência. A partir daí, isto era pessoal a ajudar-nos, eram campos de batatas, campos de cebolas, depois arrancar, armazenar, vivemos nisso dezasseis anos. Entretanto, evidentemente que a minha mulher, com o bichinho dela, ela ia pondo umas plantinhas, não é? Nada disto que está. Ela ia pondo, mas as áreas onde se tinha de cultivar as batatas e as cebolas não se podia por nada não é? E foi por isso que nesta altura tínhamos poucas árvores de fruto porque depois o ensombramento que isto tomou acabou por engolir quase isso tudo. Portanto, esse trabalho foi feito durante dezasseis anos, e em 1995, eu fazendo as minhas contas, porque eu estava virado para elas, nós não estávamos a ver capacidade para, se calhar, conseguirmos manter aquele objetivo. Não tínhamos outras fontes de rendimento, não havia apoios, e, portanto, antes que as coisas descambassem, eu comecei a olhar para a frente e a dizer isto nós vamos bate um dia que não conseguimos. Então sugeri, um dia cheguei a falar com a minha mulher e disse: olha, se calhar nós vamos ter que vender isto, porque, nós não vamos, enfim, isto é uma área muito grande, e nessa altura ela sugeriu darmos algum... para podermos ainda avançar mais com aquilo que queríamos, criarmos um tipo de assistência para estes eventos que estamos a

fazer, para podermos pagar os imis e estas coisas todas, porque nunca foi propósito, embora no início o indivíduo que me vendeu julgasse que eu ia fazer aqui muitos prédios, nunca foi esse o propósito, foi sempre, e será sempre, manter e deixar para a freguesia uma coisa que vai beneficiar os próprios utentes, enfim, porque está aqui um pulmão, porque a apreciação da própria proteção civil, um dia passou-me um papel a dizer: trata-se de um lugar de valor inestimável a pequena mancha verde é de grande interesse para a vila. Para a vila e para o concelho em geral. Portanto, apesar de todos os entraves, da polícia por causa das queimas, nós fomos confrontando com isto tudo, debatendo, ultrapassando, esmagando, com todos os custos que daí vieram, mas sempre a proteger o espaço. Entretanto fizemos uma capelinha em 1999, onde fizemos a cerimónia do meu filho, e já fizemos lá a cerimónia de bodas de ouro, mas a partir de determinada altura o objetivo foi dar cada vez mais amparo ao jardim. E aí nesse campo, o bichinho estava lá, e onde fôssemos, nós esquecíamos tudo, plantas tinham que vir, tinham que vir. Tínhamos que arranjar, nós, se fôssemos para o Algarve nós não íamos para a praia, nós entrávamos por ali fora, não é? Se fôssemos aos Açores nós trazíamos umas plantas dos Açores...

H – É, isto é uma doença muito grande... Quando nós íamos para o Algarve vínhamos aflitos para ter visão para trás, era só plantas!

A – E que chegávamos aqui com o carro atulhado de plantas, nós fomos para o Carvoeiro, havia lá um inglês, que tinha os nenúfares, foi de lá que trouxemos os nenúfares todos.

H – Nosso amigo, ainda cá veio!

A – Ficou muito nosso amigo. E então nós, quando íamos para Albufeira, passávamos sempre pelo Carvoeiro, e ele tinha um livro, e já sabia as cores que nós já tínhamos trazido! Sabia mais que nós! Mas não era só no Carvoeiro, nós íamos para Olhão, nós íamos para Lagos, nós percorríamos o Algarve todo, todos os hortos, tudo, à procura da última espécie que tivesse aparecido. Falta esta, falta esta... Porque...

H – A primeira vez que fui à Madeira trouxe bananeiras, a hospedeira ainda disse: traga, traga, deixe que eu levo ali à frente! E lá me ajudou. Agora não é assim, agora já é difícil, mas naquele tempo podia-se trazer. Portanto tenho aqui várias que vieram de lá.

A – Portanto este, eu um dia arranjei um slogan para batizar o local, porque um dia, quando quisemos dar o nome ao local, falávamos em quinta, falávamos em vila, casal, e então eu sugeri, eu e a minha mulher dissemos: vila, casal, não, acho que o lugar, que este lugar aqui em Valadares é o lugar do Penedo, o lugar tem de ficar. O Penedo tem de ficar. Depois, como fizemos a capela e a minha mulher quase vestiu um hábito, acho que faz quase parte, e então ficou Senhora do Penedo, que está conotado com a figura da minha mulher. Mais tarde criou-se esta ideia de “Wellness Gardens” Senhora do Penedo e agora estamos com os turismos e com essas coisas todas... E a minha filha acrescentou, a minha filha e o meu filho.

O meu filho que nos apoiou muito na estrutura disto, no encaminhamento disto, foi ele que fez o desenho da capela, foi ele que esteve sempre a apoiar-nos nas dificuldades que tínhamos nesta área exterior. Continua a fazê-lo e então... Daí que eu fui buscar um pequeno historial, para definir a origem do local. Como eu sei que, segundo a ciência, as Montanhas Rochosas e todos os lugares mais elevados do planeta parece-me que apareceram na era Terciária, isto é da ciência, eu então arranjei uma legenda para dizer: este lugar do Penedo, secular e milenário, deriva de um rochedo, formado no Terciário, irmão da pedra Moledo. Pronto, isto é o slogan. Porque alguns já têm a história passada disto tudo, eu como não conheço intrinsecamente qualquer história que esteja na raiz disto, tive de ir atrás do que era natural, o que de alguma forma chamam aqui o lugar do Penedo. E é verdade porque as rochas estão ali patentes, aqui nesta parta, nesta encosta. Portanto, este lugar do Penedo, secular e milenário, deriva de um rochedo, formado no Terciário, irmão da pedra Moledo. O que é a pedra Moledo, é um tipo de granito que existe aqui na zona Norte. Por isso nós temos aqui Moledo, o Minho, está ligado um pouco a isso. Primeiro ponto da Senhora do Penedo. E depois retratei mais o historial que estou aqui a contar, desenvolvi mais uns trechos dos esforços que se foram fazendo, e hoje claro que sentimos a apreciação das pessoas quando lhes abrimos o portão, porque o panorama, talvez porque esteja inserido no meio de muitos prédios, o impacto seja mais acentuado. Mas honestamente isto tem saído aqui 99%, como é que se diz, 99% da Senhora do Penedo e 1% do Senhor do Penedo e do filho, que tem ajudado. O resto, as plantas foram quase que vêm ao nosso encontro, isto costuma dizer que semelhante atrai semelhante. E se eu quisesse saber de matemática se calhar tinha que ir atrás dos matemáticos. E depois vêm estas associações, ligações ao Jardim Botânico, a outros jardins, a Coimbra, e ficam os laços que cada vez se vão enraizando, as pessoas ficam marcadas, e outros amigos de Braga que têm outras coleções, e querem mostrar... Quase que a nossa vida, a nossa procura foi por este lado. E depois o milagre acontece, porque nós estamos a dormir e a natureza acontece, e no dia seguinte exige muito da manutenção do espaço que é um espaço que exige muita manutenção, mas, sobretudo, o desenrolar, a vivência, a criação, quase que nós podemos contar de raiz a criação de um jardim que hoje são jardins culturais daqui por cem, cinquenta ou cem anos, nunca se sabe. Mas há um princípio que vai ficar aqui marcado, é que isto começa a ter proteções, nomeadamente no PDM da câmara eles enquadraram o espaço no artigo 85 do PDM, segundo eu li, que eu não sabia, é quintas em espaços urbanos. Portanto eu percebi que agora, depois de toda esta vergonha toda que se fez aqui à volta, que ainda querem ver se ainda salvam alguma coisa. Só é pena que não venham com carga de apoio para essas limitações, para dar ainda mais ênfase ao que vai dentro destas duas almas, para poder elevar isto ainda mais. Nunca houve recursos financeiros, e com certeza estariam

aqui outras coisas com outra dimensão que se calhar atrairiam mais gente. Está a ver, um casal que compra um espaço destes, que não tem fontes de rendimento, a olhar para isto vai atrás de fazer dinheiro, e é logo construção para a frente. E nós, sempre limitados com os nossos gastos, e isso nunca esteve no nosso objetivo e o espaço continua sem ser vendido para esse fim.

H – Nem vai ser vendido... Nunca gostaria que desfizessem isto, gostava muito que isto continuasse.

(...)

A – É louvável a atitude que vocês tomaram, define exatamente o vosso âmagô, porque há muita gente que... Entretanto passaram aqui milhares e milhares de pessoas, com quem eu lidei por efeito do que eu tenho, e conversas daqui, só houve uma pessoa que entrou aqui com alguma sensibilidade noutra campo, que foi o engenheiro Poças Martins, que um dia chegou aqui e me veio proteger a água, porque isto é águas de minas, e apercebeu-se que, por causa de uma escola aqui perto, que estas águas poderiam ser inquinadas, e percebeu o esforço que estava haver do interesse deles, vieram aqui fazer saneamentos...

(...)

H – Ó João, há pouco disse-me, perguntou-me como é que isto se começou a fazer. Cada bocadinho de pedra, eu olhava para aquele bocadinho e imaginava uma planta. E se me disser assim, isso não está bem, eu também concordo que não esteja bem. Se eu hoje fosse a fazer o jardim era capaz de o fazer de outra maneira. Mas como isto foi feito lentamente, sempre lentamente, apanhava uma planta e naquele bocadinho em que não havia nada, eu espetava-a ali. Imaginava como é que ia ficar mas vejo que estão aqui muitos erros, estão, estão. Hoje era capaz de fazer de outra forma. Agora a minha vontade era que isto nunca desaparecesse.

A – Mas depois havia este objetivo, esta ligação que nós sempre tivemos, em que havia o cuidado, em qualquer coisa que se ponha, de procurar a opinião do outro. (...) Porque não foi uma prepotência, foi a humildade que esteve aqui imperada, para dar a mão à palmatória a ideias, de ir ao encontro ao nosso objetivo. Isto foi paulatinamente executado, desde o lago, e essas coisas todas, com todos os cuidados, uma pedra que se tenha de por...

PERGUNTAS AO CASAL

Foram elaboradas uma série de perguntas direcionadas ao casal Pereira, de forma a tentar enquadrar todo o seu conhecimento, expectativas e *standards* em relação à arte dos jardins e à sua própria obra. Seguem as respostas às questões:

- Que jardins mais gostaram de visitar?
Os dois – Jardins da Madeira, o Jardim Botânico de Coimbra, Jardim Tivoli em Roma, os jardins de Ponta Delgada e o Parque Terra Nostra em São Miguel, ver as tulipas nos Países Baixos, Estufa Fria e os jardins de Lisboa, Monserrate em Sintra, Berlim, os Jardins do Palácio de Schönbrunn na Áustria, Royal Botanical Gardens of Kew, St. James Park e Hyde Park em Londres, Parque del Retiro em Madrid.
- Que tipo de sítios gostam?
H – Onde tenham plantas estou bem, com muita variedade, onde posso estar entretida muito tempo.
A – Estou em sintonia, sítios como a Madeira ou os Açores.
- Que local mais gostam no jardim (Senhora do Penedo)?
A – A Cascata das Monsteras e a zona do Lago dos Cisnes.
H – A vista para o Lago dos Cisnes desde o caminho, logo antes da Cascata das Monsteras.
- O que é que consideram que deveria ser melhorado no jardim?
H – Tudo! Apetece tirar muita coisa e substituir, fazer de novo.
A – A zona da Mata.
- Quais são as vossas expectativas face à evolução e futuro do jardim?
H e A – Queria que continuasse em mãos que fizessem perdurar o sonho que tivemos há 50 anos.

TESTEMUNHO PESSOAL

Foi num dia de sol do início do ano de 2017 que, estando a trabalhar com o horticultor, Lúri Frias, nas estufas do Jardim Botânico do Porto, conheci Helena Pereira e seu marido Artur Pereira. A D. Helena, como agora a chamamos, ao ver-nos trabalhar nas estufas, bateu nos vidros suavemente, chamando a nossa atenção, e perguntou-nos se poderia entrar e conhecer as estufas. Como nos perguntou diretamente, dissemos sem grande hesitação que poderia visitar as estufas à vontade. Pela simpatia e cuidado da senhora, e não estando nós em trabalhos urgentes, decidimos acompanhar a visita, apresentando as diferentes partes da mesma, o trabalho que aí fazíamos e as plantas que lá se encontravam.

Não é incomum encontrar público sénior com gosto por jardinagem e vegetação, no entanto, para além de nos provar que tinha um conhecimento muito além do expectável, fomos surpreendidos por uma exigência – um snobismo, se quisermos – pelo máximo da qualidade estética das plantas, prestando atenção principalmente às raridades e aos exemplares mais ornamentais que estavam na estufa. Também fomos surpreendidos pela procura de novidades, de plantas, texturas, formas e cores demonstrando logo a sua veia de colecionadora e conhecimento de plantas pouco comuns. Curiosos, e aliciados pela companhia, completámos a visita às estufas levando o casal à Estufa dos Catos e à Estufa Tropical. Foi durante este pequeno percurso que ouvimos o Sr. Artur falar do jardim que os dois foram construindo em Valadares, Vila Nova de Gaia. Era notório o orgulho no trabalho e a importância que este dava ao papel que a sua mulher tem tido no jardim.

Agradecidos pela visita, e, se a memória não me falha, com um ou talvez mais pequenos propágulos na mão – por nós oferecidos – fomos convidados, num futuro próximo, a visitar o jardim que tão orgulhosamente ouvimos o Sr. Artur falar. Ao contrário do marido, a D. Helena é muito menos expressiva, pelo menos a falar do jardim. Extremamente modesta, e consciente das próprias limitações, não hesitou em convidar-nos para o seu refúgio no coração de Valadares.

Foi no verão deste mesmo ano que fiz a minha primeira visita ao jardim dos senhores de Valadares (assim tratados desde então). É complicado escrever a primeira sensação a visitar o jardim. Algo que me lembro sempre que penso nesta primeira visita é a frescura do espaço. Estava um dia bem quente, próximo dos 30 °C, e, à medida que me fui embrenhando no jardim, a temperatura foi descendo, talvez ficando próxima dos 25, 24 °C. Todo o percurso se desenvolveu, pelo menos para mim, num crescendo. A complexidade aumenta à medida que se avança no percurso do jardim,

cada elemento está colocado de forma a participar no espaço e a ser enquadrado por este, tudo é posicionado com um tato e compreensão excelentes. Fui, logo que entrei, transportado para os jardins de Ponta Delgada ou Furnas, algo que só foi igualado recentemente numa visita a Monserrate, em Sintra.

Demorei quatro ou cinco visitas a conhecer todos os segredos deste local, ajudado também pelos diferentes momentos do ano em que os visitei. As camélias, todas escolhidas a dedo, as palmeiras, a estufa, a zona de horta, os lagos da casa e a coleção de íris, e a mata. De todas as vezes que lá fui calcorreei estes espaços, e de todas as vezes fui surpreendido por algo que me tinha passado despercebido. Mesmo após tantas visitas este espaço mantém a sua qualidade de receber, confortar, transportar e parar o tempo. O espaço mantém a ilusão e o momento estagna, é outro tempo, outro lugar, um armário para Nárnia, longe de tudo e muito perto de nós.

Estão investidos neste jardim vários anos, muita experimentação, uma capacidade estética imensa, e uma excelente compreensão do espaço. De todas as vezes que a D. Helena tinha uma nova planta, esta era colocada exatamente no sítio certo, com o enquadramento certo – como quando o Sr. Artur lhe ofereceu, como prenda de aniversário, um *Pandanus furcatus*, que, após alguma reflexão, a D. Helena colocou a encimar o Terreiro, de uma forma exímia.

Todos os espaços estão envoltos numa harmonia rara entre elementos que de outra forma seriam dissonantes, mas que, tendo o dedo da D. Helena, se misturam e envolvem, numa sinergia ímpar. Esta qualidade tem origem na inexistência de tabus na forma da D. Helena atuar no espaço. Enquanto aluno de arquitetura paisagista foi-me incutida uma série de normas e padrões considerados mais corretos, frutos de modas e opiniões pessoais, claro, mas que exercem influência nos alunos. Este jardim foi construído sem nenhum destes preconceitos, o que resultou numa identidade visual muito própria, fruto da vegetação e outros elementos usados. Não é, no entanto, construído sem influências. O casal é um ávido apreciador de jardins, procurando-os em qualquer deslocação que faça, assim ganhando um gosto e conhecimento muito acima da média.

Só ao olhar mais atento é que as várias camadas deste jardim se deixam mostrar. Este jardim é pontuado subtilmente de dedicatórias que o casal foi oferecendo um ao outro, e outras oferecidas pelos filhos, em aniversários e outras ocasiões.

Este jardim não se deve só às relações entre os membros da família Pereira, mas também aos contactos que estes foram fazendo enquanto o construíram. Foram bastantes as viagens que a Sr. D. Helena e seu marido fizeram, desde São Miguel, Madeira, Algarve, e todo o noroeste sempre visitando inúmeros jardins, públicos ou privados, sempre com o cuidado de procurar quem os geria ou os proprietários, para fazer trocas de plantas. Assim surgiu grande parte da coleção de íris, e muitos exemplares que

agora se encontram no jardim. É importante salientar o cuidado que sempre tiveram em garantir que quem oferecia era compensado com uma muda ou reprodução de uma planta do jardim da Senhora do Penedo que ainda não tivessem. Estes contactos ajudaram a criar um jardim cheio de histórias e dedicatórias. Uma das últimas dedicatórias (pelo menos que tenha conhecimento) foram duas palmeiras-do-viajante (*Ravenala madagascarensis*) oferecidas por um grupo de visitantes e amigos, onde eu me integro, para o aniversário da D. Helena.

ENTREVISTAS A VISITANTES

As entrevistas que se apresentam no anexo 2 foram feitas, presencialmente e excecionalmente por meio telefónico ou videochamada a convidados que haviam visitado o jardim da Senhora do Penedo. Profissionalmente os convidados integram-se na área de Arquitetura Paisagista, Engenharia Agronómica, Biologia e Psicologia. Estas entrevistas foram realizadas com a perspetiva de por em evidência o valor deste jardim, e foi pedido aos entrevistados que resgatassem percepções, sensações e provocações nas suas memórias. Os registos recolhidos durante as entrevistas foram transcritos procurando fidelizar os conteúdos orais partilhados (ver anexo 2). Essas entrevistas foram guiadas pelas seguintes questões:

- Qual é que foi o primeiro impacto?
- Qual a sua opinião sobre o Sr. Artur e a Sr. D. Helena?
- Qual é o espaço que prefere no jardim?
- O que é que considera mais atrativo no jardim?
- O que é que distingue este jardim?
- O que sente enquanto visita o jardim?

Estas questões procuram evidenciar tendências na percepção dos entrevistados tanto ao espaço como ao significado que este tem. Procurou-se expor a reação imediata e desinformada – sem conhecer as histórias e o casal Pereira – dos entrevistados ao jardim. Tal como a sua resposta após a visita ao espaço e aprofundado o conhecimento do casal e das suas histórias. De forma a entender e enquadrar as respostas obtidas, também se procurou conhecer o impacto que a interação com o casal Pereira poderia ter sobre a percepção do jardim.

Procurou-se entender de que forma é que os entrevistados valorizam o espaço no contexto das experiências próprias.

Pretende-se assim criar um registo da percepção deste jardim, de forma a apoiar trabalhos futuros dentro da recolha de informações. Este registo poderá também informar e apoiar candidaturas futuras deste espaço a estatutos que o valorizem.

Estas recolhas também serviram como apoio durante a elaboração deste documento, indicando a pontos de grande interesse e assinalando questões que de outra forma poderiam ser esquecidas ou desvalorizadas.

6 - CONCLUSÃO

O jardim da Senhora do Penedo trata-se de um jardim de caráter familiar, tanto em termos da sua construção, como pela relação que foi desenvolvida com o espaço.

Embora sendo um lugar de refúgio, de escape, uma ilha ao mesmo tempo perto e longe da cidade que o envolve, transborda todas essas limitações e permeia quem o visita. Não só o jardim, mas a Sr. D. Helena e o Sr. Artur. Eles são o jardim, e o jardim é simultaneamente eles e deles, um espelho de quem o fez.

Podem-se reconhecer, no jardim da Senhora do Penedo, características associadas ao jardim português, como:

- O diálogo entre recreio e produção – embora a função de recreio domine o espaço, a função de produção mantém-se;
- A divisão do espaço em várias subunidades separadas por elementos construídos e/ou vegetação, mas intercomunicantes;
- Paralelismo entre as tipologias que constituem o jardim português – mata, horto de recreio, horta e pomar – e a espacialidade de algumas subunidades do jardim da Senhora do Penedo;
- A presença de um sistema hidráulico que serve o espaço e permite o uso ponderado dos recursos hídricos para rega, mas também recreio, alimentando fontes, tanques e cascatas;
- O granito domina o aparelho construtivo, acompanhado de alguns apontamentos de azulejos.

O jardim da Senhora do Penedo apresenta-se como um jardim complexo. A sua idealização embora sendo na sua génese espontânea, é informada por uma vasta experiência pessoal enriquecida por múltiplas visitas a jardins em Portugal Continental e Regiões Autónomas, e a jardins históricos em vários países europeus. Este espaço é, assim, uma mescla sensível das observações atentas a esses jardins, da sensibilidade do casal Pereira, dos desafios enfrentados e da relação que estes desenvolveram com o lugar.

A construção do espaço revela um desenho sofisticado, no entanto sem cânones, onde a repetição de elementos vegetais, como as palmeiras ou aráceas escandentes, e a dominância de materiais, como o granito, unificam o espaço. O uso da vegetação revela uma grande maturidade, fruto dos anos de observação e experimentação da Sr. D. Helena, acompanhados pela sua sensibilidade e exigência.

Este jardim também se destaca pela sua coleção botânica, onde estão representados 345 taxa diferentes. Estão nela representadas algumas plantas raras em cultivo em Portugal Continental, e algumas que fazem parte da cultura hortícola nacional.

Esta coleção, principalmente cultivada no exterior, é constituída por uma percentagem considerável de *taxa* de climas distintos, podendo servir de referência, pela sua diversidade, forma como articulam volumes, texturas, cores, sazonalidades e mesmo realidades fitogeográficas e ambientes distintos, na elaboração de planos de plantação com espécies já testadas em jardim, possivelmente auxiliando a adequação destes às alterações climáticas.

Pela recolha de conversas e perguntas direcionadas ao casal Pereira, é possível compreender a dinâmica que estes desenvolveram com o jardim e como este é de uma enorme significância para o casal. Do conjunto das entrevistas é possível retirar algumas tendências na reação dos convidados ao jardim.

Começando pela primeira questão da entrevista, as respostas referem principalmente o espanto e surpresa havendo referências a obras literárias como as “Crónicas de Nárnia” onde é descrito um ponto de entrada num mundo fantasioso, como o “armário para Nárnia” ou o “para além do muro”.

Da perceção do casal Pereira, sobressai sempre a ligação íntima entre eles e o jardim, a sua simpatia e a transmissão do jardim como extensão da relação entre o Sr. Artur e a Sr.^a D. Helena.

Os entrevistados apontam, como locais preferidos a Cascata das Monsterras, o Relvado das Estrelícias, e os Lagos da Casa. São locais que têm a capacidade de provocar a imaginação e de transportar quem os vê, mas também onde o enquadramento, embora complexo, é acolhedor e confortável.

Quando questionados em relação ao que consideram atrativo no jardim, foi apontada a sua espontaneidade, diversidade e complexidade em termos da construção do espaço e estrutura verde. Também é referida a sensação de evasão provocada.

A relação estreita entre o casal e o jardim é referida quando interrogados sobre o que é distintivo deste espaço. Mencionam também a sua tipologia no contexto urbano que o rodeia e a sua complexidade como características únicas. Estas respostas vão de encontro aos sentimentos expressos em conversa pelo casal, que olha o jardim com afeição e orgulho, algo que o próprio espaço transmite a quem o visita.

A última questão feita aos entrevistados procura esclarecer quais são os sentimentos, sensações e emoções que estes foram sentindo ao longo da visita. Tranquilidade, intimidade e conforto são referidos várias vezes, tal como a sensação de pertença.


A perceção do jardim da Senhora do Penedo é na sua maior parte extremamente positiva, provocando ao longo da visita sensações agradáveis. Pode-se entender que, tal como descreve John Dixon, este jardim provoca a imaginação e memória dos seus visitantes, enriquecendo a experiência dos mesmos.

Em resumo, este trabalho consiste num primeiro registo deste jardim, limitado pelo tempo e ferramentas disponíveis. Aponta-se assim a necessidade de um levantamento mais preciso de todos os sistemas, apresentando uma localização rigorosa de todos os elementos, tal como um levantamento exaustivo da vegetação e da localização de todos os exemplares.

Em relação à recolha de testemunhos, seria necessário compilar mais memórias sobre o evoluir deste jardim contadas pelo casal Pereira. A natureza dos momentos da sua recolha não permite uma metodologia expedita. Seria também do interesse da pesquisa incluir os testemunhos dos filhos do casal, que pela escassez do tempo não foram possíveis de recolher.

Já em termos da recolha da percepção do jardim, dever-se-ia expandir o grupo de amostragem, de forma a criar dados passíveis de análise profunda, de forma a se compreender no futuro o impacto deste jardim nos seus visitantes e, complementarmente o seu potencial para um recreio mais direccionado, reconhecendo a coleção desenvolvida pelo casal Pereira pelo seu valor botânico.

Tendo em atenção o carácter muitas vezes efémero deste género de espaços, esta caracterização cria um primeiro registo deste jardim permitindo assim a sua análise em trabalhos futuros, independentemente do seu rumo. A natureza da sua génese, conteúdo e carácter da relação entre o casal Pereira e o lugar distinguem este espaço no panorama dos jardins do século XX,



**“Ó Senhora do Penedo
Senhora deste lugar
Abençoa o rochedo
Que te viu aqui chegar
E guarda o teu segredo**

**Da Senhora do Penedo
Eu cresci com estas flores
Elas cresceram comigo
Trocamos nossos amores
E nesse sentido siso
Dando estas lindas cores
Ao visitante amigo”**

Artur Pereira

BIBLIOGRAFIA

- *Aviso no 14327/2009 de 12 de Agosto da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia*, - Diário da República: II série, n.º 155 (2009). Acessado a 20 out. 2023. Disponível em www.dre.pt.
- Brandão, R. (2018). *As Ilhas Desconhecidas – Notas e paisagens*. Açores: Artes e Letras.
- Carapinha, A. (1995). *Da Essência do Jardim Português*. Ph.D. Thesis, *Universidade de Évora*.
- Castroviejo, S. (coord. gen.). 1986-2012. *Flora iberica* 1-8, 10-15, 17-18, 21. Real Jardín Botánico, CSIC, Madrid.
- Chris Blandford Associates. (2003). *Royal Botanical Gardens, Kew: World Heritage Site Nomination Document*. London: Royal Botanical Gardens, Kew and Historic Royal Palaces.
- Cortes, F. O. (2011). *O clima de Portugal continental como factor determinante da escolha de vegetação em Arquitectura Paisagista*. Lisboa: ISA
- Davos Declaration. (2018). *Conference of Ministers of Culture*. Suíça.
- Duncan, F. (1996). A field key to Tasmanian species of eucalypts. *Tasforests*, 8: 27-38.
- Humphries, C.J., Press, J.R.; Sutton, D.A. (2005). *Guias FAPAS: Árvores de Portugal e Europa*. 2ª Edição. FAPAS, Planeta das Árvores, Lisboa.
- Hunt, J. D. (2004). *The Afterlife of Gardens*. Londres: Reaktion Books LTD.
- Krakow Recommendation on the Protection of Cultural Heritage. (2017). *The Cultural Heritage in the Face of Modern Threats and Challenges. Programmes and Action Plans*. Cracóvia, Polónia.
- Matos, R. S. (1999). *Recuperação de Jardins Históricos em Portugal: Algumas Reflexões*. *Universidade de Évora*.

- Pinto, M. A., Silva, M. (2008). Plano Diretor Municipal Gaia. Memória Descritiva da Estrutura Ecológica Municipal.
- Shepard, P. (1991). *Man in the Landscape: A Historic View of the Esthetics of Nature*. University of Georgia Press.
- Tuan, Y.-F. (1990). *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values*. New York: Columbia University Press Morningside Edition.
- Vila-Viçosa, C., Capelo, J., Alves, P., Almeida, R. & Vázquez, F.M. (2022). New annotated checklist of the Por-tuguese oaks (*Quercus*, Fagaceae). *Mediterr. Bot.* 44, e79286.

WEBGRAFIA

- Arboretum Wespelaar – Identification keys.
https://www.arboretumwespelaar.be/EN/Identification_keys_and_illustrations/Identification_keys/.
Última consulta em Outubro 2023
- eFLORAS. Flora of China. Missouri Botanical Garden, St. Louis, MO & Harvard University Herbaria, Cambridge, MA.
http://www.efloras.org/flora_page.aspx?flora_id=2.
Última consulta em Outubro 2023
- eFLORAS. Flora of North America. Missouri Botanical Garden, St. Louis, MO & Harvard University Herbaria, Cambridge, MA.
http://www.efloras.org/flora_page.aspx?flora_id=1.
Última consulta em Outubro 2023
- Flora-on: Flora de Portugal Interativa. (2014). Sociedade Portuguesa de Botânica.
<https://flora-on.pt>.
Última consulta em Agosto de 2023
- Fuchsia Finder – Antique prints.
<https://fuchsiafinder.com>.
Última consulta em Outubro 2023
- Gaiurb – Planos Municipais de Ordenamento do Território.
<https://sig.gaiurb.pt/geoportal?webpdm>.
Última consulta Agosto 2023
- IPMA – Normais Climatológicas. Instituto Português do Mar e Atmosfera.
<https://www.ipma.pt/pt/oclima/normais.clima/>.
Última consulta em Agosto 2023
- Parque Terra Nostra – Biblioteca Botânica.
<https://www.parqueterranostra.com/pt-pt/bibliotecabotânica.aspx>.
Última consulta em Outubro 2023

- PlantNET (The NSW Plant Information Network System). Royal Botanic Gardens and Domain Trust, Sydney.
<https://plantnet.rbgsyd.nsw.gov.au>.
Última consulta em Outubro 2023
- POWO (2023). "Plants of the World Online. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet;
<http://www.plantsoftheworldonline.org/>
Última consulta em Outubro 2023
- WFO (2023): World Flora Online. Published on the Internet;
<http://www.worldfloraonline.org>.
Última consulta em Outubro 2023
- RHS (2023): RHS Plant Finder. Published on the Internet;
<https://www.rhs.org.uk/about-us/what-we-do/publications/plant-finder>.
Última consulta em Outubro 2023.

ANEXOS

1 - HISTORIAL ESCRITO PELO SR. ARTUR

“Senhora do Penedo, é um lugar para se sentir. Situado na periferia da A44 junto a Valadares em Vila Nova de Gaia.

Adquirido nos primórdios do último quartel do século XX, ao sabor de ideais românticos e fruto de invulgar imaginação, este rude penedio, com cerca de quinze mil metros quadrados foi sendo metamorfoseado ao longo deste tempo em luxuriantes espaços verdes ajardinados com as mais variadas, exóticas e ricas espécies arbóreas, como corolário dos sonhos míticos dos seus proprietários, cuja Senhora tomou nome deste lugar. Aqui, passear é uma arte saudável e pode-se desfrutar de recantos de saudade, tornando-se necessário contemplar todo o misticismo manifestado através do sussurrar das várias cachoeiras cujas águas correm através de labirintos e vão ganhar luz no lago que as recebe.

Erguida na encosta por entre mata frondosa, está a capela da Senhora do Penedo, onde se pode sentir a espiritualidade cristã que emana deste lugar”

Artur Pereira

2 - ENTREVISTAS A VISITANTES

ENTREVISTADO 1

Área: Biologia da Conservação

- Qual é que foi o primeiro impacto?
Parece que se entra noutra realidade, como se entrássemos num oásis no meio da cidade. A diversidade do jardim faz-nos contemplar, desde as plantas, ao espaço, aos elementos colocados.

- Qual é a sua opinião sobre o Sr. Artur e a Sr.ª D. Helena?

Dona Helena: A forma como se veste e fala, nota-se que tem um sentido estético, que é uma senhora das artes, e é muito protetora do jardim. É muito menos expansiva que o Sr. Artur. Depois do primeiro impacto, é uma pessoa que gosta de explicar como é que criou o jardim e as próprias experiências que foi fazendo com as plantas, a forma como ela vê uma nova planta num horto e visualiza logo onde a vai colocar. Nota-se que o que ela faz neste espaço é tão genuíno que, quando falamos com ela, ela faz parecer que não é nada de especial – quando lhe apontam o quão incrível e especial é o “trabalho” dela, ela não o reconhece desta forma. Quando se conhece melhor a Dona Helena, ela expõe a sua experiência de vida, a ligação com as artes, pintura, cerâmica, portanto, fica-se a perceber que o jardim é algo que pertence à criatividade e expressão da Dona Helena e, portanto, é a obra de arte viva que ela conseguiu construir.

Senhor Artur: É uma pessoa super comunicativa e expansiva e desde o primeiro momento nos apercebemos do orgulho gigante que ele tem no jardim. Em conversa entende-se que tem uma grande sensibilidade e está muito à frente no seu tempo, nos ideais de vida. Percebe-se também que a vontade de ter um espaço verde, maior, veio dele, e desafiou a esposa a trabalhar a sua criatividade, inspiração, e em conjunto transformarem o espaço adquirido na obra que é hoje. Além de ser muito orgulhoso do jardim, tem muito orgulho e admiração pela sua esposa e falando da parte do jardim, sempre conseguiu algo mais prático, como as rochas, e ouve a esposa e ajuda-a a atingir os objetivos. O Sr. Artur verbaliza o reconhecimento e valor que dá ao espaço. Pelas conversas dá para notar que o Sr. Artur tem uma visão mais filosófica e mais espiritual da vida, e consegue-se perceber que isso também inspira a própria esposa.

Em todo o jardim se sente a personalidade de cada um, nos vários recantos.
- Qual é o espaço que prefere no jardim?

A Cascata das Monstera.
- O que é que considera mais atrativo no jardim?

Sentes que é possível criar um espaço único, e em apenas 1,5 ha sentes-te isolado de todo o mundo, é quase como abrir o guarda-fatos para Narnia, e toda a estrutura arbórea consegue isolar o espaço para o exterior.
- O que é que distingue o jardim?

Visitar o jardim com quem o construiu, e saber como ele foi pensado e idealizado torna o espaço único por si só. E perceber que um casal é

capaz de construir algo assim. Todo o jardim é a história de uma vida. Do ponto de vista botânico a grande diversidade de espécies usadas e a harmonia do seu conjunto.

- O que sente enquanto visita o jardim?
Tranquilidade e isolamento, ser envolvido por toda a história que o jardim conta e simplesmente perderes-te a observar e interpretar todo o conjunto.

ENTREVISTADO 2

Área: Bioengenharia, Horticultura

- Qual é que foi o primeiro impacto?
O jardim é evidentemente verde, e apesar de ser dos Açores, era evidentemente verde. O trabalho com a água e a escolha de plantas pouco comuns e muito bem usadas.
- Qual é a sua opinião sobre o Sr. Artur e a Sr. ^a D. Helena?
Dona Helena: É um doce de pessoa, coração enorme e muito terra-a-terra. Sente orgulho nas plantas do seu jardim, no seu conteúdo.
Senhor Artur: É super orgulhoso do jardim e de como foi feito, super simpático e com grande vontade de partilhar as suas histórias.
- Qual é o espaço que prefere no jardim?
Os Lagos da Casa, é lá que está tudo.
- O que é que considera mais atrativo no jardim?
A complexidade acima de tudo, a forma como as plantas interagem, atinge o ponto em que as plantas melhoram o espaço e o espaço melhora as plantas. O jardim potencia os elementos e os elementos potenciam o jardim.
- O que é que distingue o jardim?
Harmonia no uso das plantas, não há restrições no uso delas, todas as que são usadas já foram testadas, as que não estão é porque a Sr. D. Helena não gosta, ou porque não resistiram.
- O que sente enquanto visita o jardim?
Calma, paz, faz-me sentir em casa, mas a hospitalidade dos senhores ajuda. Gosto de apreciar aquela arte, vou lá da mesma forma que alguém vai a um museu.

ENTREVISTADO 3

Área: Arquitetura Paisagista

- Qual é que foi o primeiro impacto?
O quão luxuriante me pareceu à entrada e a data de palmeiras, que achai invulgar. Tive medo dos cisnes.
- Qual é a sua opinião sobre o Sr. Artur e a Sr. ^a D. Helena?
Dona Helena: É muito dedicada, ou seja, que ela estava investida – coisa que aprecio bastante – que ela tinha um apego emocional ao local, que mesmo assim ela percebia como é que o jardim funcionava, que sabia compreendê-lo como um todo, mas isolar partes quando necessário, que ela tem uma grande paixão pela diversidade e novas plantas e, como tal, é indissociável o seu próprio conhecimento à sua paixão.
Senhor Artur: É alguém que tu consegues entender a dedicação dele, pura, com o jardim, mas principalmente com a sua esposa. O sr. Artur também conhece bem o jardim, mas de outra forma, isto é, ele tem uma atenção técnica, mais do que uma atenção criativa. Ele é um interveniente, que apesar de não participar como a sua mulher, não deixa de ser um elemento essencial na equipa.
- Qual é o espaço que prefere no jardim?
A coleção de lírios (*Iris spp.*) porque eu gosto de uma boa coleção, é um bom espelho da dedicação em relação a um tema, é um espaço de honra à própria planta.
- O que é que considera mais atrativo no jardim?
O que me leva ali é uma lufada de ar fresco dentro dos outros jardins privados que eu conheço. Que não é só pelo cuidado que os seus proprietários lhe dão, mas também pela espontaneidade que o espaço apresenta. Este jardim é feito a partir do ato genuíno de veres algo que gostas e acrescentar à coleção, mas integrando num conjunto mais ou menos coeso.
- O que é que distingue o jardim?
O jardim é fruto de uma relação entre duas pessoas, a sua família e o lugar, com uma clara coordenadora que se entrega à idealização do seu jardim enquanto casa.
- O que sente enquanto visita o jardim?
Sinto-me fora do contexto exterior, envolvido por uma atmosfera única e de uma certa intimidade e, por outro lado, bastante estimulado pela vivacidade, cores e texturas do jardim.

ENTREVISTADO 4

Área: Arquitetura Paisagista

- Qual é que foi o primeiro impacto?
Foi de fascínio, aquilo é um paraíso, a antítese do que está do outro lado do muro.
- Qual é a sua opinião sobre o Sr. Artur e a Sr. ^a D. Helena?
Dona Helena: Se eu conhecesse alguém que fosse exemplo do povo paisageiro, é a Sr. D. Helena. E ela fez aquilo por necessidade, ela precisava daquilo. Não tem pretensão a nada, é um capricho no melhor sentido da palavra. Há pessoas que escrevem um livro, a Sr. D. Helena fez um lugar.
Senhor Artur: É um homem devoto à religião que é a Sr. D. Helena.
- Qual é o espaço que prefere no jardim?
O Relvado das Estrelícias, por causa da bordadura, o enquadramento é especial, faz chorar. Também por causa da coleção.
- O que é que considera mais atrativo no jardim?
Estar com eles, a experiência, as histórias, os *updates* e plantas novas, coisas malucas que ela está a fazer. Aquilo é um jardim romântico em todos os sentidos possíveis, narrativa, simbologia, a linguagem e a ambiência. Ele é sempre mutável, apetece vê-lo em todas as estações e momentos do dia.
- O que é que distingue o jardim?
Ele não tendo pretensão a ser nada, é o jardim mais especial dentro deste tema. Tem mesmo muitas surpresas.
- O que sente enquanto visita o jardim?
Sinto-me bem vindo, é fácil pertencer, apetece-me embrenhar nele, sinto-me curioso, quero saber tudo, tudo tem história, não há nada sem querer.

ENTREVISTADO 5

Área: Arquitetura Paisagista

- Qual é que foi o primeiro impacto?
Não se imagina, à entrada, o que está para além do muro, depois de entrar parece que se entra num retiro no meio da cidade. Não me surpreendeu muito porque já tinha uma certa ideia do jardim, no entanto é um espaço surpreendente do ponto de vista biológico, botânico, ornamental e paisagístico.
- Qual é a sua opinião sobre o Sr. Artur e a Sr.^a D. Helena?
Dona Helena: muito simpática, sabe acolher muito bem os visitantes e tem uma visão técnica e científica muito apurada.
Senhor Artur: É muito simpático, bem falante e muito orgulhoso do trabalho desenvolvido durante os 30 anos que vivem em Valadares.
- Qual é o espaço que prefere no jardim?
Relvado das Estrelícias, por ser um espaço limitado mas amplo, acolhedor e esteticamente *clean*.
- O que é que considera mais atrativo no jardim?
É um espaço em que os valores que referi permitem o lazer e a recreação.
- O que é que distingue o jardim?
O tipo de espaço naquela localização. Seja pela área, diversidade e qualidade, parece-me ser um dos poucos a este nível na cidade, do que conheço.
- O que sente enquanto visita o jardim?
Relaxamento, fruição, orgulho no trabalho desenvolvido por outros, no contributo para a nossa cidade.

ENTREVISTADO 6

Área: Arquitetura Paisagista

- Qual é que foi o primeiro impacto?
Entra-se e vê-se aquelas plantas todas, e eu senti-me absorvida, senti-me bem.
- Qual é a sua opinião sobre o Sr. Artur e a Sr. ^a D. Helena?
Dona Helena: É introvertida.
Senhor Artur: É extrovertido, muito simpático, acolhedor e com muita vitalidade.
- Qual é o espaço que prefere no jardim?
A Cascata das Monsteras.
- O que é que considera mais atrativo no jardim?
A sensação de evasão.
- O que é que distingue o jardim?
O amor e dedicação que foram colocados naquele espaço, o bom gosto, e ser feito por pessoas que percebem, não foi feito somente para preencher o espaço.
- O que sente enquanto visita o jardim?
Tranquilidade, e apesar de estar com pessoas, isolada, num bom sentido, paz interior.

ENTREVISTADO 7

Área: Arquitetura Paisagista

- Qual é que foi o primeiro impacto?
Surpresa e espanto, não esperava encontrar uma coisa tão madura e sofisticada, sobretudo ao nível da complexidade da estrutura verde.
- Qual é a sua opinião sobre o Sr. Artur e a Sr. ^a D. Helena?
São pessoas discretas, muito dedicadas ao seu espaço, mas quando interagem com os outros são de uma enorme hospitalidade, dão-nos a conhecer o espaço com enorme generosidade. Dão-nos a sensação de conhecer todas as plantas do jardim. São conhecedores informais.
- Qual é o espaço que prefere no jardim?
A Cascata das Monsteras e o Lago dos Cisnes.
- O que é que considera mais atrativo no jardim?
A sensação de entrarmos num jardim subtropical, onde se sente o desenho do espaço mas com exuberância tropical. A presença da água também. O aproximar-se do arquétipo do jardim.
- O que é que distingue o jardim?
Um dos grandes representantes da ideia perfeita de jardim, abundante em água, amenidade, conforto e proteção, com grande diversidade vegetal.
- O que sente enquanto visita o jardim?
Um prazer muito grande por causa de todas as qualidades que enunciei e que neste jardim estão bem representadas, o desafio de estar perto da natureza no maior conforto é superado.

ENTREVISTADO 8

Área: Arquitetura Paisagista

- Qual é que foi o primeiro impacto?
A sensação de entrar num conto de fadas, havia plantas que nunca tinha visto, o lago é lindíssimo e a luz era incrível.
- Qual é a sua opinião sobre o Sr. Artur e a Sr. ^a D. Helena?
São das pessoas mais amáveis que conheci. Têm claramente paixão e um sentido de beleza incrível, e conseguem tornar real a imagem que têm na cabeça.
- Qual é o espaço que prefere no jardim?
Lagos da Casa.
- O que é que considera mais atrativo no jardim?
A complexidade do jardim e o facto de terem sido eles a fazê-lo.
- O que é que distingue o jardim?
É extremamente complexo e muito bem mantido, parece magia. E os donos, que são excecionais. Sem eles o jardim não seria o mesmo, eles puseram o coração na construção deste espaço.
- O que sente enquanto visita o jardim?
Senti uma grande felicidade, que não consegui conter. E fiquei extremamente agradecida por eles me mostrarem o jardim.

ENTREVISTADO 9

Área: Arquitetura Paisagista

- Qual é que foi o primeiro impacto?
Espanto, porque quando se entra e vê as paredes cobertas de monstera e a avenida de palmeiras é realmente de espanto. Porque a envolvente é relativamente feia e o contraste com o interior do jardim é realmente impactante. E de repente abre-se a porta e estamos envolvidos naquele verde.
- Qual é a sua opinião sobre o Sr. Artur e a Sr.ª D. Helena?
São uns queridos. Muito simpáticos e acolhedores. Uma pessoa cria logo empatia.
- Qual é o espaço que prefere no jardim?
Lago dos Cisnes, pela luz. A Cascata das Monstera, parece que estamos nos Açores. Estamos no meio de Valadares e não estamos à espera que aquilo exista.
- O que é que considera mais atrativo no jardim?
O sermos envolvidos pelo verde, no meio da malha urbana.
- O que é que distingue o jardim?
O desprendimento de usar plantas de forma informal, de forma espontânea e sem tabús, com resultados muito positivos. Parecia que estava numa catedral.
- O que sente enquanto visita o jardim?
Senti-me acolhida, abraçada.

ENTREVISTADO 10

Área: Psicologia

- Qual é que foi o primeiro impacto?
Quando entrei, o primeiro impacto é que parecia estar num conto de fadas, um cenário idílico Um silencio super acolhedor. Como estares num sítio familiar, sem o ser.
- Qual é a sua opinião sobre o Sr. Artur e a Sr. ^a D. Helena?
São profundamente apaixonados e há uma dimensão transcendente que eu acho que acabaram por manifestar no jardim. Não os vejo como “pais” do jardim, mas como parte. É uma parte deles e ao mesmo tempo uma troca para eles.
- Qual é o espaço que prefere no jardim?
O Relvado das Estrelícias por ter sentido um conforto maternal, e a escadaria da Mata, pelo simbolismo e som da água.
- O que é que considera mais atrativo no jardim?
A variedade de locais dentro do jardim e as sensações que estes proporcionam. Tens espaço para tudo.
- O que é que distingue o jardim?
A personalização. É um jardim que comunica a história deles, como casal e da relação, de forma objetiva e transcendente. E há uma dimensão de comunicação para o exterior – parece que estás imerso numa história que eles (casal Pereira) estão a comunicar.
- O que sente enquanto visita o jardim?
Sensação de pertença, conforto e harmonia. No início há o deslumbre, e à medida que se visita e se conversa com eles tudo bate certo. Mesmo que mudes a rota, há sempre essa harmonia. E sente-se sempre o amor que há entre eles e o jardim.

3 - PLANO GERAL



Jardim Senhora do Penedo
1 - Plano Geral

Legenda:

- Estrada
- Lagos, fontes e tanques
- Pavimentos:
- Terra batida
- Calçada de granito
- Cimento
- Ladrilhos
- Terra nua

- Vegetação:
- Relvado / prado
- Herbáceas / arbustos
- Trepadeiras / sebes
- Árvores
- Bancos
- Edifícios



4 - LISTA DE ESPÉCIES

Classe	Família	Género	Espécie
Cycadopsida	Cycadaceae	<i>Cycas</i>	<i>Cycas revoluta</i> Thunb.
Liliopsida	Acoraceae	<i>Acorus</i>	<i>Acorus gramineus</i> Aiton 'Variegatus'
Liliopsida	Amaryllidaceae	<i>Agapanthus</i>	<i>Agapanthus praecox</i> Willd.
Liliopsida	Amaryllidaceae	<i>Amaryllis</i>	<i>Amaryllis belladonna</i> L.
Liliopsida	Amaryllidaceae	<i>Clivia</i>	<i>Clivia miniata</i> (Lindl.) Bosse
Liliopsida	Amaryllidaceae	<i>Crinum</i>	<i>Crinum moorei</i> Hook.f.
Liliopsida	Amaryllidaceae	<i>Cyrtanthus</i>	<i>Cyrtanthus elatus</i> (Jacq.) Traub
Liliopsida	Amaryllidaceae	<i>Haemanthus</i>	<i>Haemanthus albiflos</i> Jacq.
Liliopsida	Amaryllidaceae	<i>Haemanthus</i>	<i>Haemanthus coccineus</i> L.
Liliopsida	Amaryllidaceae	<i>Ismene</i>	<i>Ismene deflexa</i> Herb.
Liliopsida	Amaryllidaceae	<i>Scadoxus</i>	<i>Scadoxus multiflorus</i> (Marty) Raf.
Liliopsida	Araceae	<i>Alocasia</i>	<i>Alocasia brisbanensis</i> Domin
Liliopsida	Araceae	<i>Anthurium</i>	<i>Anthurium andraeanum</i> Linden
Liliopsida	Araceae	<i>Anthurium</i>	<i>Anthurium scandens</i> Engl.
Liliopsida	Araceae	<i>Anthurium</i>	<i>Anthurium scherzerianum</i> Schott
Liliopsida	Araceae	<i>Colocasia</i>	<i>Colocasia esculenta</i> L.
Liliopsida	Araceae	<i>Colocasia</i>	<i>Colocasia antiquorum</i> Schott
Liliopsida	Araceae	<i>Monstera</i>	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.
Liliopsida	Araceae	<i>Monstera</i>	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm. 'Tauerii'
Liliopsida	Araceae	<i>Philodendron</i>	<i>Philodendron pinnatifidum</i> Schott
Liliopsida	Araceae	<i>Syngonium</i>	<i>Syngonium podophyllum</i> Schott
Liliopsida	Araceae	<i>Rhaphidophora</i>	<i>Rhaphidophora decursiva</i> (Roxb.) Schott
Liliopsida	Araceae	<i>Thaumatococcus</i>	<i>Thaumatococcus bipinnatifidum</i> (Schott & Endl.) Sakur., Calazans & Mayo
Liliopsida	Araceae	<i>Thaumatococcus</i>	<i>Thaumatococcus xanadu</i> (Croat, Mayo & J.Boos) Sakur., Calazans & Mayo
Liliopsida	Araceae	<i>Zantedeschia</i>	<i>Zantedeschia aethiopica</i> (L.) Spreng.
Liliopsida	Arecaceae	<i>Archontophoenix</i>	<i>Archontophoenix alexandrae</i> (F.Muell.) H.Wendl. & Drude
Liliopsida	Arecaceae	<i>Archontophoenix</i>	<i>Archontophoenix cunninghamiana</i> (H.Wendl.) H.Wendl. & Drude
Liliopsida	Arecaceae	<i>Bismarckia</i>	<i>Bismarckia nobilis</i> Hildebrandt & H.Wendl.
Liliopsida	Arecaceae	<i>Brahea</i>	<i>Brahea armata</i> S.Watson
Liliopsida	Arecaceae	<i>Butia</i>	<i>Butia odorata</i> (Barb.Rodr.) Noblick
Liliopsida	Arecaceae	<i>Caryota</i>	<i>Caryota mitis</i> Lour.
Liliopsida	Arecaceae	<i>Chamaedorea</i>	<i>Chamaedorea elegans</i> Mart.
Liliopsida	Arecaceae	<i>Chamaerops</i>	<i>Chamaerops humilis</i> L.
Liliopsida	Arecaceae	<i>Howea</i>	<i>Howea forsteriana</i> (F.Muell.) Becc.
Liliopsida	Arecaceae	<i>Livistona</i>	<i>Livistona australis</i> Mart.
Liliopsida	Arecaceae	<i>Livistona</i>	<i>Livistona chinensis</i> (Jacq.) R.Br. ex Mart.
Liliopsida	Arecaceae	<i>Phoenix</i>	<i>Phoenix canariensis</i> Chabaud
Liliopsida	Arecaceae	<i>Phoenix</i>	<i>Phoenix roebelenii</i> O'Brien
Liliopsida	Arecaceae	<i>Rhopalostylis</i>	<i>Rhopalostylis sapida</i> H.Wendl. & Drude
Liliopsida	Arecaceae	<i>Syagrus</i>	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman
Liliopsida	Arecaceae	<i>Trachycarpus</i>	<i>Trachycarpus fortunei</i> (Hook.) H.Wendl.
Liliopsida	Arecaceae	<i>Washingtonia</i>	<i>Washingtonia robusta</i> H.Wendl.
Liliopsida	Arecaceae	<i>xButyagrus</i>	<i>xButyagrus nabonnandii</i> (Prosch.) Vorster

Liliopsida	Asparagaceae	<i>Agave</i>	<i>Agave angustifolia</i> Haw. 'Marginata'
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Agave</i>	<i>Agave attenuata</i> Salm-Dyck
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Agave</i>	<i>Agave sticta</i> Thiede & Eggli
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Asparagus</i>	<i>Asparagus densiflorus</i> (Kunth) Jessop 'Myersii'
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Asparagus</i>	<i>Asparagus densiflorus</i> (Kunth) Jessop 'Sprengeri'
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Asparagus</i>	<i>Asparagus falcatus</i> L.
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Asparagus</i>	<i>Asparagus retrofractus</i> L.
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Asparagus</i>	<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth) Jessop
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Asparagus</i>	<i>Asparagus virgatus</i> Baker
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Aspidistra</i>	<i>Aspidistra elatior</i> Blume
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Chlorophytum</i>	<i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb.) Jacques 'Variegatum'
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Cordyline</i>	<i>Cordyline australis</i> (G.Forst.) Endl.
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Cordyline</i>	<i>Cordyline stricta</i> (Sims) Endl.
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Cordyline</i>	<i>Cordyline stricta</i> (Sims) Endl. 'Showoff'
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Dracaena</i>	<i>Dracaena draco</i> (L.) L.
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Drimiopsis</i>	<i>Drimiopsis maculata</i> Lindl. & Paxton
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Eucomis</i>	<i>Eucomis autumnalis</i> (Mill.) Chitt.
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Hyacinthoides</i>	<i>Hyacinthoides xmassartiana</i> Geerinck
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Ledebouria</i>	<i>Ledebouria socialis</i> (Baker) Jessop
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Ophiopogon</i>	<i>Ophiopogon japonicus</i> (Thunb.) Ker Gawl
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Rhodea</i>	<i>Rhodea japonica</i> (Thunb.) Roth
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Ruscus</i>	<i>Ruscus aculeatus</i> L.
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Ruscus</i>	<i>Ruscus hypophyllum</i> L.
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Yucca</i>	<i>Yucca gigantea</i> Lem.
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Yucca</i>	<i>Yucca gloriosa</i> L.
Liliopsida	Asparagaceae	<i>Yucca</i>	<i>Yucca rostrata</i> Engelm. ex Trel.
Liliopsida	Asphodelaceae	<i>Aloe</i>	<i>Aloe arborescens</i> Mill.
Liliopsida	Asphodelaceae	<i>Aloe</i>	<i>Aloe juvenna</i> Brandham & S.Carter
Liliopsida	Asphodelaceae	<i>Aloe</i>	<i>Aloe maculata</i> All.
Liliopsida	Asphodelaceae	<i>Aloe</i>	<i>Aloe perfoliata</i> L.
Liliopsida	Asphodelaceae	<i>Aloe</i>	<i>Aloe ribauensis</i> T.A.McCoy, Rulkens & O.J.Baptista
Liliopsida	Asphodelaceae	<i>Aloe</i>	<i>Aloe xnobilis</i> Haw.
Liliopsida	Asphodelaceae	<i>Dianella</i>	<i>Dianella ensifolia</i> (L.) Redouté
Liliopsida	Asphodelaceae	<i>Haworthiopsis</i>	<i>Haworthiopsis reinwardtii</i> (Salm-Dyck) G.D.Rowley
Liliopsida	Bromeliaceae	<i>Aechmea</i>	<i>Aechmea gamosepala</i> Wittm.
Liliopsida	Bromeliaceae	<i>Aechmea</i>	<i>Aechmea recurvata</i> (Klotzsch) L.B.Sm.
Liliopsida	Bromeliaceae	<i>Ananas</i>	<i>Ananas comosus</i> var. <i>bracteatus</i> (Lindl.) Coopens & F.Leal 'Striatus'
Liliopsida	Bromeliaceae	<i>Billbergia</i>	<i>Billbergia vittata</i> Brongn. ex C.Morel
Liliopsida	Bromeliaceae	<i>Billbergia</i>	<i>Billbergia Xwindii</i>
Liliopsida	Bromeliaceae	<i>Fascicularia</i>	<i>Fascicularia bicolor</i> (Ruiz & Pav.) Mez
Liliopsida	Bromeliaceae	<i>Tillandsia</i>	<i>Tillandsia tectorum</i> É.Morren
Liliopsida	Bromeliaceae	<i>Tillandsia</i>	<i>Tillandsia usneoides</i> (L.) L.
Liliopsida	Bromeliaceae	x <i>Cryptbergia</i>	x <i>Cryptbergia</i> 'Red Burst'
Liliopsida	Cannaceae	<i>Canna</i>	<i>Canna indica</i> L.
Liliopsida	Commelinaceae	<i>Tradescantia</i>	<i>Tradescantia fluminensis</i> Vell.
Liliopsida	Cyperaceae	<i>Cyperus</i>	<i>Cyperus papyrus</i> L.
Liliopsida	Doryanthaceae	<i>Doryanthes</i>	<i>Doryanthes palmeri</i> W.Hill ex Benth.

Liliopsida	Iridaceae	<i>Aristea</i>	<i>Aristea ecklonii</i> Baker
Liliopsida	Iridaceae	<i>Iris</i>	<i>Iris japonica</i> Thunb.
Liliopsida	Iridaceae	<i>Trimezia</i>	<i>Trimezia northiana</i> (Schneeve.) Ravenna
Liliopsida	Musaceae	<i>Ensete</i>	<i>Ensete ventricosum</i> (Welw.) Cheesman
Liliopsida	Musaceae	<i>Musa</i>	<i>Musa basjoo</i> Siebold & Zucc. ex Linuma
Liliopsida	Musaceae	<i>Musa</i>	<i>Musa xparadisica</i> L.
Liliopsida	Orchidaceae	<i>Cattleya</i>	<i>Cattleya maxima</i> Lindl.
Liliopsida	Orchidaceae	<i>Coelogyne</i>	<i>Coelogyne cristata</i> Lindl.
Liliopsida	Orchidaceae	<i>Sobralia</i>	<i>Sobralia</i> Ruiz & Pav. 'Mirabilis'
Liliopsida	Orchidaceae	<i>Stanhopea</i>	<i>Stanhopea jenischiana</i> F.Kramer ex Rchb.f.
Liliopsida	Orchidaceae	<i>Stanhopea</i>	<i>Stanhopea oculata</i> Lindl.
Liliopsida	Pandanaceae	<i>Pandanus</i>	<i>Pandanus furcatus</i> Roxb.
Liliopsida	Poaceae	<i>Dendrocalamus</i>	<i>Dendrocalamus asper</i> Backer ex K.Heyne
Liliopsida	Poaceae	<i>Phyllostachys</i>	<i>Phyllostachys aurea</i> Carrière ex Rivière & C.Rivière
Liliopsida	Poaceae	<i>Pleioblastus</i>	<i>Pleioblastus fortunei</i> (v.Houtte) Nakai 'Variegata'
Liliopsida	Poaceae	<i>Pleioblastus</i>	<i>Pleioblastus viridistriatus</i> (Regel) Makino
Liliopsida	Poaceae	<i>Setaria</i>	<i>Setaria megaphylla</i> T.Durand & Schinz
Liliopsida	Restionaceae	<i>Baloskion</i>	<i>Baloskion tetraphyllum</i> (Labill.) B.G.Briggs & L.A.S.Johnson
Liliopsida	Strelitziaceae	<i>Strelitzia</i>	<i>Strelitzia juncea</i> Andrews
Liliopsida	Strelitziaceae	<i>Strelitzia</i>	<i>Strelitzia nicolai</i> Regel & Körn.
Liliopsida	Strelitziaceae	<i>Strelitzia</i>	<i>Strelitzia reginae</i> Banks
Liliopsida	Strelitziaceae	<i>Strelitzia</i>	<i>Strelitzia reginae</i> Banks (large)
Liliopsida	Zingiberaceae	<i>Alpinia</i>	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burt & R.M.Sm.
Liliopsida	Zingiberaceae	<i>Hedychium</i>	<i>Hedychium coccineum</i> Buch.-Ham. ex Sm.
Liliopsida	Zingiberaceae	<i>Hedychium</i>	<i>Hedychium gardnerianum</i> Sheppard ex Ker Gawl.
Liliopsida	Zingiberaceae	<i>Hedychium</i>	<i>Hedychium flavescens</i> G.Lodd.
Magnoliopsida	Acanthaceae	<i>Acanthus</i>	<i>Acanthus mollis</i> L.
Magnoliopsida	Acanthaceae	<i>Odontonema</i>	<i>Odontonema tubaeforme</i> (Bertol.) Kuntze
Magnoliopsida	Acanthaceae	<i>Thunbergia</i>	<i>Thunbergia grandiflora</i> Roxb.
Magnoliopsida	Aizoaceae	<i>Faucaria</i>	<i>Faucaria felina</i> (L.) Schwantes
Magnoliopsida	Altingiaceae	<i>Liquidambar</i>	<i>Liquidambar styraciflua</i> L.
Magnoliopsida	Amaranthaceae	<i>Iresine</i>	<i>Iresine herbstii</i> Hook. 'Aureoreticulata'
Magnoliopsida	Apocynaceae	<i>Acokanthera</i>	<i>Acokanthera oppositifolia</i> (Lam.) Codd
Magnoliopsida	Apocynaceae	<i>Gomphocarpus</i>	<i>Gomphocarpus physocarpus</i> E.Mey.
Magnoliopsida	Apocynaceae	<i>Hoya</i>	<i>Hoya carnosa</i> (L.f.) R.Br.
Magnoliopsida	Apocynaceae	<i>Hoya</i>	<i>Hoya carnosa</i> (L.f.) R.Br. 'Red'
Magnoliopsida	Apocynaceae	<i>Hoya</i>	<i>Hoya carnosa</i> (L.f.) R.Br. 'Tricolor'
Magnoliopsida	Apocynaceae	<i>Mandevilla</i>	<i>Mandevilla</i> 'Magnetica'
Magnoliopsida	Apocynaceae	<i>Mandevilla</i>	<i>Mandevilla laxa</i> Woodson
Magnoliopsida	Araliaceae	<i>Fatsia</i>	<i>Fatsia japonica</i> (Thunb.) Decne. & Planch.
Magnoliopsida	Araliaceae	<i>Fatsia</i>	<i>Fatsia japonica</i> (Thunb.) Decne. & Planch. 'Camouflage'
Magnoliopsida	Araliaceae	<i>Hedera</i>	<i>Hedera algeriensis</i> Rantonnet ex C.Morren
Magnoliopsida	Araliaceae	<i>Hedera</i>	<i>Hedera algeriensis</i> Rantonnet ex C.Morren 'Gloire de Marengo'
Magnoliopsida	Araliaceae	<i>Hedera</i>	<i>Hedera helix</i> L.
Magnoliopsida	Araliaceae	<i>Hedera</i>	<i>Hedera helix</i> L. 'Kolibri'
Magnoliopsida	Argophyllaceae	<i>Corokia</i>	<i>Corokia cotoneaster</i> Raoul

Magnoliopsida	Aristolochiaceae	<i>Aristolochia</i>	<i>Aristolochia littoralis</i> D.Parodi
Magnoliopsida	Araliaceae	<i>Hedera</i>	<i>Hedera helix</i> L. 'Kolibri'
Magnoliopsida	Argophyllaceae	<i>Corokia</i>	<i>Corokia cotoneaster</i> Raoul
Magnoliopsida	Aristolochiaceae	<i>Aristolochia</i>	<i>Aristolochia littoralis</i> D.Parodi
Magnoliopsida	Asteraceae	<i>Dahlia</i>	<i>Dahlia imperialis</i> Roehl ex Ortgies
Magnoliopsida	Asteraceae	<i>Farfugium</i>	<i>Farfugium japonicum</i> (L.) Kitam.
Magnoliopsida	Asteraceae	<i>Senecio</i>	<i>Senecio royleanus</i> DC.
Magnoliopsida	Asteraceae	<i>Smallanthus</i>	<i>Smallanthus sonchifolius</i> (Poepp.) H.Rob.
Magnoliopsida	Begoniaceae	<i>Begonia</i>	<i>Begonia gehrtii</i> Irmsch.
Magnoliopsida	Bignoniaceae	<i>Campsis</i>	<i>Campsis radicans</i> (L.) Seem.
Magnoliopsida	Bignoniaceae	<i>Campsis</i>	<i>Campsis xtagliabuana</i> (Vis.) Rehder
Magnoliopsida	Bignoniaceae	<i>Jacaranda</i>	<i>Jacaranda mimosifolia</i> D.Don
Magnoliopsida	Bignoniaceae	<i>Podranea</i>	<i>Podranea ricasoliana</i> Sprague
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Aylostera</i>	<i>Aylostera einsteinii</i> (Fric ex Kreuz. & Buining) Mosti & Papini
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Cleistocactus</i>	<i>Cleistocactus winteri</i> D.R.Hunt
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Disocactus</i>	<i>Disocactus anguliger</i> (Lem.) M.A.Cruz & S.Arias
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Echinopsis</i>	<i>Echinopsis oxygona</i> (Link) Zucc. ex Pfeiff.
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Epiphyllum</i>	<i>Epiphyllum oxypetalum</i> (DC.) Haw.
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Epiphyllum</i>	<i>Epiphyllum pumilum</i> Britton & Rose
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Gymnocalycium</i>	<i>Gymnocalycium horstii</i> Buining
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Opuntia</i>	<i>Opuntia microdasys</i> (Lehm.) Pfeiff.
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Parodia</i>	<i>Parodia warasii</i> (F.Ritter) F.H.Brandt
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Pereskia</i>	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Pereskia</i>	<i>Pereskia grandifolia</i> Haw.
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Selenicereus</i>	<i>Selenicereus anthonyanus</i> (Alexander) D.R.Hunt
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Selenicereus</i>	<i>Selenicereus hamatus</i> (Scheidw.) Britton & Rose
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Selenicereus</i>	<i>Selenicereus undatus</i> (Haw.) D.R.Hunt
Magnoliopsida	Cactaceae	<i>Soehrensia</i>	<i>Soehrensia spachiana</i> (Lem.) Schlumpb.
Magnoliopsida	Convolvulaceae	<i>Ipomoea</i>	<i>Ipomoea alba</i> L.
Magnoliopsida	Convolvulaceae	<i>Ipomoea</i>	<i>Ipomoea cairica</i> (L.) Sweet
Magnoliopsida	Convolvulaceae	<i>Ipomoea</i>	<i>Ipomoea indica</i> Merr.
Magnoliopsida	Crassulaceae	<i>Aeonium</i>	<i>Aeonium canariense</i> Webb & Berthel.
Magnoliopsida	Crassulaceae	<i>Aeonium</i>	<i>Aeonium haworthii</i> Webb & Berthel.
Magnoliopsida	Crassulaceae	<i>Cotyledon</i>	<i>Cotyledon orbiculata</i> L.
Magnoliopsida	Crassulaceae	<i>Crassula</i>	<i>Crassula orbicularis</i> L. 'Rosularis'
Magnoliopsida	Crassulaceae	<i>Crassula</i>	<i>Crassula ovata</i> Druce 'Gollum'
Magnoliopsida	Crassulaceae	<i>Echeveria</i>	<i>Echeveria setosa</i> Rose & J.A.Purpus
Magnoliopsida	Crassulaceae	<i>Kalanchoe</i>	<i>Kalanchoe thyrsiflora</i> Harv.
Magnoliopsida	Crassulaceae	<i>Sedum</i>	<i>Sedum burrito</i> Moran
Magnoliopsida	Crassulaceae	<i>Sedum</i>	<i>Sedum rubrotinctum</i> R.T.Clausen
Magnoliopsida	Ericaceae	<i>Arbutus</i>	<i>Arbutus unedo</i> L.
Magnoliopsida	Euphorbiaceae	<i>Euphorbia</i>	<i>Euphorbia neriiifolia</i> L.
Magnoliopsida	Euphorbiaceae	<i>Manihot</i>	<i>Manihot esculenta</i> Crantz
Magnoliopsida	Fabaceae	<i>Bauhinia</i>	<i>Bauhinia variegata</i> L.
Magnoliopsida	Fabaceae	<i>Calliandra</i>	<i>Calliandra tweediei</i> Benth.
Magnoliopsida	Fabaceae	<i>Cercis</i>	<i>Cercis siliquatrum</i> L.
Magnoliopsida	Fabaceae	<i>Cochliasanthus</i>	<i>Cochliasanthus caracalla</i> (L.) Trew

Magnoliopsida	Fabaceae	<i>Erythrina</i>	<i>Erythrina crista-galli</i> L.
Magnoliopsida	Fabaceae	<i>Indigofera</i>	<i>Indigofera incarnata</i> (Willd.) Nakai
Magnoliopsida	Fabaceae	<i>Mucuna</i>	<i>Mucuna sempervirens</i> Hemsl.
Magnoliopsida	Fabaceae	<i>Senna</i>	<i>Senna corymbosa</i> (Lam.) H.S.Irwin & Barneby
Magnoliopsida	Fabaceae	<i>Tara</i>	<i>Tara spinosa</i> (Molina) Britton & Rose
Magnoliopsida	Fabaceae	<i>Wisteria</i>	<i>Wisteria frutescens</i> (L.) Poir.
Magnoliopsida	Fabaceae	<i>Wisteria</i>	<i>Wisteria sinensis</i> (Sims) DC.
Magnoliopsida	Fabaceae	<i>Wisteria</i>	<i>Wisteria venusta</i> Rehder & Wils. 'Alba'
Magnoliopsida	Fagaceae	<i>Fagus</i>	<i>Fagus sylvatica</i> L.
Magnoliopsida	Fagaceae	<i>Fagus</i>	<i>Fagus sylvatica</i> L. 'Asplenifolia'
Magnoliopsida	Fagaceae	<i>Quercus</i>	<i>Quercus orocantabrica</i> Rivas Mart. & al. (2002: 706)
Magnoliopsida	Fagaceae	<i>Quercus</i>	<i>Quercus palustris</i> Münchh.
Magnoliopsida	Fagaceae	<i>Quercus</i>	<i>Quercus suber</i> L.
Magnoliopsida	Fagaceae	<i>Quercus</i>	<i>Quercus xtlemeccensis</i> Trab.
Magnoliopsida	Garryaceae	<i>Aucuba</i>	<i>Aucuba japonica</i> Thunb.
Magnoliopsida	Gunneraceae	<i>Gunnera</i>	<i>Gunnera tinctoria</i> (Molina) Mirb.
Magnoliopsida	Hydrangeaceae	<i>Hydrangea</i>	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.
Magnoliopsida	Hydrangeaceae	<i>Hydrangea</i>	<i>Hydrangea paniculata</i> Siebold
Magnoliopsida	Hydrangeaceae	<i>Hydrangea</i>	<i>Hydrangea quercifolia</i> W.Bartram
Magnoliopsida	Hydrangeaceae	<i>Hydrangea</i>	<i>Hydrangea quercifolia</i> W.Bartram 'Snowflake'
Magnoliopsida	Hypericaceae	<i>Hypericum</i>	<i>Hypericum androsaemum</i> L.
Magnoliopsida	Lamiaceae	<i>Clerodendrum</i>	<i>Clerodendrum bungei</i> Steud.
Magnoliopsida	Lamiaceae	<i>Leonotis</i>	<i>Leonotis leonurus</i> (L.) R.Br.
Magnoliopsida	Lamiaceae	<i>Plectranthus</i>	<i>Plectranthus saccatus</i> Benth. 'Velvet Elvis'
Magnoliopsida	Lamiaceae	<i>Plectranthus</i>	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews
Magnoliopsida	Lamiaceae	<i>Plectranthus</i>	<i>Plectranthus fruticosus</i> L'Hér
Magnoliopsida	Lamiaceae	<i>Plectranthus</i>	<i>Plectranthus hirsutus</i> Hedge
Magnoliopsida	Lamiaceae	<i>Rothea</i>	<i>Rothea myricoides</i> (Hochst.) Steane & Mabb.
Magnoliopsida	Lamiaceae	<i>Salvia</i>	<i>Salvia guaranitica</i> A.St.-Hil. ex Benth.
Magnoliopsida	Lardizabalaceae	<i>Akebia</i>	<i>Akebia quinata</i> (Thunb. ex Houtt.) Decne.
Magnoliopsida	Lauraceae	<i>Cinnamomum</i>	<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl
Magnoliopsida	Lauraceae	<i>Cinnamomum</i>	<i>Cinnamomum camphora</i> (L.) J.Presl
Magnoliopsida	Lauraceae	<i>Laurus</i>	<i>Laurus nobilis</i> L.
Magnoliopsida	Lythraceae	<i>Punica</i>	<i>Punica granatum</i> L.
Magnoliopsida	Magnoliaceae	<i>Liriodendron</i>	<i>Liriodendron tulipifera</i> L.
Magnoliopsida	Magnoliaceae	<i>Magnolia</i>	<i>Magnolia denudata</i> Desr.
Magnoliopsida	Magnoliaceae	<i>Magnolia</i>	<i>Magnolia denudata</i> Desr. 'Yellow River'
Magnoliopsida	Magnoliaceae	<i>Magnolia</i>	<i>Magnolia figo</i> (Lour.) DC.
Magnoliopsida	Magnoliaceae	<i>Magnolia</i>	<i>Magnolia grandiflora</i> L.
Magnoliopsida	Magnoliaceae	<i>Magnolia</i>	<i>Magnolia xsoulangeana</i> Soul.-Bod.
Magnoliopsida	Malvaceae	<i>Brachychiton</i>	<i>Brachychiton acerifolius</i> (A.Cunn. ex G.Don) F.Muell.
Magnoliopsida	Malvaceae	<i>Brachychiton</i>	<i>Brachychiton discolor</i> F.Muell.
Magnoliopsida	Malvaceae	<i>Callianthe</i>	<i>Callianthe megapotamica</i> (A.Spreng.) Dorr
Magnoliopsida	Malvaceae	<i>Ceiba</i>	<i>Ceiba crispiflora</i> (Kunth) Ravenna
Magnoliopsida	Malvaceae	<i>Ceiba</i>	<i>Ceiba speciosa</i> (A. St.-Hil., A.Juss. & Cambess.) Ravenna
Magnoliopsida	Malvaceae	<i>Hibiscus</i>	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L. 'Apple Blossom'
Magnoliopsida	Malvaceae	<i>Lagunaria</i>	<i>Lagunaria patersonia</i> (Andrews) G.Don

Magnoliopsida	Malvaceae	<i>Tilia</i>	<i>Tilia platyphyllos</i> Scop.
Magnoliopsida	Marantaceae	<i>Thalia</i>	<i>Thalia dealbata</i> Fraser
Magnoliopsida	Melastomaceae	<i>Pleroma</i>	<i>Pleroma urvilleanum</i> (DC.) P.J.F.Guim. & Michelang.
Magnoliopsida	Meliaceae	<i>Melia</i>	<i>Melia azedarach</i> L.
Magnoliopsida	Moraceae	<i>Maclura</i>	<i>Maclura pomifera</i> (Raf.) C.K.Schneid
Magnoliopsida	Myrtaceae	<i>Corymbia</i>	<i>Corymbia ficifolia</i> (F.Muell.) K.D.Hill & L.A.S.Johnson
Magnoliopsida	Myrtaceae	<i>Corymbia</i>	<i>Corymbia calophylla</i> (Lindl.) K.D.Hill & L.A.Johnson
Magnoliopsida	Myrtaceae	<i>Corymbia</i>	<i>Corymbia citriodora</i> (Hook.) K.D.Hill & L.A.S.Johnson
Magnoliopsida	Myrtaceae	<i>Eucalyptus</i>	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.
Magnoliopsida	Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>Eugenia uniflora</i> L.
Magnoliopsida	Myrtaceae	<i>Feijoa</i>	<i>Feijoa sellowiana</i> (O.Berg) O.Berg
Magnoliopsida	Myrtaceae	<i>Melaleuca</i>	<i>Melaleuca comboynensis</i> (Cheel) Craven
Magnoliopsida	Myrtaceae	<i>Metrosideros</i>	<i>Metrosideros excelsa</i> Sol. ex Gaertn.
Magnoliopsida	Myrtaceae	<i>Syzygium</i>	<i>Syzygium paniculatum</i> Gaertn.
Magnoliopsida	Nyctaginaceae	<i>Bougainvillea</i>	<i>Bougainvillea x butiana</i> Holttum & Standl.
Magnoliopsida	Nymphaeaceae	<i>Nuphar</i>	<i>Nuphar lutea</i> (L.) Sm.
Magnoliopsida	Nymphaeaceae	<i>Nymphaea</i>	<i>Nymphaea</i> L. 'Orchid Star' ('Carnea')
Magnoliopsida	Nymphaeaceae	<i>Nymphaea</i>	<i>Nymphaea</i> L. 'William Stone' ('Blue Star')
Magnoliopsida	Onagraceae	<i>Fuchsia</i>	<i>Fuchsia</i> 'Gartenmeister Bonstedt'
Magnoliopsida	Onagraceae	<i>Fuchsia</i>	<i>Fuchsia</i> 'Tatlo'
Magnoliopsida	Onagraceae	<i>Fuchsia</i>	<i>Fuchsia boliviana</i> Carrière
Magnoliopsida	Passifloraceae	<i>Passiflora</i>	<i>Passiflora ligularis</i> Juss.
Magnoliopsida	Paulowniaceae	<i>Paulownia</i>	<i>Paulownia catalpifolia</i> T.Gong ex D.Y.Hong
Magnoliopsida	Piperaceae	<i>Peperomia</i>	<i>Peperomia pereskiiifolia</i> (Jacq.) Kunth
Magnoliopsida	Pittosporaceae	<i>Hymenosporum</i>	<i>Hymenosporum flavum</i> F.Muell.
Magnoliopsida	Pittosporaceae	<i>Pittosporum</i>	<i>Pittosporum tenuifolium</i> Gaertn.
Magnoliopsida	Pittosporaceae	<i>Pittosporum</i>	<i>Pittosporum tobira</i> W.T.Aiton
Magnoliopsida	Polemoniaceae	<i>Cobaea</i>	<i>Cobaea scandens</i> Cav.
Magnoliopsida	Polygonaceae	<i>Muehlenbeckia</i>	<i>Muehlenbeckia platyclados</i> (F.Muell.) Meisn.
Magnoliopsida	Polygonaceae	<i>Persicaria</i>	<i>Persicaria capitata</i> (Buch.-Ham. ex D.Don) H.Gross
Magnoliopsida	Primulaceae	<i>Primula</i>	<i>Primula vulgaris</i> Huds.
Magnoliopsida	Proteaceae	<i>Banksia</i>	<i>Banksia ericifolia</i> L.f.
Magnoliopsida	Proteaceae	<i>Banksia</i>	<i>Banksia spinulosa</i> Sm.
Magnoliopsida	Proteaceae	<i>Grevillea</i>	<i>Grevillea robusta</i> A.Cunn. ex R.Br.
Magnoliopsida	Proteaceae	<i>Protea</i>	<i>Protea nerifolia</i> R.Br.
Magnoliopsida	Proteaceae	<i>Telopea</i>	<i>Telopea speciosissima</i> R.Br.
Magnoliopsida	Ranunculaceae	<i>Caltha</i>	<i>Caltha palustris</i> L.
Magnoliopsida	Ranunculaceae	<i>Eriocapitella</i>	<i>Eriocapitella xhybrida</i> (L.H.Bailey) Christenh. & Byng (rosa dobrada)
Magnoliopsida	Rhamnaceae	<i>Colletia</i>	<i>Colletia paradoxa</i> (Spreng.) Escal.
Magnoliopsida	Rosaceae	<i>Crataegus</i>	<i>Crataegus monogyna</i> Jacq.
Magnoliopsida	Rosaceae	<i>Rosa</i>	<i>Rosa banksiae</i> R.Br. 'Lutea'
Magnoliopsida	Rosaceae	<i>Rosa</i>	<i>Rosa</i> L. 'Red Intuition'
Magnoliopsida	Rosaceae	<i>Rosa</i>	<i>Rosa roxburghii</i> Tratt. 'Plena'
Magnoliopsida	Rubiaceae	<i>Gardenia</i>	<i>Gardenia thunbergia</i> Thunb.
Magnoliopsida	Salicaceae	<i>Populus</i>	<i>Populus xcanadensis</i> Moench
Magnoliopsida	Sapindaceae	<i>Acer</i>	<i>Acer palmatum</i> Thunb.

Magnoliopsida	Sapindaceae	<i>Aesculus</i>	<i>Aesculus xcarnea</i> Zeyh.
Magnoliopsida	Saururaceae	<i>Houttuynia</i>	<i>Houttuynia cordata</i> Thunb.
Magnoliopsida	Saururaceae	<i>Houttuynia</i>	<i>Houttuynia cordata</i> Thunb. 'Chameleon'
Magnoliopsida	Solanaceae	<i>Brugmansia</i>	<i>Brugmansia sanguinea</i> (Ruiz & Pav.) D.Don
Magnoliopsida	Solanaceae	<i>Brugmansia</i>	<i>Brugmansia xcandida</i> Pers. 'Double White'
Magnoliopsida	Solanaceae	<i>Cestrum</i>	<i>Cestrum fasciculatum</i> (Schltdl.) Miers
Magnoliopsida	Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>Solanum pseudocapsicum</i> L.
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia azalea</i> C.F.We
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L.
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L. 'Alba Plena'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L. 'Angelina Vieira'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L. 'Black Magic'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L. 'Cup of Beauty'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L. 'Dona Herzilia de Freitas Magalhães'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L. 'Elegans Champagne'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L. 'Fredericii'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L. 'Grand Sultan'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L. 'Grape Soda'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L. 'Incarnata'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L. 'Madam de Cannart'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia japonica</i> L. 'Red Leaf Bella'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia reticulata</i> Lindl.
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia sasanqua</i> Thunb. 'Miss Ed'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia tsaii</i> Hu
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia xwilliamsii</i> W.W.Sm. 'Mary Phoebe Taylor'
Magnoliopsida	Theaceae	<i>Camellia</i>	<i>Camellia xwilliamsii</i> W.W.Sm. 'Night Rider'
Magnoliopsida	Thymelaeaceae	<i>Edgeworthia</i>	<i>Edgeworthia chrysantha</i> Lindl.
Magnoliopsida	Ulmaceae	<i>Ulmus</i>	<i>Ulmus glabra</i> Huds. 'Pendula'
Magnoliopsida	Viburnaceae	<i>Viburnum</i>	<i>Viburnum opulus</i> L.
Magnoliopsida	Violaceae	<i>Viola</i>	<i>Viola hederacea</i> Labill.
Magnoliopsida	Violaceae	<i>Viola</i>	<i>Viola odorata</i> L.
Magnoliopsida	Vitaceae	<i>Parthenocissus</i>	<i>Parthenocissus quinquefolia</i> Planch.
Pinopsida	Araucariaceae	<i>Araucaria</i>	<i>Araucaria heterophylla</i> (Salisb.) Franco
Pinopsida	Cupressaceae	<i>Calocedrus</i>	<i>Calocedrus decurrens</i> (Torr.) Florin 'Aureovariegata'
Pinopsida	Cupressaceae	<i>Chamaecyparis</i>	<i>Chamaecyparis obtusa</i> Siebold & Zucc. 'Nana'
Pinopsida	Cupressaceae	<i>Cupressus</i>	<i>Cryptomeria japonica</i> (Thunb. ex L.f.) D.Don
Pinopsida	Cupressaceae	<i>Cupressus</i>	<i>Cupressus xleylandii</i> A.B.Jacks. & Dallim.
Pinopsida	Cupressaceae	<i>Metasequoia</i>	<i>Metasequoia glyptostroboides</i> Hu & W.C.Cheng
Pinopsida	Cupressaceae	<i>Sequoia</i>	<i>Sequoia sempervirens</i> (D.Don) Endl.
Pinopsida	Pinaceae	<i>Larix</i>	<i>Larix decidua</i> Mill.
Polypodiopsida	Aspleniaceae	<i>Asplenium</i>	<i>Asplenium australasicum</i> Hook.
Polypodiopsida	Aspleniaceae	<i>Asplenium</i>	<i>Asplenium bulbiferum</i> G.Forst.
Polypodiopsida	Aspleniaceae	<i>Asplenium</i>	<i>Asplenium xkenzoi</i> As.Kurata

Polypodiopsida	Aspleniaceae	<i>Athyrium</i>	<i>Athyrium filix-femina</i> (L.) Roth
Polypodiopsida	Athyriaceae	<i>Deparia</i>	<i>Deparia petersenii</i> (Kunze) M.Kato
Polypodiopsida	Blechnaceae	<i>Blechnum</i>	<i>Blechnum gibbum</i> (Lab.) Mett.
Polypodiopsida	Blechnaceae	<i>Woodwardia</i>	<i>Woodwardia radicans</i> (L.) Sm.
Polypodiopsida	Cyatheaceae	<i>Alsophila</i>	<i>Alsophila australis</i> R.Br.
Polypodiopsida	Cyatheaceae	<i>Sphaeropteris</i>	<i>Sphaeropteris cooperi</i> (Hook. ex F.Muell.) R.M.Tryon
Polypodiopsida	Cyatheaceae	<i>Sphaeropteris</i>	<i>Sphaeropteris medularis</i> Bernh.
Polypodiopsida	Cyatheaceae	<i>Sphaeropteris</i>	<i>Sphaeropteris robusta</i> (Watts) R.M.Tryon
Polypodiopsida	Davalliaceae	<i>Davallia</i>	<i>Davallia tyermannii</i> (T.Moore) H.J.Veitch
Polypodiopsida	Dennstaedtiaceae	<i>Dennstaedtia</i>	<i>Dennstaedtia davallioides</i> (R.Br.) Moore
Polypodiopsida	Dennstaedtiaceae	<i>Microlepia</i>	<i>Microlepia speluncae</i> (L.) T.Moore 'Corymbifera'
Polypodiopsida	Dicksoniaceae	<i>Lophosoria</i>	<i>Lophosoria quadripinnata</i> (J.F.Gmel.) C.Chr. in Skottsbo.
Polypodiopsida	Didymochlaenaceae	<i>Didymochlaena</i>	<i>Didymochlaena truncatula</i> (Sw.) J.Sm.
Polypodiopsida	Dryopteridaceae	<i>Cyrtomium</i>	<i>Cyrtomium falcatum</i> (L.f.) C.Presl
Polypodiopsida	Dryopteridaceae	<i>Cyrtomium</i>	<i>Cyrtomium fortunei</i> J.Sm.
Polypodiopsida	Dryopteridaceae	<i>Dryopteris</i>	<i>Dryopteris affinis</i> (Lowe) Fraser-Jenk.
Polypodiopsida	Dryopteridaceae	<i>Rumohra</i>	<i>Rumohra adiantiformis</i> (G.Forst.) Ching
Polypodiopsida	Equisetaceae	<i>Equisetum</i>	<i>Equisetum hyemale</i> L.
Polypodiopsida	Nephrolepidaceae	<i>Nephrolepis</i>	<i>Nephrolepis cordifolia</i> (L.) C.Presl
Polypodiopsida	Nephrolepidaceae	<i>Nephrolepis</i>	<i>Nephrolepis cordifolia</i> (L.) C.Presl 'Dennis Petticoats'
Polypodiopsida	Nephrolepidaceae	<i>Nephrolepis</i>	<i>Nephrolepis exaltata</i> (L.) Schott 'Vitale'
Polypodiopsida	Nephrolepidaceae	<i>Nephrolepis</i>	<i>Nephrolepis pendula</i> (Raddi) J.Sm.
Polypodiopsida	Osmundaceae	<i>Osmunda</i>	<i>Osmunda regalis</i> L.
Polypodiopsida	Polypodiaceae	<i>Drynaria</i>	<i>Drynaria coronans</i> J.Sm.
Polypodiopsida	Polypodiaceae	<i>Goniophlebium</i>	<i>Goniophlebium formosanum</i> (Baker) Rödl-Linder
Polypodiopsida	Polypodiaceae	<i>Goniophlebium</i>	<i>Goniophlebium subauriculatum</i> (Blume) C.Presl
Polypodiopsida	Polypodiaceae	<i>Phlebodium</i>	<i>Phlebodium aureum</i> J.Sm.
Polypodiopsida	Polypodiaceae	<i>Phlebodium</i>	<i>Phlebodium aureum</i> J.Sm. 'Davana'
Polypodiopsida	Polypodiaceae	<i>Platycterium</i>	<i>Platycterium bifurcatum</i> (Cav.) C.Chr.
Polypodiopsida	Polypodiaceae	<i>Platycterium</i>	<i>Platycterium superbum</i> Joncheere & Hennipman
Polypodiopsida	Pteridaceae	<i>Adiantum</i>	<i>Adiantum formosum</i> R.Br.
Polypodiopsida	Pteridaceae	<i>Adiantum</i>	<i>Adiantum raddianum</i> C.Presl
Polypodiopsida	Pteridaceae	<i>Adiantum</i>	<i>Adiantum macrophyllum</i> Sw.
Polypodiopsida	Pteridaceae	<i>Coniogramme</i>	<i>Coniogramme emeiensis</i> Ching & K.H.Shing 'Golden Zebra'
Polypodiopsida	Pteridaceae	<i>Pteris</i>	<i>Pteris cretica</i> L.
Polypodiopsida	Pteridaceae	<i>Pteris</i>	<i>Pteris tremula</i> R.Br.